

**ELENIR FEDOSSE**

**PROCESSOS ALTERNATIVOS  
DE SIGNIFICAÇÃO DE UM  
POETA AFÁSICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito para a obtenção do título de Doutora em Lingüística, na Área de Neurolingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

CAMPINAS  
Fevereiro de 2008

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

F319p

Fedosse, Elenir.

Processos alternativos de significação de um poeta afásico / Elenir Fedosse. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Maria Irma Hadler Coudry.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Linguagem. 2. Afasia. 3. Processos alternativos de significação. 4. Neurolingüística discursiva. 5. Fonoaudiologia. I. Coudry, Maria Irma Hadler. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Alternative processes of signification for an aphasic poet.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Language; Aphasia; Alternative processes of signification; Discursive neurolinguistic (DN); Phonoaudiology.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

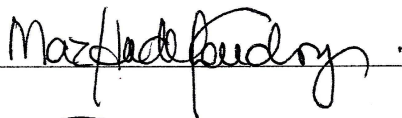
Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry (orientadora), Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto, Profa. Dra. Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Profa. Dra. Regina Yu Shon Chun e Dra. Fernanda Maria Pereira Freire. Suplentes: Profa. Dra. Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz, Prof. Dr. Edson Françoso e Profa. Dra. Ana Paula de Freitas.

Data da defesa: 22/02/2008.

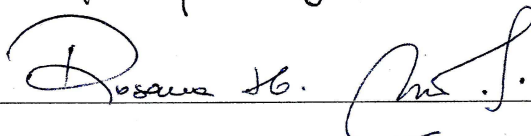
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

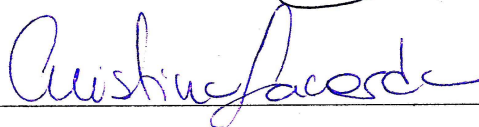
Maria Irma Hadler Coudry



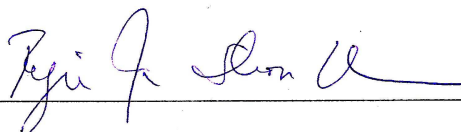
Rosana do Carmo Novaes Pinto



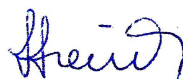
Cristina Broglia Feitosa de Lacerda



Regina Yu Shon Chun



Fernanda Maria Pereira Freire



Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz

Edson Franozo

Ana Paula de Freitas

IEL/UNICAMP

2008

Dedico este trabalho àqueles que me ensinaram, como a “Helena” de Machado de Assis, que “o melhor modo de viver em paz é nutrir o amor-próprio dos outros com pedaços do nosso”:

meus pais – Germano (*in memoriam*) e Izaura –,  
meu marido (Beto) e meus filhos (Clarice, Bruno e Antonio).  
Prof. Carlos Franchi (*in memoriam*) e  
SL (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Maza - pela confiança depositada em mim, pelo incentivo e compreensão nas horas difíceis e pela competência na orientação desta pesquisa. Agradeço-a, sobretudo, pela direção que as suas reflexões tem possibilitado ao meu fazer profissional (ao ler pela primeira vez *O Diário de Narciso* encontrei a trilha e o caminho de uma prática fonoaudiológica realmente comprometida com as pessoas).

Às professoras Rosana do Carmo Novaes Pinto, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Regina Yu Shon Chun e Fernanda Maria Pereira Freire pelas importantes contribuições a esta pesquisa; agradeço-as pela amizade e imenso carinho. Agradeço também as professoras Ana Paula de Freitas e Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz e ao Prof. Edson Françoso.

As minhas irmãs – Beta e Eliana – excelentes profissionais (respectivamente, terapeuta ocupacional e fisioterapeuta) que muito me auxiliam no meu caminhar profissional e científico (elas sabem *tudo* de Neurologia e de *como bem cuidar das pessoas*), mas, mais que isso, elas viabilizam o meu cotidiano - se faço o que faço é porque as tenho como parceiras.

Às companheiras e aos companheiros de trabalho e de estudo (da Neurolingüística). Enquanto “fazia a tese” trabalhei em vários lugares – no Curso de Fonoaudiologia da UNIMEP e no da UNICAMP e, mais recentemente, no PATIO (Programa de Atendimento Terapêutico – Integração e Orientação – APAE/Campinas); em todos lugares, tenho amigas e amigos que muito me ajudaram. São tantas as pessoas queridas que não ousa nomeá-las, pois não quero correr o risco de me esquecer de ninguém, por isso: *pessoas amigas do peito da UNIMEP, da UNICAMP e da APAE meu profundo agradecimento!*

As minhas alunas e (raros) alunos da UNIMEP e da UNICAMP que, inúmeras vezes, me ouviram falar de SL e de outros assuntos da tese; saibam que muitos dos argumentos dela foram gerados no convívio com vocês.

Às pessoas e aos seus familiares que confiaram e, ainda, confiam em meu trabalho. Agradeço, especialmente, à Lúcia.

Ao “pessoal de apoio do IEL”; à gentileza e à competência do Cláudio, da Rose e do Carlinhos. Agradeço imensamente à Tamires tão competente e dócil (disponível em horas bem difíceis); obrigada também à Malu (mais distante nos últimos anos, mas sempre disponível).

À Helenice, ao Carlos, à Clélia e ao Marcos, pessoas amigas sem as quais ficaria mais difícil pôr o ponto final nesta tese.

Por fim, agradeço a Deus (por tudo da minha vida)!

“[...] a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e, como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. [...]”.

*Guimarães Rosa*

## RESUMO

Esta pesquisa se ocupa da análise de fatos lingüístico-cognitivos/psíquicos de um poeta afásico (SL). Adota a perspectiva teórico-metodológica da Neurolingüística Discursiva (ND) desenvolvida na UNICAMP por Coudry, desde 1988 e, nesse sentido, parte do princípio de que os sujeitos afásicos, tal como sujeitos não afásicos, realizam *trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico*, cuja expressão nas afasias pode ser entendida como *processos alternativos de significação*. São apresentados e discutidos alguns dos *processos alternativos de significação* que SL usa para lidar com a afasia e manter-se sujeito da linguagem. Destaca-se o papel da função poética na emergência de tais processos e na reorganização da linguagem. A análise dos dados, realizada especialmente à luz dos conceitos jakobsonianos, possibilitou refinar conhecimentos acerca dos *processos alternativos/criativos de significação*; favoreceu a compreensão de como SL afásico lidava com a bipolaridade da linguagem e com os demais processos cognitivos/psíquicos. Além do estudo de caso, esta pesquisa analisa parte da produção teórica e metodológica referente às afasias no âmbito da Neurologia/Neurociência e da Fonoaudiologia, e apresenta a Neurolingüística Discursiva (ND) como uma importante referência aos estudos e às práticas clínicas junto a sujeitos cérebro-lesados.



## **ABSTRACT**

*This research deals with an analysis of the linguistic-cognitive/psychic facts of an aphasic poet subject (SL). It adopts the theoretical-methodology perspective of the Discursive Neurolinguistics (ND) which has been developed in UNICAMP by Coudry since 1988 and thus part of the principle is that aphasic subjects as well as the non-aphasic ones carry out linguistic-cognitive/psychic work whose expression in aphasias can be understood as alternative processes of signification. Some of the alternative processes of signification are presented and discussed and those are used by SL to deal with aphasia and remain subject of the language. The role of the poetic function is highlighted in case of an emergency of such processes and in reorganizing the language. The data analysis which is carried out especially under the jakobsonian concepts could detail the knowledge related to alternative processes of signification that is to favor the understanding of how aphasic SL deals with the bipolarity of the language and with other cognitive/psychic processes. In addition to the case study, this research analyzes part of the theoretical and methodological production of Neurology/Neuroscience and of Phonoaudiology related to aphasias and presents Discursive Neurolinguistic (DN) as an important reference to the studies and to clinical practices with damaged brains subjects.*

## Lista de tabelas

		<i>página</i>
Tabela 1	Trabalhos referentes às afasias – Revista Distúrbios da Comunicação	98
Tabela 2	Marcação da transcrição	132

## Lista de figuras

		<i>página</i>
Figura 1	Esquema do Trabalho Lingüístico proposto por Geraldi	36
Figura 2	Diagnóstico diferencial dos principais tipos de afasia	93
Figura 3	Corte horizontal do hemisfério cerebral esquerdo	125
Figura 4	Esquema do trato motor	126

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
---------------------------	-----------

### **CAPÍTULO 1**

<b>Da elaboração e da noção de trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico .....</b>	<b>27</b>
--	-----------

1.1 - Da intrínseca e dinâmica relação sujeito/linguagem .....	28
--	----

### **CAPÍTULO 2**

<b>Trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico de sujeitos afásicos: <i>processos alternativos de significação</i> .....</b>	<b>45</b>
--	-----------

2.1 - A estruturação e o funcionamento da linguagem na perspectiva <i>jakobsoniana</i> .....	50
--	----

2.2 - Da redistribuição das funções lingüísticas nas afasias .....	55
--	----

2.3 - Do sistema lingüístico e de sua inter-relação da língua com outros sistemas semióticos .....	63
--	----

### **CAPÍTULO 3**

<b>Linguagem, afasia e sujeito afásico: perspectivas vigentes em Neurologia/Neurociência e em Fonoaudiologia .....</b>	<b>73</b>
--	-----------

3.1 - Concepção de linguagem, de afasia e de sujeito na obra – Manual de Neurologia .....	78
---	----

3.2 - Concepção de linguagem, de afasia e de sujeito na obra – Princípios da Neurociências .....	88
--	----

3.3 - Estudos relacionados à afasia e à terapêutica de sujeitos afásicos – Revista Distúrbios da Comunicação .....	97
--	----

### **CAPÍTULO 4**

<b>Processos alternativos de significação de SL .....</b>	<b>119</b>
---	------------

4.1A análise dos dados lingüístico-cognitivos/psíquicos de SL .....	132
---	-----

<b>DADO 1 - DE TUDO UM POUCO .....</b>	<b>133</b>
<b>DADO 2 - NEM QUE A VACA TUSSA .....</b>	<b>138</b>
<b>DADO 3 - O PORTUGUÊS .....</b>	<b>140</b>
<b>DADO 4 - CALÇA DE PERNA DE FORA .....</b>	<b>141</b>
<b>DADO 5 - BRINCANDO COM AS PALAVRAS 1 .....</b>	<b>143</b>
<b>DADO 6 - BRINCANDO COM AS PALAVRAS 2 .....</b>	<b>145</b>
<b>DADO 7 - PEIXE E QUADRO X PINTADO E PINTURA .....</b>	<b>148</b>
<b>DADO 8 - AMPLIAÇÃO .....</b>	<b>152</b>
<b>DADO 9 - A GENTE TEM BOA VONTADE .....</b>	<b>155</b>
<b>DADO 10 - ADIVINHAÇÕES .....</b>	<b>158</b>
<b>DADO 11 - ENCARNECEU .....</b>	<b>160</b>
<b>DADO 12 - JABUTICABA .....</b>	<b>163</b>
 <b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>Da intervenção fonoaudiológica com sujeitos afásicos orientada pela ND .....</b>	<b>169</b>
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>179</b>
 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>187</b>
 <b>ANEXO I - BIOGRAFIA RESUMIDA de ROMAN OSIPOVIC JAKOBSON .....</b>	<b>197</b>
<b>ANEXO II - Rua do Orfanato .....</b>	<b>200</b>

## APRESENTAÇÃO

### QUEM SOU?

Se queres saber,  
Quem sou,  
Pense na vida,  
No passado,  
E onde encontrases amor  
Serei Eu,  
E mais ninguém.

Se queres saber  
Quem sou  
Pense ainda  
Nas sobras da vida  
E onde encontrases dor,  
De certo serei Eu  
E mais ninguém.

Se queres saber  
Quem sou  
Sofre pouco,  
Ame muito,  
E onde estiveres  
De certo estarei Eu  
Contigo,  
E mais ninguém.

(D'Eu)

Escrito em 24/02/1990  
Publicado em 10/04/2005

Apesar dos riscos, não encontro outro modo para iniciar este trabalho se não este: usar as próprias palavras de SL (D'Eu), o sujeito desta tese, para apresentá-los (ele e a tese). Entendo que SL falando por meio de um de seus poemas (escrito onze anos antes do episódio lesional que o deixou afásico), explicita com clareza e contundência a questão desta pesquisa, qual seja: os

modos pelos quais os *sujeitos realizam trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico*<sup>1</sup> cuja expressão nas afasias é entendida como *processos alternativos de significação*.

Pretendo nesta tese evidenciar a relação dinâmica entre a linguagem (principal marca do humano) e quem a usa - os sujeitos - compreendidos, por isso, como seres lingüístico-sociais. Nos termos de Franchi (1977, p. 12), a linguagem é o trabalho pelo qual,

[...] histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos.

O que Franchi (1977)<sup>2</sup> diz a respeito do sistema lingüístico (da língua) pode ser estendido aos outros sistemas de significação: atividade gestual, pictográfica, fotográfica, cenográfica, musical *etc.* Assume-se, aqui, que a significação é sim lingüística; porém fazem parte dela outros elementos perceptivo-motores que não os verbais, por exemplo: os gestos, as imagens (desenhos, fotografias, esculturas *etc.*), os sons (melodias, ruídos, onomatopéias *etc.*). Dito de outra forma: na significação interagem o verbal e o não verbal, o que não quer dizer que todos os signos funcionem identicamente ou que pertençam a um único sistema

---

<sup>1</sup> *Trabalho lingüístico-cognitivo* tem sido usado no interior dos estudos discursivos das afasias desde a elaboração lingüística do postulado *vigotskiano* de que a linguagem participa, direta ou indiretamente, de todos os processos cognitivos (Coudry e Morato, 1988). Estudos recentes desenvolvidos no interior da Neurolingüística Discursiva (ND), por exemplo, os de Carvalho (2001), Coudry (2002 e 2003), Freire (2005) e Bordin (2006) têm agregado *psíquico* à expressão como forma de explicitar devidamente as contribuições de autores como Vigotski, Luria e Freud.

<sup>2</sup> Em 1977 é publicado pela primeira vez o artigo “Linguagem – Atividade Constitutiva” no periódico Almanaque, nº 5; em 1992, no *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº 22 (dedicado a homenagear o Professor Franchi em seus 60 anos) o referido artigo é novamente publicado e, em 2002, um ano após a sua morte, no número especial da Revista do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo) - lançado no *50º Seminário do GEL em memória de Carlos Franchi (1932-2001)* -, tal artigo é mais uma vez publicado.

(BENVENISTE, 1969 - 1974/1989<sup>3</sup>). Por isso, um signo, seja ele verbal/lingüístico ou não verbal/não lingüístico, deve ser tomado e compreendido como pertencente a um *sistema* de signos. Nos termos de Benveniste, essa condição sistêmica é a condição de significância, ou seja, cada signo tem seu valor particular dentro do sistema e cada sistema de signos tem seu valor no conjunto dos sistemas significativos/semióticos.

Convém dizer que essa relação sistema verbal/outras sistemas semióticos não é preocupação recente nos estudos da linguagem. Benveniste (1969 - 1974/1989) - em *Semiologia da língua* - ensaio em que busca esclarecer o lugar do sistema lingüístico entre os sistemas de signos - inicia suas considerações dizendo que Pierce (1839-1914) e Saussure (1857-1913) - *dois gênios antitéticos* (usando a descrição de Benveniste), contemporâneos e em total ignorância um do outro - conceberam a possibilidade de uma *ciência geral dos signos* (*Semiótica* ou *Semiologia*, respectivamente).

Benveniste esclarece que Pierce dedicou sua vida à elaboração da Semiótica, enquanto que Saussure apenas reconheceu a necessidade de uma ciência que se ocupasse dos signos no seio da vida social e afirmou, inclusive, que a Lingüística faria parte dessa ciência por vir - a Semiologia. Assim, conclui Benveniste, Pierce dedicou-se obstinadamente a construir uma explicação para os signos e as significações gerando um imenso conjunto

[...] de definições visando repartir a totalidade do real, do concebido e do vivido nas diferentes ordens de signos. [...] Pierce colocou uma tripla divisão dos signos, em ÍCONES, ÍNDICES e SÍMBOLOS, que é pouco

---

<sup>3</sup> Convém explicitar que as notações bibliográficas usadas neste estudo seguem um princípio cronológico; trata-se da tentativa de respeitar o contexto histórico-científico em que foi produzido o referido conhecimento. Sendo assim, coloca-se em primeiro lugar a data da publicação original, em seguida, a da edição aqui usada. No caso de textos traduzidos, isso também se aplica: em primeiro lugar encontra-se a data da publicação original separada por hífen da primeira publicação brasileira e, em seguida, tem-se a data da edição usada; porém, há textos em que não foi possível identificar a data da publicação original e, nesses casos, identifica-se apenas a edição usada neste estudo.



mais ou menos tudo o que se retém hoje da imensa arquitetura lógica que ela subentende.

No que concerne à língua, Pierce não formula nada de preciso nem de específico. Para ele a língua está em toda parte e em lugar nenhum. [...] A língua se reduz para ele, às palavras, e estas são igualmente signos, mas elas não são do domínio de uma categoria distinta ou mesmo de uma espécie constante. As palavras pertencem, na sua maior parte, aos 'símbolos'; algumas são 'índices', por exemplo, os pronomes demonstrativos, e neste sentido elas serão classificadas com os gestos correspondentes, por exemplo, o gesto de apontar. (BENVENISTE, 1969 - 1974/1989, p. 44).

Do ponto de vista de Benveniste, a concepção *pierceana* é problemática, pois ao estabelecer que o signo está na base do universo inteiro e que ele funciona como princípio de definição para cada elemento e princípio de explicação para todo o conjunto, coloca o signo sem condição de se auto-referir. “Para que a noção de signo não se anule nesta multiplicação ao infinito, é necessário que em alguma parte o universo admita uma DIFERENÇA entre o signo e o significado” (Benveniste, 1969 – 1974/1989, p. 45).

Quanto a Saussure, conforme já dito, Benveniste esclarece que o autor, certo da complexidade e da possibilidade de a linguagem ser analisada sob diferentes pontos de vistas, por uma opção metodológica, reserva à Lingüística o estudo da língua e deixa para a possível ciência dos signos os demais aspectos da linguagem. O autor ressalta que Saussure, diferentemente de Pierce, afirmou o caráter semiótico da língua postulando que um *signo*, antes de tudo, é uma *noção lingüística* que se estende a outras ordens de fatos humanos e sociais; apesar de existirem outros sistemas homólogos ao da língua, ela é o mais importante dos sistemas de significação.

Enquanto Benveniste aponta limites na teorização de Pierce e se empenha, como sugere Saussure, no esclarecimento do lugar da língua no conjunto dos

sistemas semióticos, Jakobson, pelo contrário, reconhece a abrangência e a qualidade dos estudos *pierceanos*, referindo-os e enaltecendo-os inúmeras vezes. Jakobson (1953 -1969/1999), ressalta a pertinência das idéias de Pierce destacando a classificação semiótica por ele proposta e a noção de que a linguagem é um caso particular (sub-classe) de signos e que sempre que se fala em linguagem deve-se compará-la com outros sistemas semióticos. O autor, reforçando esse ponto de vista, cita os estudos de McQuown<sup>4</sup> sobre diferentes sistemas semióticos, cujas conclusões são relativamente semelhantes às de Benveniste e de Saussure: não há igualdade entre os signos, e a linguagem verbal é o sistema semiótico mais importante. Segundo Jakobson, McQuown ressalta que os demais sistemas semióticos são *acessórios* ou *derivados* da linguagem; nesse sentido, linguagem e cultura se implicam mutuamente: a linguagem é parte integrante da vida social, ela é o próprio fundamento da cultura.

Apesar de percorrerem caminhos diferentes e, por isso, produzirem argumentos também diferentes, Benveniste e Jakobson concordam em um ponto, qual seja: o de que o estudo do sistema lingüístico implica o estudo de outros sistemas semióticos; o que significa dizer que reconhecem uma relação entre sistema verbal e sistemas não-verbais - ponto de vista esse também assumido nesta pesquisa que se ocupa da análise dos *processos de significação* de SL, um poeta-afásico real porque historicamente situado, que usando a linguagem verbal como usa (abusando de seu potencial criativo – dele e da língua) mantém-se na condição de sujeito que produz e que interpreta sentidos.

---

<sup>4</sup> Norman A. McQuown, professor emérito de Antropologia e de Lingüística, na Universidade de Chicago (1946 - 2005), foi um dos principais especialistas em línguas e culturas indígenas do México e da América Central; contribuiu substancialmente para a análise pormenorizada das interações humanas, usando técnicas de gravação e desenvolvendo método de transcrição lingüística e de movimentos do corpo - gestos, características vocais *etc* -, possibilitando, assim, o estudo dos sistemas não-verbais presentes na comunicação interpessoal. Muitos dos trabalhos acadêmicos de McQuown encontram-se reunidos na obra *Language, Culture and Education: Essays by Norman A. McQuown*, editada em 1982, por Anwar Dil (<http://linguistlist.org/issues/16/16-2632.html>. Acesso em 19 nov. de 2007).

Portanto, o principal objetivo desta tese diz respeito ao refinamento do conceito de *processos alternativos de significação*; procura, também, mostrar como o entendimento de *tais processos* pode favorecer a intervenção fonoaudiológica junto a sujeitos afásicos, fato que não deixa de repercutir na formação e na prática de fonoaudiólogos (profissionais da saúde habilitados para atuarem com os chamados *distúrbios da comunicação humana*). Nesse sentido, este estudo destaca os *processos alternativos/criativos de significação* (produzidos por sujeitos afásicos) como fundamentais para o entendimento do que pode ser feito ao longo dos processos de avaliação e de terapia fonoaudiológica desses sujeitos.

Considero conveniente dizer que os objetivos desta tese resultam de anos dedicados à atenção de pessoas com afasia; posso assegurar, pelos mais de vinte anos de relacionamento interdisciplinar possibilitado no cuidado terapêutico de pessoas com lesões e/ou disfunções neurológicas, que o potencial criativo e reflexivo da linguagem é ainda pouco conhecido pelos profissionais que se envolvem diretamente com tais pessoas. São raros os profissionais que assumem a linguagem como atividade constitutiva que sustenta e que é sustentada na interação social, a maioria deles concebe a linguagem como código de comunicação; o sujeito lesionado cerebral é visto como aquele que tem dificuldades ou que não consegue mais falar ou escrever segundo as regras gramaticais da língua.

Os objetivos deste estudo são alcançados por meio da descrição e análise de alguns dos inúmeros *processos alternativos de significação* usados por SL, um sujeito que, como todos os outros, guarda uma história singular de relação com a vida e com a linguagem. Nascido em uma pequena cidade do interior paulista, em abril de 1945 e falecido em junho de 2006 (vítima de uma síncope), SL era casado, pai de dois filhos, formado em Administração de Empresas; trabalhou em

várias áreas desde muito jovem. Aos 56 anos de idade, após um Acidente Vascular Cerebral (AVC) de natureza isquêmica e também hemorrágica (a pressão alta provocou uma isquemia e, como complicação, também uma hemorragia), passou a conviver com dificuldades de *linguagem verbal* e com certo limite da *atividade corporal* (dificuldade para andar e para usar a mão e o braço direito); porém, sempre se portou como um observador atento e sensível aos fatos do mundo e da vida, conforme demonstra este estudo. Fotógrafo, poeta (amador, conforme suas palavras) e amante de música, SL não deixou de exercitar tais atividades, ainda que com menor intensidade após o episódio lesional.

SL participou do Grupo II do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), do Laboratório de Neurolingüística (LABONE/IEL/UNICAMP<sup>5</sup>), de agosto de 2002 a junho de 2006 e, também foi acompanhado, entre maio de 2004 e abril de 2005, em Fonoaudiologia, por mim. Foi, pois, em um período de aproximadamente cinco anos, que se pôde conhecer o modo de SL ser e estar na vida/linguagem; na convivência no CCA e nas sessões fonoaudiológicas puderam-se constatar a intensidade e as particularidades do *trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico* de SL, ou seja, puderam ser identificados os *processos alternativos de produção e de*

---

<sup>5</sup> O LABONE está vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e desde 1998 faz parte do organograma administrativo do instituto; funciona em sede própria, num prédio de 120m<sup>2</sup> equipado com isolamento acústico e recursos audiovisuais para as atividades de docência e de pesquisa; conta com uma ampla sala (com cozinha e banheiro conjugado) e anexa a ela tem-se uma sala para observação e registro das atividades com espelho-espião; há ainda outras quatro salas que abrigam o arquivo, as salas dos docentes e a secretaria. No LABONE são realizadas as sessões, em grupo, do CCA (o primeiro grupo montado em 1989) e do CCL (Grupo de Convivência de Linguagens – também chamado de CCazinho) que funcionando desde agosto de 2004 com a participação de crianças e jovens com e sem lesão cerebral que apresentam dificuldades na aquisição e no uso da linguagem oral e escrita. Participam, pois, de tais grupos de convivência sujeitos com dificuldades lingüístico-cognitivas/psíquicas, pesquisadores (alunos de graduação e pós-graduação), terapeutas, familiares e eventuais visitantes, vivenciando diversas situações e práticas discursivas, ou seja, o eixo central do CCA e do CCazinho é vivenciar situações de uso sociocultural da linguagem que demandam várias configurações textuais (COUDRY, 1992; 2002). Portanto, de tais grupos retiram-se dados que têm favorecido o desenvolvimento teórico e metodológico da Neurolingüística Discursiva – ocupada que é do estudo da relação linguagem/cérebro/mente. Atualmente, o CCA funciona com três grupos de trabalho, um coordenado pela Profa Dra Rosana do Carmo Novaes Pinto (Grupo III), outro pela Profa Dra Maria Irma Hadler Coudry (Grupo II) e o terceiro pela Profa Dra Edwiges Maria Morato (Grupo I), e o CCazinho funciona com um grupo, orientado pela Profa Maria Irma Hadler Coudry.

*interpretação de sentidos* por ele usados, muitos deles comumente descritos na Afasiologia e literatura neuropsicológica e neurolingüística, outros, no entanto, muito singulares.

Este estudo está organizado em cinco capítulos, sendo que no primeiro, apresentam-se alguns dos pressupostos constitutivos da Neurolingüística Discursiva (ND) – a perspectiva teórico-metodológica que o orienta; ocupa-se, especialmente, da noção de *trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico* da qual deriva a de *processos alternativos de significação*.

No segundo capítulo, intensifica-se a discussão sobre os *processos alternativos/criativos de significação* – conceito desenvolvido no interior do estudo discursivo das afasias (COUDRY, desde 1986/1988) – incorporando-se as reflexões de Jakobson (1959/1969 – 1999) referentes à tradução (intralingual, interlingual e intersemiótica) e à transposição criativa, assim como outros argumentos relativos à criatividade da linguagem (FRANCHI, 1977 e 1988/2006).

O terceiro capítulo consiste na apresentação e na análise das concepções adotadas no estudo e na prática clínica/terapêutica junto a sujeitos afásicos; para tanto, revisam-se textos da Neurologia/Neurociência (visto que a partir deles se dá a formação básica em Neurologia de fonoaudiólogos e de outros profissionais da saúde dedicados à (re)abilitação de sujeitos com lesões ou disfunções neurológicas) e da Fonoaudiologia, pois, enquanto fonoaudióloga, interessa-me discutir o atual estado teórico e metodológico sobre as afasias, bem como relacioná-lo à perspectiva teórico-metodológica adotada neste estudo.

No quarto capítulo apresentam-se e analisam-se os dados neurolingüísticos de SL. Realiza-se, portanto, um estudo de caso dedicado à análise dos modos e das condições de produção e de interpretação de sentidos por SL. O *corpus* desta pesquisa é estabelecido principalmente a partir do Banco de Dados em

Neurolingüística (BDN)<sup>6</sup> - o qual reúne e sistematiza os dados das sessões do Grupo II do CCA - e, também, das sessões fonoaudiológicas por mim realizadas.

No quinto capítulo são ressaltados os princípios de uma intervenção em Fonoaudiologia assentada nos pressupostos da ND; discute-se como o trabalho *com, sobre e de* linguagem (possibilitado em situação clínica - na terapia fonoaudiológica) mobiliza o seu aprimoramento e o de outros processos cognitivos/psíquicos. Busca-se, assim, firmar as contribuições deste estudo para uma atuação fonoaudiológica comprometida com a linguagem de sujeitos afásicos, o que significa dizer comprometida com a qualidade de vida/saúde desses sujeitos.

---

<sup>6</sup> O BDN tem servido a várias pesquisas e tem sido elaborado no interior do “Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados” (CNPq 521773/95-4), coordenado pela Profa Dra Maria Irma Hadler Coudry. As sessões do CCA e do CCAzinho são gravadas em áudio e vídeo, além de serem registradas em um diário por um pesquisador do grupo. O registro em diário serve como fonte para um primeiro contato dos pesquisadores com os dados; as transcrições são feitas, conforme normas do BDN, em tabelas que dão visibilidade às condições de produção dos enunciados verbais e também não-verbais. As fitas e suas transcrições/*découpages* estão sendo arquivadas no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE/IEL/UNICAMP).

## CAPÍTULO 1

### DA ELABORAÇÃO E DA NOÇÃO DE TRABALHO LINGÜÍSTICO-COGNITIVO/PSÍQUICO

Neste capítulo discute-se o percurso da elaboração de uma das teses mais importantes da ND - a noção de *trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico* no contexto das patologias da linguagem - buscando-se esclarecer os pressupostos que sustentam a formulação dos *processos alternativos/criativos de significação* como a condição de sujeitos afásicos se manterem sujeitos lingüístico-sociais.

Entremeados aos conceitos/pressupostos, tem-se a história da construção da ND<sup>7</sup>, de modo que se procura marcar o movimento que tem possibilitado tal formulação. Por vezes, ratificam-se argumentos defendidos desde os primeiros trabalhos dedicados ao estudo discursivo das afasias, por outras, são aprimorados ou introduzidos pressupostos que se mostram oportunos para firmar tal noção, revelando, mais uma vez, que na ND não cabem dicotomias, mas sim inter(relações): interação sujeito/linguagem, biológico/cultural; sujeitos afásicos/sujeitos não afásicos, avaliação/terapia, dado/teoria, continuidade sensório-motora, trânsito entre os pólos metafóricos e metonímicos da linguagem *etc.*

---

<sup>7</sup> Em seu patrimônio teórico-metodológico a ND tem articulado teorias lingüísticas (BENVENISTE, 1954/1988; 1974/1989; JAKOBSON 1954/1970, 1956/1969, 1967/1969; FRANCHI, 1976, 1977, 1988; OSAKABE, 1979; DE LEMOS, 1982, 1984 e 1986; PÊCHEUX, 1983; MAINGUENEAU, 1989; POSSENTI, 1988; ALBANO, 1990, GERALDI, 1991, entre outros), a pressupostos histórico-culturais envolvidos na produção do conhecimento humano (VIGOTSKI, 1929/1984 e 1934/1988) e à concepção sistêmica e dinâmica da organização e do funcionamento cerebral (LURIA, 1981; 1987; FREUD 1891/1973 e 1895/1999). No entanto, conforme indicado, não se pretende neste capítulo, rever todos os princípios da ND desenvolvida no IEL; destacam-se os fundamentais para a noção de trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico e, conseqüentemente, a de *processos alternativos de significação* aqui tratada.

## 1.1 – Da intrínseca e dinâmica relação sujeito/linguagem

Há mais de duas décadas, exatamente desde 1982, tem-se desenvolvido na UNICAMP uma perspectiva teórico-metodológica dedicada à interpretação de *atos da linguagem* de sujeitos lesionados cerebrais cujo resultado tem-se firmado como uma importante construção teórico-metodológica: a Neurolingüística Discursiva (a ND)<sup>8</sup>.

Tal perspectiva tem sua origem na tese de doutorado de Coudry (1980 - 1986) – *Diário de Narciso: avaliação e acompanhamento longitudinal de linguagem de sujeitos afásicos de uma perspectiva discursiva*<sup>9</sup> – orientada pelo Professor Carlos Franchi<sup>10</sup> e co-orientada pelo Professor Hakira Osakabe -, apesar do interesse de Coudry pela relação cérebro-linguagem ser anterior ao referido estudo<sup>11</sup>. Ressalta-se que a autora, por ocasião de seu doutorado, fez formação em Neurolingüística na Universidade Livre de Bruxelas, realizando um estágio clínico com o Professor Dr. Yvan Lebrun, no Hospital Bordet (1982 e 1984), quando pôde, enquanto lingüista, analisar o quê de lingüístico a avaliação neurolingüística tradicional avaliava (Coudry, 1995).

---

<sup>8</sup> Convém ressaltar que a Neurolingüística, na UNICAMP, estabelece-se, primeiramente como área de extensão do curso de graduação em Lingüística, posteriormente, torna-se disciplina regular desse curso e área de concentração do programa de pós-graduação em Lingüística. Atualmente, é também uma disciplina regular do curso de graduação em Fonoaudiologia (Faculdade de Ciências Médicas/FCM – Instituto de Estudos da Linguagem/IEL), da universidade.

<sup>9</sup> Esta pesquisa foi publicada integralmente em livro – *Diário de Narciso – discurso e afasia*, em 1988.

<sup>10</sup> Para uma aproximação da grandeza dessa orientação sugiro a leitura da edição on-line do Jornal da UNICAMP, de setembro de 2001, homenagem póstuma a Carlos Franchi ([http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/set2001/unihoje\\_ju166\\_tema03.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/set2001/unihoje_ju166_tema03.html). Acesso em 05 de set. de 2007). Destaco aqui um trecho do depoimento de Coudry sobre a importância do Prof. Franchi no desenvolvimento da Neurolingüística Discursiva (ND). Segundo a autora, Franchi frente aos dados de um dos sujeitos afásicos acompanhados por ela fez a seguinte observação: “[...] esse sujeito tem linguagem, ele não perdeu as relações semânticas, as relações com as categorias do mundo e com o outro: essa é a sua tese” (grifos meus).

<sup>11</sup> Em 1972, alunos e docentes do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) e do Instituto de Biologia (IB) buscavam estudar a relação da Lingüística com a Biologia e da linguagem com o cérebro; Coudry, por exemplo, entre 1974 e 1978, sob orientação do Prof. Dr. Armando Freitas da Rocha (então professor do IB/UNICAMP), desenvolve a dissertação de Mestrado - *Considerações iniciais sobre sistemas neurais e linguagem*.



A autora, no contato com o professor Lebrun, tem a oportunidade de discutir o privilégio que a avaliação neurolingüística tradicional dá às atividades metalingüísticas. A propósito, Lebrun (1983), em uma publicação nacional – Tratado de Afasia<sup>12</sup> - em um capítulo especialmente dedicado à avaliação das afasias reconhece tal privilégio e afirma que na maioria dos testes neuropsicológicos, se não em todos,

[...] solicita-se que os pacientes manejem a linguagem, isto é, usem-na em seu valor intrínseco e não como meio de comunicação. O paciente tem que repetir palavras ou sentenças, fazer sentenças com palavras especificadas pelo examinador, contar o significado de palavras ou provérbios, dizer palavras que pertençam a uma categoria semântica previamente estipulada. Todas essas tarefas são metalingüísticas. Nomear ou indicar objetos pedidos pelo examinador também são provas metalingüísticas, desde que o paciente deva dizer qual a palavra usada para designar determinado objeto ou indicar a que objeto uma dada palavra se refere.

Metalinguagem é diferente de linguagem como objeto, que é o uso da linguagem para a comunicação, para transmitir informação de natureza não verbal. Como é mostrado em outros trabalhos sobre afasia [...] a metalinguagem pode ser marcadamente mais prejudicada do que a linguagem como objeto. (LEBRUN, 1983, pp. 99 -100).

Lebrun é também muito claro no que se refere aos resultados da avaliação neurolingüística tradicional dizendo que desde que

---

<sup>12</sup> O Tratado de Afasia (1983) é uma publicação que reúne as principais palestras do Prof Dr Yvan Lebrun proferidas por ocasião de dois encontros ocorridos na cidade de São Paulo: o 1º Simpósio Internacional de Afasia (1980) e um outro, em 1981, promovido pelo Centro de Estudos Fonoaudiológicos (subvencionado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP), ambos organizados pela fonoaudióloga e atual coordenadora de Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Profa Dra Maria Alice Parente.

[...] os testes de afasia tradicionais controlam as habilidades metalingüísticas do paciente, os resultados deles não podem ser tomados em consideração para exprimir as capacidades de comunicação do paciente. De fato, os escores dos testes podem estar consideravelmente abaixo da proficiência verbal do paciente em situações várias onde a linguagem é usada para interagir com o meio ambiente. (LEBRUN, *ib idem* 1983, pp. 99-100).

Coudry (1986/1988; 1995) conclui, pois, que os testes padronizados (as baterias estandarizadas) usados em situação clínica de avaliação de sujeitos afásicos recorrem e avaliam, de fato e ainda de modo incompleto, as atividades metalingüísticas, por exemplo: a nomeação de objetos e/ou de figuras, a repetição de palavras, de sílabas e/ou de fonemas. Desse modo, a linguagem em toda sua complexidade - em seu papel interpretativo - de representar experiências e conteúdos sobre si própria, sobre os outros e sobre o mundo deixa de ser exigida, exercitada e, por isso, exibida.

É, então, a partir de tal constatação - obviamente que possibilitada por uma concepção abrangente de linguagem: *linguagem como atividade constitutiva* (FRANCHI, 1976; 1977) -, que Coudry inaugura os estudos da afasia sob uma perspectiva discursiva. Nessa perspectiva analisa-se *a linguagem* de sujeitos afásicos (conforme a, já indicada, colocação inicial de seu orientador Professor Carlos Franchi) e não se faz apenas o levantamento e a análise das *alterações da linguagem* nas afasias, enquadrando-as como pertencentes a uma ou outra categoria clínica<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> O estudo de Novaes-Pinto (1999) – *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas* – discute de modo aprofundado algumas concepções que se encontram enraizadas nos estudos das afasias e destaca, por exemplo, que a noção de categoria clínica salienta a natureza patológica dos fenômenos lingüísticos, ou seja, os fatos lingüísticos são analisados somente como perdas e déficits. Segundo a autora, os procedimentos quantitativos, próprios das avaliações neuropsicológicas tradicionais, reforçam tal tendência e se mostram ineficazes para apreenderem a variação das manifestações lingüísticas presentes e possíveis nas afasias.

A concepção de linguagem de Franchi (1976; 1977) passa ao largo de seu papel *puramente* instrumental e de sua condição de código (fechado em si) de comunicação capaz de apenas por seus elementos constitutivos produzir *significação* (*ato intencional e motivado* que põe em relação de um lado, os interlocutores e, de outro, a forma das expressões verbais, ou seja, os elementos convencionais de que se servem os interlocutores enquanto interagem - FRANCHI, 1976). A propósito, Franchi observa, apoiado em Lahud (1973), que a linguagem se encontra integrada a uma *semiologia* e que é justamente porque ela não faz da comunicação sua marca distintiva que é possível o tratamento simbólico da realidade. Franchi, em concordância com Paulus (1969), assevera que a função de comunicar não é a única função da linguagem, nem mesmo a sua função essencial; ela permite antes de tudo o pensar - a substituição da experimentação motora pela experimentação mental.

No sentido acima, Franchi (1976) conclui que sem quadros fixos de valores e sem limites categoriais precisamente impostos, a linguagem constitui seu próprio *sistema de referências* (organização não formal dos modos de ver e compreender o mundo) e o ultrapassa à medida que estende seus esquemas a indefinidos universos possíveis, imagináveis. Portanto, a linguagem é um *sistema público e criativo* e, por isso, disponível para atender às necessidades e às intenções das diferentes situações de comunicação. A linguagem é sim usada como instrumento de comunicação, mas antes de sê-lo é uma *atividade de criação*:

[...] certamente comunicamos por ela aos outros as nossas experiências, estabelecemos por ela com os outros os laços 'contratuais' por que interagimos, influenciamos os outros com nossas opções relativas ao nosso modo peculiar de ver e sentir o mundo, com decisões conseqüentes sobre o modo de atuar nele.

Mas se queremos imaginar esse comportamento como uma 'ação' livre, ativa, criadora, suscetível pelo menos de renovar-se ultrapassando as convenções e as heranças, temos que apreendê-la nessa relação

instável de interioridade e de exterioridade, de diálogo e de solilóquio: antes de ser mensagem, a linguagem é construção de pensamento, antes de ser veículo de sentimentos, idéias, emoções, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos nossas experiências. (FRANCHI; 1976, pp. 46-47).

Note-se que Franchi não deixa de afirmar a linguagem como instrumento de comunicação e que como tal guarda aspectos de regularização e de normalidade (leia-se: com certa regularidade [condição de seguir normas] e, por isso, também a condição de regular outras atividades humanas), mas, sobretudo, afirma sua extraordinária virtualidade (possibilidade de ser), em seus termos: “[...] a linguagem pode ser um eficiente instrumento de subversão de categorias e de valores; [...] ela se apresenta como a esquizofrenia que pode criar universos encantados, poemas e teorias”. (FRANCHI, 1976, p. 48).

Pelo exposto acima fica clara a noção de que *na linguagem há espaço para a indeterminação* (FRANCHI, 1977): os recursos expressivos de uma dada língua, em suas dimensões sintática e semântica, são insuficientes para a identificação dos objetos referidos (realidade factual do mundo), bem como para a identificação *dos sistemas de referências* presentes nas diferentes situações de interlocução. Para Franchi, a *sistematicidade da linguagem* assenta-se no fato de carregar uma dimensão histórica e coletiva: as regras da linguagem não advêm de necessidades biológicas ou lógicas do sujeito, mas de necessidades históricas, culturais e antropológicas. Nos seus termos

[...] A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado, mas um trabalho que dá forma ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’ que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença,

seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI; 1977, p. 22; grifos meus).

Na linguagem se reproduz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos. Na interação social - que se estende pela história - é que se 'dicionariza' o significado dos elementos lexicais, assim como as expressões se conformam a princípios e a regras de construção; nela se organizam os sistemas de representação dos quais se servem os falantes para interpretar as expressões e também se estabelecem as coordenadas que permitem relacionar as expressões a determinadas situações de fato (FRANCHI, 1988/2006). É, portanto, a interação social condição necessária do desenvolvimento da linguagem; nela o sujeito se apropria do sistema lingüístico (adquire os objetos lingüísticos à medida que se constitui a si próprio como interlocutor e os outros como seus interlocutores).

A linguagem é, pois, *trabalho* que se dá na *imbricação* da produção histórica e social dos sistemas de referências e das operações discursivas (ações que os sujeitos fazem *com* e *sobre* a linguagem, respectivamente, *operações epilingüísticas* e *metalingüísticas*, bem como as ações *da* linguagem - ações *lingüísticas*).

Segundo Franchi (1977), os sistemas de referências possibilitam a significação dos recursos expressivos e as operações discursivas (que remetem aos sistemas de referência) possibilitam a intercompreensão dos enunciados produzidos pelos interlocutores nas diferentes situações discursivas, ou seja, tais operações permitem aos interlocutores a produção e interpretação de sentidos.

Convém ressaltar que as operações discursivas são possibilitadas por uma condição especial da linguagem – a de ser reflexiva (*reflexividade da linguagem*).

É, pois, essa condição da linguagem que viabiliza as ações *da* linguagem (*ações lingüísticas*), as *ações epilingüísticas* (monitoramento constante do que e de como está sendo dito) e as *ações metalingüísticas* (condição de a linguagem se auto-referir).

Conforme esclarece Geraldi (1991), a distinção entre esses três tipos de ação não deve ser tomada como classificação dos fenômenos lingüísticos, mas como um modo de abordar fenômenos que são concomitantes. Para melhor compreensão de tais ações, discute-se, a seguir, o estatuto das operações discursivas, visto que são fundamentalmente esclarecedoras da relação sujeito/linguagem e, conseqüentemente, indispensáveis para o que se defende nesta tese – os *processos alternativos/criativos de significação* como possibilidades de sujeitos afásicos se manterem sujeitos da linguagem.

Segundo Geraldi (1991, p. 20), *as atividades lingüísticas* são aquelas que “[...] praticadas nos processos interacionais, referem ao assunto em pauta, ‘vão de si’, permitindo a progressão do assunto”. Nesse sentido, as reflexões que locutor e seu interlocutor fazem enquanto agenciam (selecionam e combinam elementos lingüísticos, nos termos de Jakobson – 1955/1970, 1956/1999) os recursos expressivos e interpretativos não exigem interrupção no fluxo do que está sendo tratado, ou seja, não se faz necessário suspender as determinações do sentido que está sendo construído na interlocução.

As *atividades epilingüísticas*, assim como as lingüísticas, estão também presentes nos processos interacionais e são neles detectáveis, porém “[...] resultam de uma reflexão que toma os próprios recursos expressivos como seu objeto.” (GERALDI, 1991, p. 23). Trata-se de atividades que, ao tomarem as próprias expressões por objeto, suspendem o assunto que está sendo tratado

para refletir sobre os recursos que estão sendo usados<sup>14</sup>. As atividades epilingüísticas aparecem nas negociações de sentido: nas hesitações, pausas longas, autocorrekções, reelaborações, rasuras, repetições, antecipações, lapsos, entre outras.

Geraldi (1991) ressalta que tais atividades incidem tanto sobre os aspectos estruturais da língua (nas reformulações, nas auto ou heterocorreções), quanto sobre os mais discursivos, presentes nos processos interativos (por exemplo, quando um interlocutor pergunta ou incita o outro a falar).

Por fim, as *atividades metalingüísticas* são aquelas que

[...] tomam a linguagem como objeto não mais enquanto reflexão vinculada ao próprio processo interativo, mas conscientemente constroem uma metalinguagem sistemática com a qual falam sobre a língua. Trata-se, aqui, de atividades de conhecimento que analisam a linguagem com a construção de conceitos, classificações etc. (GERALDI, 1991, p. 25).

Pode-se dizer, então, que os sujeitos, ao usarem os recursos expressivos

---

<sup>14</sup> Geraldi esclarece que sua descrição de atividade epilingüística corresponde à função metalingüística de Jakobson (1956/1999); ressalta que tais atividades são próprias da linguagem e aparecem tanto no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem (De Lemos, 1982), como nos processos de reconstrução da linguagem pelo sujeito afásico (Coudry, 1986/1988 e Coudry e Morato, 1988). Geraldi esclarece ainda que autores como Culioli (*apud* Legrand-Gelber, 1989) e Franchi (1976; 1977) atribuem às atividades epilingüísticas estatuto de atividades inconscientes (epilinguagem = metalinguagem inconsciente), ponto de vista do qual Geraldi discorda, visto que o autor defende que produzir e interpretar sentidos sempre envolve intencionalidade. A propósito da discussão do estatuto das atividades que o sujeito realiza com, sobre e de linguagem, o estudo recente de Andrade (2007), dedicado à inter-relação linguagem e atenção (também realizado sob a perspectiva da ND) afirma a noção *franchiana* de epilinguagem respaldando-a nos conceitos neuropsicológicos *lurianos*: a atividade metalingüística inconsciente é uma espécie de atividade automatizada (o que não significa que a atenção não esteja presente, ela apenas se apresenta em menor grau). Andrade esclarece que a distinção entre atividades lingüísticas automatizadas e seletivas/conscientes (metalingüísticas) não implica uma dicotomia, mas um *continuum*. Segundo a autora, o recurso às atividades *epi* e *metalingüísticas* sempre revela um sujeito ativo “que tem uma espécie de consciência da cena enunciativa; um sujeito que pode ser considerado (...) tático e estratégico” (ANDRADE, 2007; p. 46).

de uma língua, estão a todo o momento realizando operações discursivas que incluem atividades *de*, *com* e *sobre* a linguagem. Isso, do ponto de vista de Geraldi, pode ser explicado pelo fato de a *linguagem integrar a estrutura cognitiva/psíquica* e assim *regulá-la* e *mediá-la*. Nesses termos, a linguagem se constitui como *o processo cognitivo/psíquico* que possibilita sua regulação e, mais ainda, a dos demais processos cognitivos/psíquicos - atenção, percepção, memória, praxias, raciocínio lógico-matemático (ação reguladora da linguagem – VIGOTSKI, 1934/1988 e LURIA, 1981 e 1987). Convém esclarecer que essa formulação de Geraldi se apóia em dados da reconstrução dos processos lingüísticos de sujeitos afásicos (COUDRY, 1986/1988 e COUDRY e MORATO, 1988).

É, pois, pelo trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico - contínuo e ininterrupto - realizado por diferentes sujeitos e em diferentes formações sociais (as quais suportam diferentes sistemas de referência que se cruzam e se digladiam), que a língua se constitui e se mantém; nos termos de Geraldi (1991, p. 14.): “[...] a língua que se vai constituindo mantém-se porque se modifica”. A propósito, o esquema de Geraldi bem explicita o movimento constitutivo (da língua e dos sujeitos) de que se fala aqui:

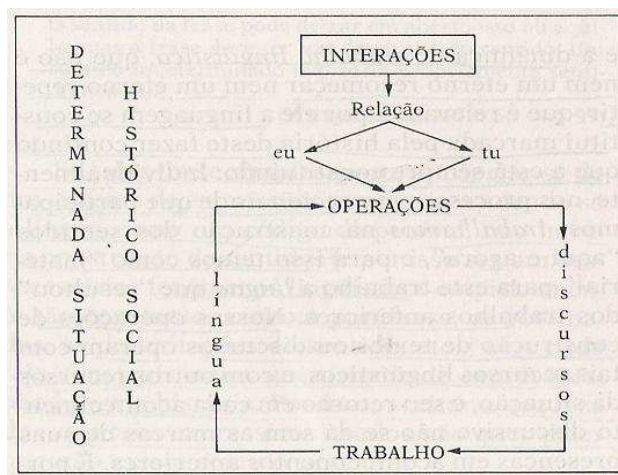


Figura 1 – Esquema do Trabalho Lingüístico proposto por Geraldi  
 Fonte: Geraldi (1991, p. 12).



Note-se que o trabalho *com, sobre e de* linguagem constitui os sistemas de referências e os sujeitos “[...] cujas consciências se formam precisamente pelo conjunto de categorias que vão incorporando, enquanto signos, nos processos interlocutivos de que participam.” (GERALDI, 1991, p. 14). É, a propósito, da noção de linguagem como atividade constitutiva (por isso criativa) que se retiram importantes argumentos para o reconhecimento da condição de sujeitos afásicos realizarem *processos alternativos/criativos de significação*. Portanto, convém discutir um pouco mais acerca da noção de *criatividade da linguagem*, recorrendo-se, mais uma vez, às afirmações *franchianas*.

Franchi (1988/2006), em – *Criatividade e Gramática*<sup>15</sup> – texto dedicado a professores voltados para o ensino da gramática, é enfático em dizer que a criatividade é algo vital e social – se desenvolve no diálogo e na contradição –, por isso, ela não se manifesta somente em um ato individual, mas na multiplicação dos interlocutores. Embora seja expressa no e por um sujeito (como um ato individual), a criatividade é um processo histórico porque supõe simultaneamente a exploração do já existente e o rompimento de limites anteriormente estabelecidos. Por isso, a criatividade está longe de “[...] reduzir-se à originalidade e à divergência e, menos ainda, à singularidade de um êxtase ou de uma inspiração: é um trabalho a muitas mãos”. (FRANCHI, 1988/2006, p 47).

No que se refere à criatividade da linguagem, o autor diz ser ela um atributo que se manifesta na construção das expressões, visto que as línguas naturais oferecem inúmeros procedimentos que asseguram ao falante (ao sujeito

---

<sup>15</sup> Esse texto encontra-se, atualmente, disponível no livro - *Mas o que é mesmo “GRAMÁTICA”?* - organizado por Possenti (2006), o qual reúne importantes textos de Franchi até então de circulação restrita. O artigo *Criatividade e Gramática* foi originariamente publicado pela Secretaria da Educação/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP, em 1988. Convém dizer que Franchi, em nota introdutória desse artigo, esclarece que houve uma versão mimeografada de mesmo título, mas que a aqui apresentada é uma *reconstrução inteira* especialmente escrita e dedicada aos professores que ensinam gramática nas escolas brasileiras.

que as constrói) certa liberdade para relacionar e conectar expressões tornando-as adequadas aos efeitos de sentido que pretende colocar; o falante - em um desenho próprio - controla as transparências e a opacidade do que diz. Assim, a criatividade se manifesta pelo modo próprio com que cada um se coloca em relação a seu tema é a sua própria experiência pessoal da realidade.

A criatividade se manifesta ainda nos processos pelos quais o falante estende, pela analogia (processo metafórico) ou pela metonímia, esquemas relacionais, sintáticos e semânticos constituídos para representar situações específicas. Ela se manifesta quando o falante ultrapassa os limites do codificado e manipula o próprio material da linguagem investindo-o de significação própria. Nesse sentido, conclui Franchi (1988/2006, p. 51)

[...] há uma atividade criativa mesmo quando a linguagem se sujeita a suas próprias regras e há criatividade na construção das expressões mais simples e diretas em cada um de nossos atos comunicativos. Há criatividade até quando nada falamos e nos servimos da linguagem nos solilóquio e no silêncio da reflexão em que reorganizamos os construtos anteriores à experiência.

Sendo assim, a atividade do sujeito não é somente uma atividade que reproduz ou que ativa esquemas prévios, mas é, em cada momento, um trabalho de reconstrução. Essa atividade do sujeito, segundo Franchi, está assegurada em dois pólos: em primeiro lugar, as línguas naturais não são sistemas tão sistemáticos (como pensam alguns estruturalistas ocupados apenas da análise do comportamento verbal), cada ato de fala é sempre um ato de opção sobre o feixe de possibilidades de expressão que o sujeito correlaciona às condições variáveis da produção do discurso e, em segundo lugar, as regras da linguagem não têm, no geral, uma necessidade biológica ou lógica - sua regularidade tem um fundamento social e antropológico e a obediência a elas tem um fundamento funcional. Se assim é, tais regras podem ser alteradas, sobretudo quando o sujeito

investe de significação recursos expressivos não necessariamente ‘catalogados’ ou ‘codificados’.

Convém, aqui, aproximar as concepções de Franchi com as de Bakhtin<sup>16</sup>, procurando firmar a condição sócio-interativa da linguagem. Bakhtin (1929/1930 – 1979/1997), também considera a língua como um sistema que dispõe de uma reserva imensa de recursos, os quais são confirmados nas enunciações (substância real da língua), ou seja, a língua constitui-se por um processo de evolução ininterrupto, realizado na interação verbal (social) de locutores (interlocutores) e é, nesse processo, que se constitui a atividade cognitiva/psíquica ou, usando os termos *bakhtinianos*, a atividade mental.

[...]. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social a qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos. (Bakhtin, 1929/1930 – 1979/1997, p. 117).

Note-se que para Bakhtin, os processos cognitivos/psíquicos são constituídos socialmente (a mente é território social) e são possibilitados pela concretude das enunciações (interação verbal). Assim, os falantes de uma dada língua, à medida que a usam, constroem-na, constroem seus modos de pensar/operar sobre o mundo físico e, sobretudo, social.

Autores contemporâneos, por exemplo, Possenti (1988) e Geraldi (1991) reafirmam a *ação dos sujeitos sobre a língua que falam*. Possenti (1988, p. 69), explica que

---

<sup>16</sup> Bakhtin, tal como Franchi (1976, 1988/2006), considera uma abstração científica (que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares) a noção de que a língua é um sistema estável de formas normativamente idênticas.

[...] os falantes trabalham continuamente a relação entre a língua e os diversos sistemas de referência existentes, aumentando a potencialidade significativa dos recursos expressivos, ao mesmo tempo em que, se necessário, estes também são ampliados ou modificados.

Isto significa dizer que os sujeitos de uma comunidade lingüística não são livres produtores de sentido e tampouco assujeitados pela estrutura sócio-cultural e lingüística<sup>17</sup>. É porque existe esse *trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico* que o sujeito não se apresenta como um *autômato sintático* (nos termos de GERALDI, 1991), nem como um simples *porta-voz da hegemonia discursiva* de seu tempo.

Coudry (1986/1988, p. 67), adotando os mesmos referenciais dos autores acima, discorre sobre a relação sujeito/linguagem no contexto das afasias, afirmando que:

[...] O sujeito não é alguém que é soberano em relação à língua, nem seu criador. Mas também não é um repetidor ou reproduzidor. Nem deus, nem máquina. O sujeito é sempre incompleto, imaturo, e ao mesmo tempo múltiplo: ao mesmo tempo social, histórico, psicológico e psicanalítico, biológico, lingüístico. Todos esses aspectos convivem no sujeito apesar da especificidade de cada um.

Note-se que Coudry (1986/1988) realça a incompletude e a multiplicidade de fatores intervenientes na constituição do sujeito, ou seja, são tais condições que possibilitam a singularidade dos sujeitos e buscando reafirmá-las, a autora se aproxima da perspectiva de Foucault (1961). Coudry, tal como Foucault, reconhece a necessidade de, na descrição estrutural de uma doença (no caso, o autor se refere à doença mental e Coudry às alterações de linguagem decorrentes

---

<sup>17</sup> A noção de que a língua tem *funcionamento autônomo* é defendida por Saussure no *Curso de Lingüística Geral* (1916/1991) sob a afirmação de que os indivíduos não são conscientes das “leis da língua”. Tal hipótese tem sido considerada por algumas vertentes da Lingüística como a condição de a língua capturar o sujeito: o falante está submetido ao funcionamento lingüístico, o que significa dizer *assujeitado* pela estrutura lingüística.

de lesão cerebral focal - a afasia), serem analisados seus sinais positivos e negativos.

Do ponto de vista de Coudry, na avaliação e no acompanhamento de sujeitos afásicos convém identificar e esclarecer detalhadamente quais aspectos foram abolidos e quais foram realçados pela “doença” (pela afasia), ou seja, convém:

[...] conhecer o que a afasia apaga e o que o sujeito sublinha. E essa atividade do sujeito, aquilo que realça, os recursos que emergem a partir de sua doença, não poderá ser depreendida fora de condições do exercício da linguagem. Importa menos estudar o resíduo que a afasia provocou no sujeito (reconhecimento dos déficits através dos sintomas) e mais conhecer suas dificuldades e favorecer o desenvolvimento de alternativas próprias para reelaborá-las. Sei que com esse procedimento, dada a singularidade de cada sujeito e da relação desse sujeito com o profissional envolvido no acompanhamento, trabalho na ‘obscuridade’ de uma prática intersubjetiva, sem esquemas nem repertórios prévios. É desse ‘não sei para onde vou, mas sei que não vou por aí’ (José Régio, ‘Cântico Negro’) que nascem as possibilidades de formas de ação (minha e do afásico). (COUDRY, 1986/1988, p. 196, grifos meus).

Note-se a radical mudança de posto de observação (no sentido de Geraldi, 1991) e de direção dos estudos e da prática com sujeitos afásicos que a pesquisa de Coudry instaura: do privilégio de certas atividades metalingüísticas (próprio dos testes padronizados, elaborados sob o ponto de vista da língua como código) à atividade integral e integrada da linguagem, ou seja, à linguagem em funcionamento favorecida pela relação entre o sujeito afásico e o seu interlocutor (aquele que dispõe de conhecimentos teóricos e metodológicos que possibilitam a avaliação das condições de produção e de interpretação de sentido pelo sujeito afásico).

Na perspectiva da ND interessa analisar a *linguagem colocada em ação*. A produção e a interpretação verbal (e também a não-verbal) de sujeitos afásicos são tomadas como *acontecimentos discursivos*, sendo que as estratégias e as operações discursivas determinam a significação (COUDRY, 1995). É, pois, na atividade de significação, dada na interlocução (relação de um *eu* com um *tu* – nos termos de Benveniste, 1954/1966 – 1988 e de Geraldi, 1991), que se tem a possibilidade de se analisar o *trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico* de sujeitos afásicos. Vale ressaltar, mais uma vez, que significação é, aqui, entendida no sentido que lhe confere Franchi (1976), como um ato intencional e motivado que põe em relação, de um lado os interlocutores e, de outro, a forma das expressões verbais (os elementos convencionais de que se servem os interlocutores enquanto interagem) e, como tem demonstrado os estudos de Coudry e de outros pesquisadores vinculados à perspectiva da ND (por exemplo, MARMORA, 2000 e 2005; FEDOSSE, 2000; FLOSI, 2003), também, as expressões não verbais.

Encaminhando-se para o encerramento deste capítulo, convém uma das afirmações de Benveniste (1954/1966 - 1988, p. 286) referente à intrínseca e à dinâmica relação sujeito/linguagem (já considerada por ocasião dos estudos iniciais de Coudry sobre as afasias), que se mantém fundamental na perspectiva da ND:

[...] É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta a realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de 'ego'. A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocução daquele que por sua vez se designa por *eu*. (...) A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso.

Convém destacar que tal concepção de sujeito não é unívoca nos estudos da linguagem, nem tampouco da linguagem patológica; porém, conforme bem esclarece Balieiro Jr (2001), à ND interessa identificar, descrever e analisar os desdobramentos da subjetividade da linguagem nas afasias (e, também, do meu ponto de vista, em outras situações em que a linguagem encontra-se comprometida, por exemplo, processos demenciais, de deficiência intelectual *etc*), bem como orientar processos terapêuticos que possibilitem o trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico de sujeitos afásicos.

Pelos motivos acima, tal concepção de sujeito se mostra pertinente, ou seja, oportuna e compatível com a concepção de linguagem como atividade constitutiva - uma perspectiva sócio-histórica da linguagem (lugar de constituição de sujeitos, dela própria e das interações humanas). A propósito, Abaurre e Coudry no artigo - *Em torno de sujeitos e olhares* - bem explicam que a concepção de linguagem como atividade/trabalho constitui, ao mesmo tempo, os pólos da subjetividade e da alteridade (os papéis de *sujeito* e do *outro* da linguagem); assim, na perspectiva da ND e também dos estudos desenvolvidos por Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) dedicados ao processo de aquisição e desenvolvimento da escrita, “[...] os indivíduos que preenchem tais papéis discursivos, em situações reais de interlocução, historicamente situadas” (Abaurre e Coudry, no prelo, p. 02) adquirem particular relevância<sup>18</sup>.

No sentido acima, pode-se afirmar que na perspectiva da ND não há afasia sem sujeito, não há afasia sem linguagem e, ainda, não há linguagem e sujeitos sem afasia, ou seja, sujeitos sem lesão cerebral podem apresentar manifestações lingüísticas características das afasias – por exemplo – anomias, parafasias,

---

<sup>18</sup> Abaurre e Coudry ressaltam que as teorias (especialmente as de aquisição de linguagem) de orientação mais psicológicas tendem a tomar os sujeitos como ideais – configuram-se como abstrações teóricas/construtos destituídos de história - ou seja, os sujeitos não são tomados como verdadeiros objetos de interesse. Porém, isso não significa que as autoras não reconhecem a possibilidade de tais teorias também se ocuparem de sujeitos reais.

neologismos, perseverações, sobretudo, quando cansados, preocupados, distraídos *etc* (COUDRY, 1986/88, 1996; CARVALHO, 2001).



## Capítulo 2

### **TRABALHO LINGÜÍSTICO-COGNITIVO/PSÍQUICO DE SUJEITOS AFÁSICOS: *PROCESSOS ALTERNATIVOS DE SIGNIFICAÇÃO***

Conforme dito anteriormente, Coudry funda o estudo discursivo das afasias discutindo a avaliação neurolingüística tradicional e revelando, entre outros fatos, o agravamento das dificuldades lingüísticas dos sujeitos afásicos quando submetidos a esse tipo de avaliação (COUDRY, 1986/1988; LEBRUN, 1983). E, procurando firmar a conveniência de uma *avaliação de linguagem* de sujeitos afásicos em contextos menos controlados e restritivos, a autora, na Parte II do *Diário de Narciso – discurso e afasia*, descreve e analisa os procedimentos avaliativos e terapêuticos por ela usados, esclarecendo que cabe ao investigador (aqui entendido como pesquisador, lingüista, terapeutas [fonoaudiólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos], médicos etc) refletir sobre a natureza da produção lingüística do sujeito afásico e, também, reconhecer os *mecanismos alternativos* que o sujeito usa para suprir suas necessidades de expressão e/ou de interpretação. Nos termos de Coudry (1986/1988, p. 78), convém que se busque:

[...] apreender na linguagem (mesmo quando fragmentária) do afásico os modos pelos quais ele organiza e estrutura os recursos expressivos de que dispõe ou os mecanismos alternativos pelos quais ele supre suas próprias dificuldades, de descobrir pelos indícios de sua fala e pelas suas manifestações explícitas as hipóteses que ele mesmo faz a respeito dessa estruturação e dos mecanismos que ele põe em jogo para produzir

significações, de definir com acuidade o lugar de suas dificuldades sobre o qual ele deve operar. (grifos meus).

Note-se que a autora afirma as possibilidades de sujeitos afásicos produzirem e interpretarem sentidos, assim como afirma a existência de *mecanismos alternativos* colocados em ação durante a significação, marcando o início de uma reflexão que viria, mais tarde, estabelecer-se como uma máxima da ND: *sujeitos afásicos, tal como sujeitos não afásicos, realizam trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico*. No entanto, para que se possa ver o jogo significativo há que se reconhecer a *interlocução* como espaço interativo, ou seja, como lugar de troca entre falantes. A propósito dessa relação - sujeito afásico e investigador/terapeuta - Coudry afirma que, além

[...] das condições dialógicas e das expressões produzidas nessas situações, tem-se que conhecer e interpretar o silêncio e as hesitações dos sujeitos afásicos. Essas pausas e hesitações [...] são sempre um índice importantíssimo para o investigador do momento em que se dá uma ruptura no prosseguimento da instância discursiva pela interferência de uma dificuldade específica que pode então ser identificada e compreendida. Nesses casos, o investigador precisa conhecer com precisão o peso do silêncio, das hesitações, das manifestações de desagrado, para decidir entre deixar o sujeito estar com sua dificuldade e elaborá-la epilingüisticamente, ou fornecer um *prompting* de apoio ao prosseguimento de fala, ou refazer a questão ou modificá-la para restabelecer o equilíbrio das condições dialógicas, ou até completar a fala para reduzir as tensões dessas situações. Para tudo isso o investigador deve apurar sua sensibilidade e atenção, o que não se consegue sem um grande conhecimento mútuo e mesmo uma boa dose de comprometimento pessoal e afetividade. (COUDRY, 1986/1988, pp 78-79).

A autora ressalta que; muitas vezes, o trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico evidencia-se como silêncio, pausas, hesitações, fragmentos de

palavras, palavras soltas, entre outras evidências. Nesse sentido, o investigador/terapeuta necessita apurar sua sensibilidade e atenção para poder conhecer como o sujeito afásico produz e interpreta sentidos; portanto, não basta dominar conhecimentos teóricos sobre as manifestações afásicas, nem, tampouco, um conjunto de técnicas de avaliação ou intervenção sobre o sistema lingüístico.

Reconheço tal consideração de Coudry (mesmo peso e mesma medida para o conhecimento teórico e metodológico e para a sensibilidade do investigador/terapeuta<sup>19</sup>) como fundamental: o investigador/terapeuta se caracteriza como interlocutor privilegiado, pois tem um *certo saber* sobre a linguagem, e como tal, pode (e deve) buscar a partilha de conhecimentos - condição essencial para o desenvolvimento dos processos de avaliação e de acompanhamento longitudinal (clínico – médico ou terapêutico) de sujeitos afásicos. Nessa perspectiva o sujeito afásico é tido como um falante ativo, com pleno desejo de dizer, que tem sua condição de dizer e de ser compreendido favorecida, obviamente, que pela partilha de conhecimento alcançada na interação com o investigador/terapeuta.

No sentido acima, Coudry reconhece que as dificuldades verbais do sujeito afásico merecem ser interpretadas pelo investigador/terapeuta e, mais, a autora destaca o *trabalho* do investigador/terapeuta na construção de um conhecimento partilhado. Portanto, a aproximação dos sujeitos – sujeito afásico e investigador/terapeuta – implica, entre outros fatos, constantes negociações/trocas

---

<sup>19</sup> A propósito dessa relação, convém referir a importante noção de Merhy (1997 e 2000) acerca das tecnologias usadas no cuidado em saúde, a saber: as tecnologias leves e duras. Esse autor, dedicado à formação de profissionais e à organização de serviços de saúde, discute a suprema necessidade de o profissional de saúde lançar mão das tecnologias duras (saber técnico e instrumental necessário à ação profissional), mas também das leves (o saber se relacionar, ou seja, a ética, a gentileza, o esclarecimento para o sujeito “doente” do que está acontecendo com ele, entre outras atitudes de cuidado à saúde).

de saberes, de pressupostos *etc*, fundamentais, pois, para a (re)construção dos objetos lingüísticos/cognitivos/psíquicos abalados pela lesão cerebral.

No texto – *A ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre objetos lingüísticos* – Coudry e Morato (1988) destacam, mais uma vez, a *interlocução* como lugar do exercício conjunto da linguagem e das demais atividades cognitivas/psíquicas; afirmam-na como o espaço apropriado para a emergência de operações epilingüísticas (hesitações, autocorreções, rasuras, pausas longas, antecipações, lapsos *etc*), ressaltando que é no fluxo da interação social que se pode constatar o *papel regulador da linguagem*.

A propósito da noção de função reguladora da linguagem (VIGOTSKI, 1934/1997), Morato (1996) destaca sua pertinência como um objeto de investigação da Neurolingüística e, assim, desenvolve para ela uma formulação lingüística. A autora esclarece que Vigotski tentou postular uma natureza lingüística para a função reguladora, mas, segundo Morato, o referido autor não pôde avançar devido ao fato de estabelecer uma clara distinção entre Linguagem Interna (LI) e Linguagem Externa (LE)<sup>20</sup>.

Diferentemente de Vigotski, Morato não considera a distinção lógica entre LI e LE, e afirma que, do lugar de uma Neurolingüística discursivamente orientada, a função reguladora da linguagem só pode ser entendida como *fluída*, visto que assume, apoiada em Franchi (1977), que as atividades humanas que demandam ações reguladoras lingüísticas e cognitivas são refeitas a cada instância discursiva e por isso apreendidas numa região de indeterminação e fluidez que confere à

---

<sup>20</sup> Para Vigotski a organização psíquica, em um primeiro momento, dá-se pela linguagem do adulto (instruções verbais que regulam o comportamento infantil) e, gradativamente, à medida que a criança vai dominando a língua, ela passa a dar ordens - de forma extensa (linguagem externa) - para si própria e assim alcança a forma abreviada da linguagem (linguagem interna). Nesse sentido, o desenvolvimento psíquico de uma criança é inicialmente possibilitado pela linguagem do outro, a qual passa por um processo de internalização. Sendo assim, na perspectiva *vigotskinana*, é a linguagem (por sua natureza e funcionamento) que possibilita a mediação intra e interpsíquica; ela tem papel regulador dos processos intra e interpsíquicos.

sistematicidade da língua e das operações cognitivas/mentais um equilíbrio apenas provisório e contingente, porque histórico.

Note-se, então, que a noção de função reguladora da linguagem, qual seja, *a participação, direta ou indireta, da linguagem na organização e no funcionamento de todos os processos cognitivos* (VIGOTSKI, 1934/1988), em termos lingüísticos, significa dizer que a linguagem é a *atividade constitutiva* (FRANCHI, 1977). Em outras palavras, a linguagem, ao mesmo tempo em que se constrói como sistema significativo (sistema formal/língua) e comunicativo, constitui o sujeito que a utiliza (dimensão intra-subjetiva) e suas interações com o mundo físico e social (dimensão inter-subjetiva).

Além das contribuições de Franchi, Benveniste, Bakhtin, Coudry, Possenti, Geraldi (entre outros) acerca do trabalho subjetivo dos falantes, convém discutir as contribuições de Jakobson<sup>21</sup>, com as quais busco aprimorar a argumentação referente ao trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico de sujeitos afásicos, ou seja, a noção de processos alternativos/criativos de significação. Destaco inicialmente suas contribuições relativas à estruturação e ao funcionamento do sistema lingüístico, em seguida, apresento sua clássica interpretação das dificuldades lingüísticas presentes nas afasias e, por fim, são incorporadas suas considerações a respeito da tradução lingüística e da transposição criativa - temas tratados pelo autor fora do contexto das afasias -, mas aqui interpretados como importantes conceitos para a explicação dos processos alternativos/criativos de significação.

---

<sup>21</sup> Apresenta-se, como anexo desta pesquisa (ANEXO I), uma resumida biografia (pessoal e intelectual) de Jakobson, com intuito de destacar a importância de seu pensamento neste estudo. As fontes usadas para tal intento são a biografia escrita por Irene Machado, disponível no endereço <http://www.pucsp.br/pos/cos/cultura/biojakob.htm> (Acesso em 20 de nov. de 2007) e o prefácio de Blikstein à edição brasileira da coletânea de artigos e ensaios de Jakobson – *Lingüística e Comunicação* (1969/1999).

## 2.1– A estruturação e o funcionamento da linguagem na perspectiva *jakobsoniana*

Jakobson concebe a linguagem como um sistema de natureza bipolar, o que significa dizer que seus elementos constituintes mantêm entre si uma relação de complementaridade (contigüidade) e de oposição (similaridade). Nos termos do autor: “[...] a concorrência de entidades simultâneas e a concatenação de entidades sucessivas são os dois modos segundo os quais nós falamos, combinamos os constituintes lingüísticos”. (JAKOBSON, 1956/1969 – 1999, p. 38). Assim, nas palavras de Jakobson (1956/1969 – 1999, pp. 55-56), o desenvolvimento de um discurso

[...] pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema (*topic*) pode levar a outro quer por similaridade, quer por contigüidade. O mais acertado seria talvez falar de processo metafórico no primeiro caso, e de processo metonímico no segundo, de vez que eles encontram sua expressão mais condensada na metáfora e na metonímia respectivamente. [...] No comportamento verbal normal, ambos os processos estão constantemente em ação, mas uma observação atenta mostra que, sob influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro processo goza de preferência. [...] Manipulando esses dois tipos de conexão (similaridade e contigüidade) em seus dois aspectos (posicional e semântico) – por seleção, combinação e hierarquização – um indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências. (JAKOBSON, 1956/1969 - 1999, p. 56).

Jakobson explica que todo *signo* é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos; portanto, toda e qualquer unidade lingüística serve de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade lingüística mais complexa. Disso decorre que *combinação* e *contextura* são as duas faces da operação de contigüidade. Quanto à operação de seleção, tem-se implicada a possibilidade de um constituinte

lingüístico ser substituído por outro: equivalente ao primeiro, num aspecto, e, diferente dele, em outro. Nesse sentido, *seleção* e *substituição* são as duas faces da operação de similaridade (JAKOBSON, 1956/1969 - 1999).

As relações de contigüidade e de similaridade ocorrem em todos os níveis da linguagem – no fonético-fonológico, no sintático-semântico e no pragmático, porém, conforme explica Jakobson, há uma escala ascendente de liberdade do falante<sup>22</sup> nesses diferentes níveis da hierarquia lingüística:

[...] Na combinação de traços distintivos em fonemas, a liberdade individual do que fala é nula; o código já estabeleceu todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua em questão. A liberdade de combinar fonemas em palavras está circunscrita; está limitada à situação marginal de criação de palavras. Ao formar frases com palavras, o que fala sofre menor coação. E, finalmente, na combinação de frases em enunciados, cessa a ação das regras coercivas da sintaxe e a liberdade de qualquer indivíduo para criar novos contextos cresce substancialmente, embora não se deva subestimar o número de enunciados estereotipados. (JAKOBSON, 1956/1999, p. 39).

Note-se que os feixes de traços, as seqüências de feixes e os traços distintivos não podem ser inventados ou usados fora de contexto (relação de contigüidade), o que significa que os elementos constitutivos da fonologia de uma língua são mais determinados, isto é, as escolhas e as combinações dos elementos fonológicos são mais limitadas que as dos demais níveis lingüísticos. Jakobson ressalta que na constituição dos fonemas (por feixe de traços distintivos) a escolha de um traço no lugar de outro pode modificar o significado.

---

<sup>22</sup> A propósito dessa discussão, Franchi (1977) afirma que a liberdade individual é *condição de criatividade da e na língua*. Esse autor ressalta a indeterminação dos níveis sintático-semântico e pragmático da linguagem, porém, tal como Jakobson, reitera a coerção do nível fonético-fonológico: as línguas naturais suportam um *conjunto restrito de fonemas*, com os quais são gerados os vocábulos e os enunciados possíveis nas línguas.

A propósito, segundo Blikstein, o ponto de partida de Jakobson é o caráter simbólico da arquitetura fônica do sistema lingüístico, ou seja, parte em busca e uma explicação da relação som/significado (relação esta já anunciada por Humboldt como aparente, mas obscura). Porém, segundo o autor, as contribuições de Jakobson para com os estudos da linguagem são muitas.

[...] Dessa arquitetura, pode-se depreender uma meta-estrutura significativa, validada em outros níveis que não o do simples fonema, isto é, ao nível da palavra, da frase, do período. Por sua vez, o nexos *sound/meaning* decorre da superposição do princípio da similaridade sobre o da contigüidade, princípios que constituem os dois pólos básicos da linguagem humana. O objetivo último de Jakobson é, pois, a semântica. (BLIKSTEIN, 1969/1999, pp 10-11).

Jakobson afirma que as regras do *código lingüístico* (língua) impõem limitações às possíveis combinações – quem fala, via de regra, é um usuário da língua.

[...] Falar implica a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em unidade lingüísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical: quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre de sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum. (JAKOBSON, 1956/1969 - 1999, p. 37).

Para Jakobson, quer mensagens sejam trocadas (diálogo), quer haja comunicação unilateral do *remetente* ao *destinatário* (palestra, por exemplo) é preciso uma forma de *contigüidade entre os protagonistas do ato de fala*; portanto,



para que haja *transmissão de mensagem*, deve haver *certa equivalência* entre os símbolos utilizados pelo *remetente* e os que o *destinatário* reconhece/interpreta. Sem tal equivalência a *mensagem/comunicação* se torna infrutífera (JAKOBSON 1956/1969 -1999; 1955/1970).

Do modo como a ND tem interpretado as afirmações *jakobsonianas*, o uso dos termos - *fichário de representações pré-fabricadas*, *emissor* ou *remetente*, *destinatário*, *repertório*, *código*, *transmissão de mensagem* – não implica redução da linguagem à mera troca de informações dada exclusivamente pelos elementos de um código, nem tampouco, que o código (a língua) seja totalmente capaz de tudo referir. Interpreta-se o uso desses termos como o modo de Jakobson reconhecer as possibilidades de estudos interdisciplinares relativos à linguagem. Digo isso, apoiada nas considerações que Jakobson faz no artigo – *Linguística e Teoria da Comunicação* - (1961/1969 - 1999), qual seja: a *Linguística* e a *Engenharia da Comunicação* (recém inaugurada – década de 1950) bem se aproximam do que *é essencial no ato de fala quando se refere à troca ótima de informação*. No entanto, Jakobson deixa bem claro que cada disciplina pode e deve tratar a comunicação verbal por vias diferentes e de modo autônomo.

Acredito, pois, que é por perseguir o essencial do ato de fala (troca ótima de informação) que Jakobson incorpora os termos acima referidos; porém, não podemos nos esquecer que Jakobson pressupõe *contigüidade* entre os protagonistas do ato de fala e *certa equivalência* entre os símbolos por eles usados. Fatos que, do meu ponto de vista, bem se aproxima da *noção de contrapalavra* de Bakhtin (1929 -1930/1997, p. 132):

[...]. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. [...] Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra”, ou seja, compreender é atribuir palavras suas às palavras dos outros. [...] A significação não está na palavra, nem na alma do

falante, assim como não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através de um determinado complexo sonoro.

É porque a equivalência entre os signos verbais não é completa e porque os interlocutores estão em relação de contigüidade que a significação é possível. Em outras palavras: é porque a língua é um sistema hierarquicamente estruturado (passível de ser manipulado com maior ou menor grau de liberdade por seus usuários - sujeitos da linguagem) e porque o essencial no ato de fala é a *partilha de um fichário de representações pré-fabricadas* (conjunto de elementos lingüísticos dado numa determinada formação histórico-social) que é possível ao *emissor da mensagem verbal* escolher uma das possibilidades da língua (potencial criativo/reflexivo da linguagem) e ao *destinatário* fazer uma escolha semelhante no mesmo *repertório de possibilidades previstas e preparadas na língua* (intercompreensão – compreensão das palavras dos outros por meio de nossas próprias palavras).

Posto isso, discute-se a seguir, as formulações de Jakobson referentes às manifestações afásicas, as quais são assumidas no atual estado de desenvolvimento da ND (COUDRY, 2003 – CNPq e 2007; FREIRE, 2005; GOMES, 2007). A propósito, Coudry (CNPq – 2003) reconhecendo a tendência ao funcionamento unipolar da linguagem afirma que tal tendência pode ser trabalhada promovendo-se o trânsito de um pólo a outro por meio de recursos não verbais que se projetam na enunciação e que, por isso, auxiliam a expressão da linguagem nas afasias. Porém, conforme será analisado no capítulo 4, a perspectiva da ND possibilita compreender que nas afasias, tal como na linguagem não patológica, há sim uma *tendência* ao funcionamento unipolar da linguagem; ou seja, sujeitos afásicos tendem a operarem mais regularmente em um dos pólos da linguagem, o que não significa que não podem operar em ambos.

## 2.2 – Da redistribuição das funções lingüísticas nas afasias

Jakobson, já na década de 1930, se interessa pelas questões relativas à linguagem patológica (foi o primeiro lingüista a defender a participação da Lingüística nos estudos das afasias) e ressalta a necessidade de serem desenvolvidos estudos da linguagem em seus diferentes aspectos: linguagem em ato, em evolução, em seu estado nascente (aquisição da linguagem) e em dissolução (afasias).

Jakobson comenta os significativos avanços nos estudos da aquisição da linguagem e lamenta o pouco interesse da Lingüística em relação à desintegração da linguagem<sup>23</sup>. Do seu ponto de vista, o estudo das afasias abriria novas perspectivas aos estudos lingüísticos e, assim considerando, Jakobson se empenha na interpretação de dados lingüísticos de sujeitos afásicos, o que, de fato, resulta em grande avanço das teorias lingüísticas.

As primeiras contribuições de Jakobson acerca das afasias se referem à análise da desintegração do sistema fonológico. Com base em seus estudos sobre a Fonologia, o autor estabelece as *leis de implicação* entre a linguagem infantil e a linguagem nas afasias; afirma que nas afasias tem-se o espelho (invertido) da aquisição dos sons de fala pela criança (JAKOBSON, 1941; 1955/1970; 1956/1969 -1999), ou seja, os últimos sons adquiridos pela criança são os

---

<sup>23</sup> Jakobson reconhece os “psicopatologistas” que convocaram a Lingüística nos estudos afásicos (Luria, Goldstein e Ombredane) e critica explicitamente Mykebust (diretor da Clínica de Audição e Afasia Infantil, na North Western University) pela falta de apelo à Lingüística em seu livro – *Auditory Disorders In Children* (1954) afirmando que é como se perturbações da *percepção de fala* não tivessem nada a ver com linguagem. A propósito, do meu ponto de vista, a dicotomia expressão/recepção ainda tem predomínio no estudo e na prática dos fonoaudiólogos. A maioria das publicações em Fonoaudiologia se dedica à explicação neurofisiológica dos processos sensoriais/perceptivos da fala ou, então, aos processos da produção articulatória; raramente as discussões aproximam questões perceptuais e motoras da linguagem.

primeiros a serem *perdidos* pelos afásicos<sup>24</sup>. Convém dizer que o autor sugere que essa *involução* também se estende para a sintaxe; ressalta que alguns ensaios foram realizados nesse sentido, mas considerando-os insuficientes conclama o esforço de outros pesquisadores no estudo das alterações do nível sintático nas afasias.

O contato com dados da linguagem de sujeitos afásicos permite a Jakobson postular que nas afasias ocorre a perturbação em um dos modos de relação dos elementos lingüísticos. Nesse sentido, dos dois modos de relação dos elementos lingüísticos – das duas figuras bipolares de estilo: metáfora (baseada na similaridade) e metonímia (baseada na contigüidade) – tem-se, nas afasias, a tendência ao funcionamento unipolar da linguagem.

O autor fala então em *distúrbio da similaridade* e *distúrbio da contigüidade* e conclui que a “[...] metáfora é incompatível com o distúrbio de similaridade e a metonímia com o distúrbio da contigüidade”. (JAKOBSON, 1956/1969 – 1999, p. 55).

Segundo Jakobson, no *distúrbio da similaridade* a capacidade de seleção é fortemente afetada e o poder de combinação é parcialmente preservado, assim - a contigüidade determina *todo comportamento verbal do “doente”* (JAKOBSON, 1956/1969 - 1999). Em outras palavras, no distúrbio da similaridade a deficiência principal reside na seleção e na substituição dos elementos lingüísticos, o que significa que “[...] somente a estrutura, os elos de conexão da comunicação são poupados nesse tipo de afasia em estágio crítico”. (JAKOBSON, 1956/1969 - 1999, p. 44).

---

<sup>24</sup> A propósito, Scarpa (2004), autora dedicada ao estudo da prosódia (sua aquisição e suas dificuldades nas afasias), defende a pertinência da hipótese *jakobsoniana* de descontinuidade (ou da identidade ou, ainda, da regressão) levantada no artigo de 1941 - *Child Language, Aphasia and Phonological Universals*.

As *metonímias* são muito usadas por afásicos com desordem de similaridade; elas podem ser caracterizadas como projeções da linha de um contexto habitual sobre a linha de substituição e seleção (ocorre evasão da igualdade para a contigüidade). Assim se explica a ocorrência das parafasias semânticas, por exemplo: “garfo” - um signo que aparece ordinariamente junto com outro (“faca”) pode ser substituído por ele; por uma relação externa de contigüidade (a que une os elementos de um contexto), o primeiro signo verbal (garfo) é substituído pelo segundo (faca). Note-se, pois, que na desordem da similaridade as operações que implicam similitude são fundadas na contigüidade.

O autor explica ainda que sujeitos com distúrbio de similaridade tendem a substituir as variantes contextuais de uma mesma palavra por termos diferentes, assim as palavras-chaves (por exemplo) tendem a serem eliminadas ou substituídas por termos genéricos (parafasias), mas as palavras que comportam referência inerente ao contexto (pronomes e advérbios pronominais) e as palavras que servem para construir o contexto (conectivos e auxiliares) são mais preservadas.

Nesse tipo de distúrbio, a chamada *linguagem reativa* também se encontra mais preservada, de modo que um sujeito afásico pode continuar facilmente uma conversa ou completar fragmentos de palavras ou de frases (as frases são concebidas como seqüências elípticas a serem completadas). Nesse sentido, quanto mais profundamente estiver o enunciado embutido no contexto verbal (quanto mais uma palavra depender de outra na frase e quanto mais se relacionar ao contexto sintático) melhor é a produção de fala do sujeito e maiores são suas probabilidades de levá-la a cabo. As palavras sintaticamente subordinadas – por concordância e regência gramatical – são mais resistentes, enquanto que o principal agente que subordina é facilmente omitido.

O sujeito com distúrbio de similaridade é incapaz de iniciar um diálogo, assim como não consegue emitir uma frase fora dele; também pode apresentar dificuldade para responder a um interlocutor real ou imaginário e a ele próprio (caso se coloque como destinatário). Desse modo, explica Jakobson, a produção e a compreensão de monólogos são impossíveis nos distúrbios de similaridade.

A definição de palavras e a elaboração de frases equacionais ( $a = a$ ) são impossíveis; o mesmo ocorre com a nomeação de objetos mostrados ou manipulados pelo examinador. Como fica difícil definir palavras, também fica difícil nomear objetos porque a presença de um signo impede o uso de outro sinonímico (princípio da redundância). Assim, se um dos signos sinonímicos estiver presente (uma palavra, um grupo de palavras ou então um objeto) se tornará redundante e, conseqüentemente, supérfluo, de onde se compreender a dificuldade de um sujeito afásico lidar com equivalentes lingüísticos. Portanto, na desordem da similaridade, o sujeito não pode passar de uma palavra aos seus sinônimos ou circunlocuções equivalentes, nem a seus heterônimos (expressões equivalentes em outras línguas). Por esses motivos, é comum nos casos de distúrbios de similaridade, a perda da aptidão bilíngüe e o uso de uma única variedade dialetal.

Jakobson explica então que, para os afásicos com distúrbios de similaridade, os signos se encontram em uma distribuição complementar: se um signo for apresentado pelo examinador/terapeuta, o sujeito afásico evitará seu sinônimo ou, se o examinador/terapeuta lhe pedir para repetir signos verbais o sujeito afásico não falará.

Jakobson esclarece que o que ocorre com os signos verbais pode também ocorrer com signos não-verbais, por exemplo, o desenho (signo pictográfico). Em suas palavras: “[...]. Assim também, o desenho de um objeto ocasionará a perda de seu nome: um signo verbal é substituído por um pictural”. (Jakobson, 1956/1969 – 1999, p. 45). O autor refere ainda a dificuldade de sujeitos afásicos

não passarem de um índice ou de um ícone para o símbolo verbal correspondente.

Segundo Jakobson, a condição de um signo lingüístico ser interpretado por meio de outros signos da mesma língua, sob certo aspecto homogêneos (ou seja, a predicação equacional  $a = a$ ) é uma operação metalingüística<sup>25</sup> e, em seus termos, “[...] A carência afásica da ‘capacidade de denominar’ constitui propriamente uma perda de metalinguagem”. (JAKOBSON, 1956/1999, p. 47).

Note-se, então, uma clara explicação dos motivos das dificuldades de sujeitos afásicos nomearem figuras ou objetos, definirem palavras e/ou formarem frases a partir de palavras (tarefas indispensáveis nos testes de afasia). A propósito da dificuldade metalingüística nas afasias, convém considerar que, provavelmente, as explicações de Jakobson foram interpretadas equivocadamente pelos “patologistas da linguagem” que continuaram privilegiando as atividades metalingüísticas na avaliação e na terapia de linguagem de sujeitos afásicos. Parece-me que a lógica dos profissionais (principalmente neurologistas e fonoaudiólogos) envolvidos com o diagnóstico e processo terapêutico de sujeitos afásicos tem sido: se afásicos perdem a condição de operarem metalingüisticamente, convém, então, aplicar provas metalingüísticas para se comprovar as dificuldades e, depois de comprovadas, realizam-se exercícios gramaticais para a recuperação da linguagem.

---

<sup>25</sup> Segundo Jakobson, a lógica simbólica contribui para a Lingüística com a noção de *linguagem-objeto* e de *metalinguagem*. Assim, esclarece Jakobson, *falar em português* (metalinguagem), *falar sobre o português* (linguagem-objeto) e *interpretar palavras e frases* do português por meio de sinônimos, circunlocuções e paráfrases portuguesas usam o mesmo estoque lingüístico. Isso significa, que as operações metalingüísticas [...] demonstram ser parte integrante de nossas atividades lingüísticas habituais. Muitas vezes em um diálogo, os interlocutores cuidam de verificar se é, de fato, o mesmo código que estão utilizando. ‘Está me ouvindo? Entendeu o que eu quero dizer?’ [...] Aí então, com substituir o signo que causa problema por outro signo que pertença ao mesmo código lingüístico ou por todo um grupo de signos do código, o emissor da mensagem procura torná-la mais acessível ao decodificador”. (JAKOBSON, 1956/1969 - 1999, p. 46). Jakobson afirma que as operações metalingüísticas desempenham papel essencial na aprendizagem da língua pela criança (cita os estudos de Gvozdev - 1929, 1948, 1949) e no funcionamento normal (não patológico) da linguagem.

Por fim, convém dizer que no distúrbio de similaridade o que fica preservada é a relação externa de contigüidade (que permite a união de constituintes de um contexto) e a relação interna de similaridade (base para substituição) alterada. Nas palavras Jakobson (1956/1969 -1999, p. 48):

[...] no caso de um afásico cuja função de substituição foi alterada e a de contexto permaneceu intacta, as operações que implicam similitude cedem às fundadas na continuidade. Pode se prever que qualquer agrupamento semântico será antes guiado pela contigüidade espacial ou temporal do que pela similitude.

A constatação de Jakobson (afásicos apresentarem dificuldades com operações metalingüísticas, assim como a de apresentarem dificuldades para passarem de um índice ou de um ícone para o signo verbal correspondente) nos levou a buscar soluções para tais dificuldades na relação entre sistemas verbal e não verbal. A perspectiva da ND têm tornado possível, por meio de práticas com a linguagem (verbal e não verbal), certa continuidade entre gesto e fala, desenho e fala, escrita e fala: às vezes, um gesto ou um desenho substitui uma palavra, outras vezes, basta uma letra (indício da palavra escrita) ou até mesmo o recurso a um objeto (que se assemelha física ou sonoramente à palavra pretendida, conforme veremos na análise de dados de SL) para que a palavra seja dita/evocada.

Quanto ao *distúrbio da contigüidade*, o outro tipo de dificuldade verbal previsto por Jakobson, tem-se deteriorada a capacidade de o sujeito

[...] combinar entidades lingüísticas mais simples em unidades mais complexas [...]. Não há perda total da palavra, porque a entidade preservada na maior parte dos casos é a palavra, que pode ser definida como a mais alta entre as unidades lingüísticas obrigatoriamente codificadas —, o que quer dizer que construímos nossas próprias frases e



enunciados a partir do estoque de palavras fornecidas pelo código. (JAKOBSON, 1956/1969 – 1999, pp. 50-51).

O autor afirma que nesse tipo de desordem da linguagem o contexto não auxilia; evidencia-se perda das regras sintáticas: a extensão e a variedade das frases diminuem; a ordem das palavras é caótica (amontoado de palavras – “monte de palavras” na expressão de Jackson -1866), pois há dissolução dos vínculos de coordenação e de subordinação gramatical - as conjunções, preposições, pronomes e artigos (palavras dotadas de função puramente gramatical) desaparecem.

Nesse tipo de desordem afásica quanto menos uma palavra depender do contexto gramatical, maiores são as possibilidades dela persistir no discurso do afásico - as palavras-núcleo e as frases estereotipadas conseguem sobreviver. Desse modo, a produção verbal do afásico com distúrbio de contigüidade é marcada pelo estilo telegráfico.

[...]. Nos casos adiantados de tal distúrbio, cada enunciado é reduzido a uma frase de uma só palavra. À medida que o contexto se desagrega, as operações de seleção prosseguem. ‘Dizer o que é uma coisa, é dizer a que se assemelha’, faz notar Jackson (p. 125). O doente limitado ao grupo de substituição (quando o contexto é falho) usa as similitudes, e suas identificações aproximadas são de natureza metafórica, em oposição às identificações metonímicas familiares aos afásicos do tipo oposto. (JAKOBSON, 1956/1999, pp 51-52).

Convém considerar que Jakobson, ao tratar do distúrbio de contigüidade, retoma, amiúde, as clássicas colocações de Jackson<sup>26</sup>. Destaca, em particular, a sua concepção de que o *discurso* não é constituído apenas de palavras, mas de *palavras em inter-relação*: “[...] a perda do discurso é a perda do poder de construir proposições... a inaptidão para o discurso não significa uma ausência total de palavras”. (JACKSON, 1915, p. 114 *apud* JAKOBSON, 1956/1999, p. 50).

Jakobson busca esclarecer as asserções de Jackson, interpretando lingüisticamente as dificuldades afásicas, contribuindo, pois, para o entendimento da natureza das dificuldades lingüísticas; distancia-se da mera descrição dos sintomas afásicos e discute os possíveis modos de rearranjo da linguagem, ao que chama de *redistribuição das funções lingüísticas*. Esse entendimento de Jakobson configura-se como uma atitude positiva nos estudos da linguagem patológica – já que, além das deficiências, são consideradas as compensações.

---

<sup>26</sup> Hughings Jackson (1835-1911), neurologista britânico, pode ser considerado pai da neurologia moderna, visto que, no final do século XIX e início do século XX, defendia, em meio à exaltação localizacionista, uma concepção dinâmica do sistema nervoso. Conforme esclarece Sacks (1998), Jackson silenciosa, obstinada e persistentemente se ocupou do aprimoramento de uma teoria neurológica evolucionista, influenciado que fora pela publicação de - A origem das espécies - de Darwin e da filosofia evolucionista de Herbert Spencer que, no início da década de 1860, propôs uma visão hierárquica do sistema nervoso. Jackson aprimora tal noção postulando uma evolução dos níveis de reflexos mais primitivos para aqueles conscientes e de ação voluntária. O autor também considerava que na lesão cerebral ocorreria o inverso, ou seja, haveria uma involução/dissolução ou uma regressão das funções, cuja implicação seria a “liberação” das funções primitivas mantidas, normalmente, sob controle de funções superiores. Sacks (1998, p. 01) ressalta que “[...] as concepções de Jackson surgiram primeiramente em referência a certos ataques epiléticos [...], elas depois foram aplicadas a uma variedade de doenças neurológicas, inclusive na tentativa de entender sonhos, delírios, e insanidades. Em 1879, Jackson as aplicou ao problema da afasia. [...] Ele considera com riqueza de detalhes muitos dos fenômenos especiais que podem ser vistos nas afasias - a perda de novas línguas enquanto a língua materna é preservada; a preservação das palavras mais comumente usadas e das associações mais comumente praticadas; a preservação de séries de palavras (dias da semana etc.) mais do que de palavras sozinhas; as substituições verbais ou parafasias que podem ocorrer; e, sobretudo as frases estereotipadas, aparentemente sem sentido, que por algumas vezes são o único resíduo de discurso os quais, talvez, como Jackson observou, fossem os últimos pronunciamentos do paciente antes de ele ter o ataque”. A propósito, para Jackson, tal condição representava uma fixação traumática, por isso, a repetição impotente de uma proposição ou de uma idéia. Convém ressaltar que as idéias de Jackson influenciaram significativamente Freud, tanto em sua fase de neurologista quanto na elaboração da teoria psicanalítica (Sacks, 1998).

Tal atitude também é própria da ND, e, conforme temos desenvolvido, as compensações são interpretadas como trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico de sujeitos afásicos, ou seja, como *processos alternativos/criativos de significação*.

A propósito, aprofunda-se, a seguir, a discussão acerca do duplo caráter da linguagem que, do nosso ponto de vista, justifica o duplo fenômeno - deficiência e compensação nas afasias (postulado por JACKSON, 1879/1915 *apud* JAKOBSON, 1956/1969 - 1999) e, para tanto, são destacadas a natureza dos signos lingüísticos e outras considerações de Jakobson acerca de como se organiza o sistema verbal e de como ele se relaciona com os outros sistemas semióticos.

### **2.3 - Do sistema lingüístico e de sua inter-relação com outros sistemas semióticos**

Jakobson (1965/1969 - 1999) em – *À procura da essência da linguagem* – ressalta seu duplo caráter (significante/significado), afirmando-o como o eterno problema para a ciência da linguagem. Nesse ensaio, o autor, apoiado nas idéias de Pierce, empreende uma explicação de como se dá a ligação significante (qualidades materiais do signo) e significado (intérprete imediato do signo).

Conforme dito anteriormente, o autor afirma que a estruturação lingüística se dá entre dois pólos – o metafórico e o metonímico - sendo que na metáfora há vinculação de um significante a um significado secundário associado por semelhança com o significado primário, e que na metonímia tal vinculação é dada por contigüidade (por distribuição complementar).

Jakobson chega a tal explicação do sistema lingüístico, por considerar, assim como Pierce, que um signo icônico guarda, de fato, uma *semelhança* entre o significante e o significado (por exemplo, o desenho figurativo representa a própria coisa), enquanto que um índice (signo indicativo/indiciário) guarda uma

relação *de contigüidade*, vivida, entre o significante e o significado (por exemplo, a fumaça é índice de fogo) e, no símbolo, a *contigüidade* entre significante e significado não depende de similitude ou de contigüidade vivida, mas sim de uma regra convencional/instituída (o que não significa que o autor não reconhece uma ligação natural entre significado/significante). O intérprete de um símbolo “[...] deve obrigatoriamente conhecer essa regra convencional e ‘é só e exclusivamente por causa dessa regra’ que o signo será efetivamente interpretado”. (JAKOBSON, 1965/1969 – 1999, p. 101).

Jakobson destaca que um dos traços mais importantes da classificação semiótica de Pierce

[...] reside na perspicácia com que ele reconheceu que a diferença entre as três classes fundamentais de signos era apenas uma diferença de lugar no seio de uma hierarquia toda relativa. Não é a presença ou ausência absolutas de similitude ou de contigüidade entre significante e significado, nem o fato de que a conexão habitual entre esses constituintes seria da ordem do fato puro, que constituem o fundamento da divisão do conjunto de signos em *ícones*, *índices* e *símbolos*, mas somente a predominância de um desses fatores sobre os outros. [...] Pierce adianta que ‘seria difícil, se não impossível, citar um exemplo de índice absolutamente puro, assim como encontrar um signo que seja completamente desprovido de qualidade indicativa. [...] Quanto ao símbolo, ‘ele implica necessariamente uma espécie de ‘índice’, e ‘sem recorrer a índices, é impossível designar aquilo que se fala.’ (JAKOBSON, 1965/1969 - 1999, p.103-104; grifos meus).

Note-se que Jakobson ressalta a asserção *pierceana* de que os signos verbais são símbolos que guardam relação com os índices, o que significa que o autor reconhece uma relação entre significado (da ordem do inteligível/interprete imediato) e significante (da ordem do sensível – qualidade material). Segundo

Blikstein (1969/1999), com tais argumentos, Jakobson põe definitivamente em xeque a *tese da arbitrariedade do signo lingüístico* defendida por Saussure<sup>27</sup>.

Em sua defesa sobre a relação interna (de similitude) e externa (de contiguidade) da linguagem, Jakobson (1965/1969 - 1999) afirma que o *mais perfeito dos signos é aquele em que os caracteres icônico, indicativo e simbólico se amalgamam em proporções tão iguais quanto possíveis*. Nesse sentido, Jakobson defende que o significado das palavras ou dos enunciados/das frases

[...] é decididamente um fato lingüístico – ou para sermos mais precisos e menos restritos - um fato semiótico. Contra os que atribuem o significado (*signatum*) não ao signo, mas à própria coisa<sup>28</sup>, o melhor argumento e o mais veraz seria dizer que ninguém jamais sentiu o gosto ou cheiro do significado de *queijo* ou de *maçã*. Não há *signatum* sem *signum*. [...]. Será necessário recorrer a toda uma série de signos lingüísticos se se quiser compreender uma palavra nova. (JAKOBSON, 1965/1969 - 1999, p. 63).

A propósito da relação significante/significado, Jakobson em outro artigo – *Lingüística e Poética* (1960/1969 – 1999, p. 119) – assegura que “[...] a linguagem compartilha muitas propriedades com alguns outros sistemas de signos ou mesmo com todos eles (traços pansemióticos)”. Por assim considerar, o autor destaca que tanto para o lingüista,

---

<sup>27</sup> Jakobson fortalece seu ponto de vista tomando, inclusive, alguns dos argumentos de Benveniste, autor ocupado da explicação da natureza do signo verbal (a propósito, um desafio, sugerido por Saussure - 1916). Benveniste em – *A natureza do signo lingüístico* - afirma que só um observador desligado não reconhece o liame entre o significante e o significado e, por isso, diz que é ingênua a posição de Saussure quando se recusa a reconhecer uma ligação natural entre significante e significado.

<sup>28</sup> Nessa passagem, Jakobson está certamente se referindo a Russel (1950) – autor que defende uma relação direta entre vivência e representação. Jakobson explicita seu ponto de vista contrário à *tese russeliana* (impossibilidade de compreender uma palavra fora do seu conhecimento não-lingüístico) no ensaio – *Aspectos lingüísticos da tradução* (1959/1969 - 1999).

[...] como para o usuário comum das palavras, o significado de um signo lingüístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo ‘no qual se ache desenvolvido de modo mais completo’, como insistentemente afirmou Pierce, o mais profundo investigador da essência dos signos. (JAKOBSON, 1965/1969 - 1999, p. 64, grifos meus).

Note-se que Jakobson defende que uma palavra pode ser *convertida* em uma designação mais explícita sempre que se quiser obter maior clareza dela. Nesse sentido, um signo verbal pode ser *traduzido* em outros signos da mesma língua (ao que Jakobson chama de *tradução intralingual* ou *reformulação*). Um signo verbal pode ser traduzido em signos de outra língua (*tradução interlingual* ou *tradução* propriamente dita) e, ainda, os signos podem ser transmutados, ou seja, um signo pode ser traduzido em signos de outros sistemas semióticos (*tradução intersemiótica* ou *transmutação*). Jakobson tece explícitas considerações acerca da tradução intra e interlingual, não fazendo o mesmo com relação à tradução intersemiótica.

Segundo Jakobson, a tradução intralingual consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros da mesma língua; uma palavra é traduzida por um sinônimo ou por uma circunlocução.

Na tradução interlingual, Jakobson ressalta que comumente não há equivalência completa entre as unidades dos códigos envolvidos; porém, segundo o autor, é possível traduzir de uma língua para outra, substituindo-se mensagens em uma das línguas (não por unidades de códigos separados), mas por mensagens inteiras da outra língua. Dessa forma, explica Jakobson, o que ocorre é uma forma de discurso indireto, em que “[...] o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”. (JAKOBSON, 1959/1969 –

1999, p. 65). A propósito<sup>29</sup>, esse era para Jakobson o problema central da Lingüística: como explicar a equivalência na diferença?

Ainda com relação à evidente dificuldade de tratar a equivalência na diferença, Jakobson cita as considerações de Worf (1956) acerca de que os fatos são diferentes para pessoas com diferentes formações lingüísticas - a língua oferece diferentes possibilidades para formulação dos fatos; assim, diferentes pessoas podem falar diferentemente sobre os mesmos fatos, o que não impossibilita a intercompreensão/interpretação. Por isso, Jakobson afirma que toda experiência cognitiva

[...] pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios. [...] A ausência de certos processos gramaticais na língua para a qual se traduz nunca impossibilita uma tradução literal da totalidade de informação conceitual contida no original. (JAKOBSON, 1959/1969 - 1999, p. 67).

O autor ressalta que se alguma categoria gramatical não existir numa dada língua, seu sentido pode ser traduzido com a ajuda de itens lexicais, ou seja, outras palavras fazem a função gramatical que a língua não dispõe.

Note-se que para Jakobson, a falta/deficiência de recursos expressivos pode ser compensada por meio de empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas ou circunlóquios. Por isso é que esse autor é categórico em dizer que uma língua difere da outra naquilo que *deve* expressar e não naquilo que *pode* expressar. Tanto que quando trata da arte verbal, Jakobson afirma:

---

<sup>29</sup> À época desse ensaio, Jakobson reconhecia que na prática e na teoria da tradução interlingual havia problemas complexos a serem resolvidos, lembrando inclusive as correntes que defendiam a impossibilidade da tradução.

[...]. A poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível a transposição criativa: transposição intralingual – de uma forma poética a outra -, transposição interlingual ou, finalmente, transposição intersemiótica – de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura. (JAKOBSON, 1959/1969 – 1999, p. 72, grifos meus).

Note-se que Jakobson relaciona *tradução e transposição criativa*, o que me leva a pensar que tais termos podem ser tomados como equivalentes, uma oportuna saída para interpretar o funcionamento da linguagem nas afasias.

Veja-se que se considerarmos tradução como transposição criativa é possível dizer que sujeitos afásicos, com tendência ao funcionamento unipolar da linguagem, realizam transposições criativas enquanto produzem e interpretam sentido. A propósito, Coudry inspirada nessas asserções *jakobsonianas*, em recente artigo - *Processos de significação no estudo das afasias* (2007) – explica que muitos dos processos de significação

[...] que se apresentam como solução para o afásico expressar seu dizer envolvem sistemas não-verbais (gesto/corpo, objetos, relações entre objetos, práticas sociais) que se articulam com processos de significação verbais no funcionamento discursivo da linguagem, e assim são chamados de 'alternativos' em relação ao sistema da língua em seu uso social e partilhado, sendo uns previstos pela própria língua; outros *não oficiais*, intermediários; outros ainda por sua relação com a semiose não verbal. Destaca-se que esses últimos que também ocorre no discurso não patológico – se referem à possibilidade de verbalizar gestos, crenças, objetos, ações, atitudes o que corresponde à tradução intersemiótica (JAKOBSON, 1955/1970), quando se interpretam palavras por meios não-verbais. (COUDRY, 2007, p. 02).



Coudry (2007) reafirma, pois, a afasia como ambiente fértil para a ocorrência de *processos alternativos/criativos de significação*; destaca os processos de tradução intersemiótica e os ressalta como não exclusivos de sujeitos afásicos; segundo a autora eles também ocorrem no discurso não patológico (é fácil constatar como pessoas não afásicas comumente “verbalizam” por meio de gestos, de objetos, de ações/attitudes *etc*).

Certamente que tais possibilidades de significação somente se apresentam se privilegiada a interlocução – ou seja – se possibilitado o encontro dos sujeitos. É, pois, na interlocução, que sujeitos afásicos, na impossibilidade de dizer por meio de arranjos que selecionam e combinam palavras (próprio e regular na tradução intralingual) podem vivenciar arranjos de outros fatores que atuam com igual ou maior força na determinação do sentido (próprio da tradução intersemiótica).

Coudry (2007) ressalta o *trânsito entre os processos de significação verbal e não-verbal*; explica que, nas afasias, a circulação entre sistemas verbais e não-verbais pode se expressar de múltiplas formas: (i) do gesto para a palavra (quando um gesto do interlocutor e/ou do próprio sujeito é suficiente para a expressão verbal ou simplesmente quando o gesto ocupa o lugar da expressão verbal), (ii) do desenho para a palavra e (iii) do objeto para a palavra. O inverso de tais possibilidades também é possível.

Pelas considerações acima, pode-se afirmar que nas afasias, tal como na linguagem não patológica, ocorrem constantes processos de tradução, de recodificação ou, ainda, de transposição criativa. Tais termos referem o princípio fundamental da linguagem – a constante substituição de signos – possibilitada pela ocorrência simultânea de seleção e de combinação dos elementos significativos. Pode-se dizer que na linguagem não patológica as traduções intralinguais (um signo verbal traduzido por um outro ou por um conjunto de signos

verbais) são mais comuns e, as intersemióticas menos. Já nas afasias, pode acontecer de as traduções intersemióticas serem tão ou mais comuns que as intralinguais. Nesse sentido, as parafasias, os neologismos, os gestos complementares ou os substitutivos têm interpretação positiva, são tidos com *processos alternativos/criativos de significação*.

Convém lembrar mais uma vez que é a função cognitiva/psíquica da linguagem verbal que impõe a condição de tradução/recodificação/transposição criativa e que, frente a uma lesão cerebral que abala o funcionamento lingüístico, tal condição pode ser compensada, pelo recurso a outros sistemas semióticos; nesse sentido é que ocorrem com mais intensidade e regularidade as traduções intersemióticas (o que não significa a impossibilidade de sujeitos afásicos realizarem traduções intralinguais).

Encaminhando-me para o encerramento desta discussão, considero importante destacar que o trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico de sujeitos afásicos é defendido como *processos alternativos de significação* porque comparados ao sistema verbal (sistema da língua) e a seu uso social e partilhado (Coudry, 2007). Assume-se, neste estudo, que tais processos são e tem uso previsto pelo próprio sistema verbal, o que implica dizer que são *alternativos* porque se apresentam como *possibilidades do dizer*, o que por sua vez significa reconhecê-los como *transposições criativas* – traduções de signos (intra e intersistemas semióticos).

Pelas considerações acima, pode-se, pois, reafirmar os *processos alternativos de significação* como atividades orientadas pelos princípios da organização e do funcionamento (criativo) da linguagem verbal. Destaca-se, mais uma vez, que *há atividade criativa mesmo quando a linguagem se sujeita a suas próprias regras* (FRANCHI, 1977 e 1988/2006) e que “[...] o significado de um signo lingüístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser

substituído, especialmente, um signo ‘no qual se ache desenvolvido de modo mais completo’.(JAKOBSON, 1965/1969 – 1999, pp. 63-64).

Note-se que tal modo de conceber os *processos alternativos/criativos de significação* implica uma mudança significativa na forma de avaliar e de acompanhar terapeuticamente sujeitos afásicos, qual seja: no processo de reabilitação desses sujeitos interessa o trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico realizado por eles, fato que, a propósito, indica a afasia apresentada. Portanto, a emergência e a interpretação dos *processos alternativos/criativos de significação* são conteúdos da avaliação e da terapia de sujeitos afásicos.

Assumir tal conceito implica uma mudança de paradigma no entendimento das afasias e da atenção terapêutica aos sujeitos afásicos; a adoção desse conceito amplia a potencialidade da (re)construção dos objetos lingüísticos abalados pela lesão cerebral, à medida que incorpora as outras formas de produção e interpretação de sentidos.

Com os argumentos aqui desenvolvidos, acredito ter alcançado o devido esclarecimento das bases teóricas que motivam e sustentam esta pesquisa, assim como espero ter aprimorado o conceito de *processos alternativos/criativos de significação*. Parto agora para a análise de algumas publicações referentes às afasias procurando reconhecer se há ou não aproximação teórica e metodológica com o que se defende nesta tese.

## Capítulo 3

# LINGUAGEM, AFASIA E SUJEITO AFÁSICO: PERSPECTIVAS VIGENTES EM NEUROLOGIA/NEUROCIÊNCIA E EM FONAUDIOLOGIA

### **SOBRE AS AFASIAS E OS AFÁSICOS.**

“ Eu ... depois do derrame,  
eu procurei livro, né?  
Lá na biblioteca...  
livros... é ... pra... entender,  
o que aconteceu, né?  
Não encontrei livros,  
só livros muitos... muitos é...  
voltados pra professores, né?  
Professores, com palavras difíceis...  
Eu perdi as palavras, né?  
Lembra, né?  
Eu perdi as palavras.  
Aí eu achei... é...  
eu achei um... um... uma enciclopédia... é...  
pra ensi... ora... pro... pra... enfermeiro, né?  
Pra enfermeiro.  
É... aí eu achei a parte de afasia, né?  
e a... parte... de... derrame... cerebral.  
Boa! ...Mas pra... enfermeiro! “

//( CI )//// (D'Eu.) /// ( UNICAMP )

Sem data; publicado em 26/04/2005

O que faz e como pode fazer um sujeito para se relacionar consigo mesmo e com os seus pares sob limitadas condições de expressão e/ou de interpretação verbal (linguagem oral/fala e escrita), estabelecidas por uma lesão cerebral?

Uma questão assim formulada só pode partir de uma perspectiva que considera que um sujeito afásico jamais deixa de ser lingüístico e social, ou seja, apesar das limitações verbais (da afasia), ele continua sua história de relação com a linguagem e com a vida.

Mais uma vez, recorro a um dos poemas de SL para orientar a discussão pretendida neste estudo: suas produções orais e escritas revelam o trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico por ele realizado. Neste poema – Sobre as afasias e os afásicos – SL se serve da afasia para marcar, por meio da escrita, a sua fala afásica e para mostrar o quanto a afasia é sua desconhecida; além disso, SL denuncia sua evidente decepção ao se deparar com os conhecimentos teóricos sobre as afasias - sua curiosidade a respeito do que tinha não pôde ser satisfeita na literatura científica por ele acessada.

Conforme indica SL, a literatura disponível muito diz sobre os aspectos etiológicos e sintomatológicos das afasias, e, também, sobre os modelos de processamento cerebral da linguagem, mas pouco diz sobre os sujeitos com afasia e sobre a linguagem na afasia (COUDRY, desde 1986/1988). Pode-se dizer, portanto, que a teorização acerca das afasias destaca a anatomia e a fisiologia cerebral, bem como a descrição e a categorização de sintomas lingüísticos, revelando uma preocupação bem próxima da dos primeiros estudiosos do início do século XX; a diferença é que atualmente a tecnologia disponível (sofisticadas imagens cerebrais) possibilita comprovar ou refutar os modelos neurofisiológicos elaborados no passado. Não quero dizer com isso que essa perspectiva teórico-metodológica não seja necessária aos estudos das afasias, simplesmente quero destacar que, do ponto de vista da terapêutica das afasias e também dos afásicos (conforme bem indica SL), é necessária a produção de conhecimentos a respeito de como se pode tratar as afasias, ou melhor, de como se (re)construir a linguagem de sujeitos afásicos.

Partindo da convicção de que é a concepção de linguagem que orienta a concepção de sujeito e dos processos terapêuticos desenvolvidos junto a sujeitos afásicos, considero, então, pertinente analisar a produção teórica e metodológica disponível sobre as afasias.

Procuro, neste capítulo, analisar os conhecimentos disponíveis aos profissionais de saúde dedicados ao cuidado de sujeitos afásicos, visto que não raramente (exceto nas condições mais precárias de sobrevivência, ou seja, no acesso restrito a serviços de saúde), o sujeito afásico e seus familiares ou responsáveis passam a conviver com especialistas (médicos, enfermeiros, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais etc) que *cuidam* dessa sua nova condição - a de ser afásico - marcada por certa dificuldade em realizar as até então automáticas operações discursivas (atividades lingüísticas, epilingüísticas e metalingüísticas).

A despeito do que *sentem* os sujeitos afásicos e seus acompanhantes, pergunto: o que *pensam* os especialistas frente a um sujeito afásico, quais são os conhecimentos teóricos e metodológicos de que dispõem para atender as necessidades de sujeitos afásicos? Em outras palavras: que saberes orientam a atenção especializada dispensada a tais sujeitos?

Certamente que em todas as áreas da saúde, com maior ou menor aprofundamento, as definições de afasia, suas características clínicas (semiologia) e as possíveis intervenções (terapêuticas ou medicamentosas) são pautas obrigatórias na formação desses profissionais. Geralmente, os textos usados na formação de profissionais de saúde veiculam informações gerais sobre a linguagem, seguidas da descrição dos sintomas (dos *distúrbios*), das correlações anátomo-clínicas, dos procedimentos destinados ao diagnóstico e ao tratamento das afasias; alguns, ainda, indicam o prognóstico da *doença*.

Procurando (re)conhecer os discursos vigentes sobre linguagem<sup>30</sup>, afasia e sujeitos afásicos, discutem-se, a seguir, textos (alguns recentes e outros mais antigos) altamente difundidos em Neurologia/Neurociência e na Fonoaudiologia (profissão e ciência voltada para os chamados *distúrbios da comunicação humana*, portanto, também comprometida com a avaliação e a terapia de sujeitos afásicos).

No que se refere à Neurologia/Neurociências, discute-se o Capítulo 6 – *Funções Superiores* – do *Manual de Neurologia* (CAMBIER, MASSON e DEHEN, 1975/1988)<sup>31</sup> e o Capítulo 59 – *A Linguagem e as Afasias* (DRONKERS, PINKER E DAMÁSIO) que compõe a Parte IX do reconhecido – *Princípios das Neurociências* (KANDEL, SCHWARTZ e JESSEL, 2000/2004). Convém ressaltar que ambos os livros podem ser caracterizados como tratados da área; têm grande circulação e aceitação entre os profissionais da saúde dedicados ao estudo e à atenção clínica e/ou terapêutica de sujeitos cérebro-lesados.

O *Manual de Neurologia* encontra-se em versão eletrônica, fato que, do meu ponto de vista, afirma-o como importante referência na área e de fácil acesso; o *Princípios das Neurociências* – lançado em sua língua original (inglês) em 2000 – teve sua primeira edição brasileira em 2003 e, já em 2004 se encontrava em sua quarta edição; o que revela o seu rápido reconhecimento por profissionais neurologistas, psiquiatras, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, entre outros.

Opta-se pela análise de tais textos, visto que podem ser usados por aqueles (por exemplo - médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas) que podem

---

<sup>30</sup> A propósito, Andrade (no prelo) discute em seu artigo - *A linguagem em livros-texto de Neurociências: alguns exemplos* – a concepção de linguagem adotada nos livros-texto usados na graduação de profissionais de saúde. A autora analisa quatro livros-texto: 1) *Fundamentos da Neurociência e do Comportamento* (KANDEL *et al*, 2000); 2) *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência* (LENT, 2001); 3) *Fisiologia do Comportamento* (CARLSON, 2002) e 4) *Neurociências - desvendando o sistema nervoso* (BEAR *et al*, 2002), e sua análise revela que tais livros adotam uma concepção de linguagem assentada na estrutura do sistema lingüístico.

<sup>31</sup> Em sua 9ª edição brasileira (1999) o referido capítulo é intitulado – Neuropsicologia.

ministrar aulas de Neurologia ou Neuropsicologia nos cursos de Fonoaudiologia (o que os caracteriza como livros-texto<sup>32</sup>).

Quanto à literatura fonoaudiológica, opta-se por uma revisão de artigos de um periódico científico - a *Revista Distúrbios da Comunicação*<sup>33</sup> - o primeiro periódico da Fonoaudiologia, lançado nos anos 80, tão logo se dá sua regulamentação como profissão da saúde (Lei nº 6.965/1981). Tal fato, a meu ver, lhe confere maiores possibilidades de retratar o caminho da construção teórico-metodológica da Fonoaudiologia acerca das afasias. Portanto, com tal revisão, focalizam-se os conceitos que permeiam a práxis fonoaudiológica junto a sujeitos afásicos e, de certa forma, explicita-se o desenvolvimento teórico e metodológico sobre as afasias e os sujeitos afásicos no interior da Fonoaudiologia.

No sentido acima, as análises dos textos visam apreender as concepções de linguagem e de afasia em ambas as áreas; bem como a concepção de sujeito que delas decorrem, buscando-se, assim, evidenciar as (im)possibilidades metodológicas que se abrem pela adoção de uma ou de outra abordagem teórica. Além desse objetivo, procura-se também estabelecer os pontos de contato ou de afastamento com a ND (perspectiva teórico-metodológica que orienta este estudo).

---

<sup>32</sup> Conforme bem esclarece Andrade (cf nota 30), os livros-texto são considerados obras de referência em uma dada área, cumprem o objetivo de nortear os estudos de alunos de graduação e para tanto partem de conhecimentos estabelecidos (dão uma visão dos conceitos, métodos e resultados acerca de um dado problema, são raros os livros-texto que discutem detalhadamente ou que trazem polêmicas acerca dos conceitos neles tratados).

<sup>33</sup> Esta revista é vinculada à Faculdade de Fonoaudiologia, Pós Graduação em Fonoaudiologia e DERDIC (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação) da PUCSP; atualmente sua publicação é quadrimestral, tendo sido trimestral em seu primeiro ano (1985-1987); sua publicação foi interrompida em 1988, reiniciada em 1989 com periodicidade semestral até 2003. É editada pela EDUC (Editora da PUCSP) e está indexada no LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), desde 1998. Trata-se de um periódico especializado, aberto a contribuições da comunidade científica nacional e internacional, arbitrada e distribuída a leitores do Brasil e de outros países. Tem por finalidade a publicação de artigos científicos originais sobre temas relevantes para a Fonoaudiologia; além dos artigos originais a revista conta com outras seções – resumo de teses e de dissertação, resenhas e comentários de livros *etc.*



### 3.1 – Concepção de linguagem, de afasia e de sujeito na obra - Manual de Neurologia

A definição de afasia encontrada em Cambier, Masson e Dehen (1975/1988) corresponde integralmente à encontrada na literatura neurológica, neuropsicológica e neurolíngüística, a saber: alteração da linguagem verbal (fala e escrita) resultante de lesões cerebrais focais e adquiridas. No entanto, os autores a definem usando uma negativa; recorrem à exclusão de etiologias como a degeneração cérebro-cortical, as deficiências sensoriais e as motoras. Em suas palavras:

[...] a definição de afasia exclui as perturbações da função da linguagem que resultam de uma desorganização global do funcionamento cerebral (confusão mental, demência). Exclui, igualmente, as dificuldades de comunicação resultantes de uma alteração dos instrumentos sensoriais (cegueira e surdez) ou dos dispositivos motores (disartrias-disfonias) que intervêm normalmente na percepção ou na expressão das mensagens lingüísticas. (CAMBIER, MASSON e DEHEN; 1975/1988, p.131).

Tais autores esclarecem que a etiologia das afasias pode ser súbita ou prolongada; nos seus termos: uma *perturbação da função da linguagem* pode ser subitamente imposta por Acidentes Vasculares Cerebrais (AVC hemorrágicos ou isquêmicos), Traumas Crânio Encefálicos (TCE - ferimentos com armas de fogo ou brancas, quedas, acidentes automobilísticos etc) ou então por processos expansivos (tumores cerebrais - quando as dificuldades de linguagem aparecem gradativamente).

Chama-me a atenção o fato desses autores não usarem o termo *distúrbio da linguagem*, mas sim uma *perturbação da função da linguagem*; tal fato revela que, para eles, a linguagem é uma das *funções superiores* e um *sistema de signos*

*com função de representação* (sistema simbólico) usado para a comunicação (interação social) e também para a organização intra-mental, conforme será explicitado mais adiante.

Convém dizer que Cambier, Masson e Dehen (1975/1988), antes de apresentarem a definição e a semiologia das afasias, discorrem sobre a evolução da linguagem; destacam os seus aspectos biológicos, mas também os históricos e os culturais. Explicam que a linguagem verbal desde sempre esteve na e para a relação interpessoal tendo evoluído a partir do aspecto afetivo, em suas palavras: “[...]. A linguagem do homem guarda, de suas origens, o enraizamento na vida afetiva, que é fundamentalmente algo destinado a estabelecer relações”. (CAMBIER, MASSON e DEHEN, 1975/1988, p.127).

Esses autores consideram que a origem da linguagem está no *grito*; tal como em outros animais, as vocalizações são sinais de diversos comportamentos instintivos. O grito desvia os músculos respiratórios e a musculatura bucofaríngea de sua função primitiva, qual seja, a manutenção do organismo (respiração e alimentação). Gradativamente, a vocalização se diversifica até aparecer a chamada *vocalização interativa*, coincidente com o aparecimento da circunvolução frontal ascendente. Paralelamente ao desenvolvimento da vocalização dá-se também o desenvolvimento da *percepção* (fato que possibilitou a diferenciação entre o próprio grito e o emitido pelo outro, ainda animal, nesta fase da evolução). No entanto, explicam os autores, é somente com a condição de imitar – imediata e postergadamente – que a linguagem adquire sua verdadeira dimensão: a de sistema simbólico. Portanto, segundo Cambier, Masson e Dehen (1975/1988), a linguagem humana foi, antes de tudo, um sistema de sinalização.

Cambier, Masson e Dehen (1975/1988) esclarecem que, no processo da evolução humana, o aparelho audiofonatório torna-se o símbolo do objeto ou da ação com que se encontra associado; por meio da ordenação de elementos

(palavras) organiza-se o sujeito da ação e os objetos; é esse uso categorial de símbolos verbais que permite a generalização semântica das palavras e assim se chega à linguagem – atividade que evoca o objeto ou a ação em sua ausência, que formula relações e generalizações. Nesse sentido, afirmam os autores, a cada etapa do processo evolutivo,

[...] a linguagem de cada homem foi-se dirigindo ao encontro da língua, realidade comum que há muito tempo adquiriu uma existência autônoma com relação aos seus interlocutores. (CAMBIER, MASSON e DEHEN, 1975/1988, p. 127) <sup>34</sup>.

Quanto à língua, explicam-na estruturada em unidades hierarquicamente organizadas: fonemas, palavras e frases. Os fonemas são as unidades diferenciadas do código lingüístico, configuram-se como um conjunto de sons elementares que o aparelho fonador humano pode produzir e cada língua opera com uma seleção particular desses sons possíveis. As palavras (compostas por fonemas) são unidades significantes da língua. Os autores ressaltam que os conteúdos semânticos das palavras não são fixos - podem variar consideravelmente a depender do contexto - e as frases correspondem à associação de palavras segundo regras gramaticais (componente sintático da língua) que possibilitam o reconhecimento de seu valor semântico.

Cambier, Masson e Dehen (1975/1988) consideram que o *uso de um código* lingüístico possibilita ao homem expressar o que sente, nomear objetos, descrever ações, definir relações, visto que a linguagem é representação, ou seja,

---

<sup>34</sup> À medida que os autores discorrem sobre a filogênese da linguagem, também falam do que ocorre na ontogênese. Portanto, esclarecem que, em termos ontogenéticos, constata-se o grito como sendo a primeira forma da relação mãe/criança, logo ele cede e aparece o sorriso de relação e os sons balbuciados, ou seja, ocorre a entrega da criança ao exercício lúdico do balbucio, o qual, meses depois, é substituído pela imitação de sons verbais produzidos pelo adulto (quando ocorre a mielinização da via que une a zona auditiva à motora). Paralelamente à vocalização desenvolve-se a percepção, fato que permite a reação eletiva à fala dos adultos, porém, é só mais tarde, com a capacidade de reproduzir por imitação que se dá um salto importante para a expressão e interpretação da linguagem.

ela *representa* os objetos, as ações e as relações. Mas, mais que isso, a linguagem

[...] dá ao homem o meio dele se situar em sua própria história, a linguagem permite-lhe passar da consciência do momento à consciência de si. A linguagem confere à relação inter-humana uma nova dimensão: depositária da cultura, a linguagem faz de cada homem o herdeiro do capital elaborado pelas gerações anteriores. (CAMBIER, MASSON e DEHEN, 1975/1988, p. 127).

Note-se que tais autores adotam conhecimentos clássicos da Lingüística e da Filosofia da Linguagem, apesar de em nenhum momento explicitarem as fontes bibliográficas de tais conceitos (as únicas referências explícitas são as de figuras e esquemas ilustrativos usados no livro). Extraí-se de suas considerações a concepção histórico-cultural da linguagem, a intrínseca relação pensamento-linguagem e dados relevantes de sua dimensão interativa.

Cambier, Masson e Dehen (1975/1988) reconhecem o papel instrumental da linguagem, a sua função comunicativa, mas não a tratam como um código fechado responsável pela transmissão de informações; destacam a sua função constitutiva: a linguagem dá ao homem “[...] o meio de se situar em sua própria história, a linguagem permite-lhe passar da consciência do momento à consciência de si”. (CAMBIER, MASSON e DEHEN, 1975/1988, p. 127). Porém, os autores deixam de considerar outros elementos da linguagem como a prosódia (não fazem em nenhum momento menção aos aspectos como ritmo, velocidade, entonação *etc*). Interpreto tal falta de menção como uma redução – para esses, como para muitos outros autores, a prosódia não é tida como parte integrante da linguagem.

Outra “falta” dos autores refere-se ao fato de conferirem ao fonema a condição de unidade mínima da análise lingüística (sabe-se que a unidade mínima

de análise são os traços distintivos). Tais reduções decorrem, muito provavelmente, porque tais autores não devem ter acompanhado de perto a evolução dos conhecimentos gerados pela Fonologia e Fonética.

Quanto à classificação e à semiologia das afasias, Cambier, Masson e Dehen (1975/1988) explicam que há variação no modo de a linguagem patológica se manifestar, ou seja, falam da existência de uma tipologia variável de afasias, assim como ressaltam que a *performance* de um sujeito afásico é, também, variável e, a propósito, reconhecem a *dissociação automático-voluntária* como responsável pela instabilidade da *performance* verbal do sujeito afásico: “[...] o enunciado das séries, as respostas involuntárias emitidas num contexto emocional, estão mais preservadas que o uso volitivo da linguagem”. (CAMBIER, MASSON e DEHEN, 1975/1988, p. 131).

Em termos lingüísticos, a asserção acima significa que a linguagem em uso (dada na interação entre sujeito afásico e seu interlocutor) se apresenta mais fluída, quando comparada à reflexão gramatical que basicamente exige operações metalingüísticas (o uso volitivo da linguagem implica a análise da linguagem enquanto construção de conceitos, classificações *etc*).

Convém destacar que esses autores, tomando o critério de organização hierárquica da língua(gem), descrevem as alterações verbais no nível da palavra (desintegração fonética, parafasias fonêmicas e verbais e ausência de palavras) e do discurso (afasias fluentes e afasias não-fluentes).

No que se refere às palavras, explicam que elas podem ser produzidas inadequadamente em decorrência de distúrbios na realização motora dos fonemas (tais distúrbios são caracterizados como *distúrbios fonéticos* ou *distúrbios átricos de natureza afásica*, ou ainda, como *anartria*), assim como por distúrbios na organização dos fonemas (os *distúrbios fonêmicos*). Ressaltam que na base dos

*distúrbios fonéticos* tem-se geralmente um componente parético (enfraquecimento) e outro apráxico (impossibilidade de realização voluntária de movimentos precisos dos órgãos fonoarticulatórios) de onde resulta a degradação dos contrastes fonéticos conhecida como – síndrome de *desintegração fonética*<sup>35</sup>. Na ausência de distúrbios árticos, uma palavra pode ser produzida distorcidamente por omissão, acréscimo e/ou deslocamento de fonemas, fato que caracteriza as *parafasias fonêmicas*. Os autores afirmam que a desorganização dos fonemas em palavras pode chegar ao ponto delas não serem reconhecidas: “[...]. Às vezes, a anarquia na organização dos fonemas é tal que a palavra já não é reconhecível, assemelhando-se a um neologismo”. (CAMBIER, MASSON e DEHEN, 1975/1988 p. 132)<sup>36</sup>.

Além das alterações no nível dos fonemas, os autores explicam que podem ocorrer perturbações referentes à escolha das palavras, o que caracteriza um problema semântico: uma palavra pode ser substituída por outra semelhante morfológica ou semanticamente, trata-se da chamada *parafasia verbal* (ou *parafasia semântica*). São ainda comuns as situações em que faltam as palavras (geralmente identificadas como *ausência de palavras*, *dificuldades para encontrar palavras* ou *anomias*). Os autores afirmam que nessas condições o sujeito afásico se esforça para emitir a palavra que “está na ponta da língua” ocorrendo às perífrases (circunlóquios); ressaltam também que (nessas condições) o sujeito afásico se beneficia do *prompting* fonético ou semântico dado pelo examinador.

---

<sup>35</sup> Os autores ressaltam que os distúrbios árticos de natureza afásica são diferentes das alterações fonéticas das disartrias, visto que nos primeiros constata-se variabilidade de erros e de imprecisões, enquanto que nas disartrias as alterações da produção fonêmica são estáveis e uniformes.

<sup>36</sup> Note-se que os autores caracterizam o neologismo como uma grave desorganização fonêmica/desorganização fonológica (uma produção lingüística patológica); por outro lado, em termos lingüísticos, os neologismos são tido como novas construções morfológicas possibilitadas pela língua e, nos termos de Jakobson (1959/1969 – 1999), geradas quando uma experiência cognitiva não pode ser explicitada com os elementos lingüísticos disponíveis.

Convém dizer que os autores não se ocupam de discussões aprofundadas, minuciosas e/ou comparativas a respeito das manifestações afásicas; explicam-nas, *grosso modo*, porém, de forma coerente com a concepção de linguagem por eles adotada. Conforme já indicado, após a apresentação das possíveis alterações no nível da palavra, os autores esclarecem que a depender do *desenrolar do discurso* as afasias podem ser distinguidas em *afasias não-fluentes* e *afasias fluentes*. Nos termos de Cambier, Masson e Dehen (1975/1988, p. 133), as afasias não-fluentes

[...] caracterizam-se pela redução do discurso. Esta redução pode ser extrema, transformando a expressão numa estereotipia ou numa fórmula verbal mais ou menos modulada pelo estado emocional. Em outros casos, a expressão é pouco abundante, emitida como que de memória, alternando expressões automáticas modulatórias com um pequeno número de palavras significativas e de frases curtas. Eventualmente, essa expressão reduzida toma a forma de um agramatismo, i. e., de um discurso de estilo telegráfico, constituído de substantivos e de verbos no infinitivo e desprovido de termos gramaticais (artigos, preposições): ‘eu querer comer.

Quanto às *afasias fluentes*, os autores falam de modo bastante superficial, afirmam que sujeitos afásicos fluentes apresentam produção verbal abundante e incoercível, fato que revela *desobediência* às regras sintáticas da língua (dissintaxia). A fala do afásico fluente é repleta de frases longas e de parafasias verbais e fonêmicas - o que a caracteriza como uma fala jargonafásica. O sujeito é anosagnóstico, ou seja, não percebe suas dificuldades de produção verbal.

Assim considerando, os autores<sup>37</sup> passam para uma classificação das afasias segundo critérios anátomo-fisiológicos e incluem no grupo das afasias não-fluentes a: 1) afasia de Broca, 2) afasia total, 3) anartria pura; 4) afasia dinâmica, 5) afasia transcortical motora e; no grupo das afasias fluentes incluem a: 1) afasia de Wernicke e 2) afasia de condução.

Segundo Cambier, Masson e Dehen (1975/1988), a afasia de Broca é uma afasia não-fluente decorrente de lesão do terço posterior da terceira circunvolução frontal esquerda; caracteriza-se pela redução da produção oral, por dificuldades com a iniciativa verbal e com a evocação de palavras, estando preservada a linguagem automática, ou seja, é possível fala fluente dos dias da semana, dos meses; das estações do ano, por exemplo. Nesse tipo de afasia há redução da espontaneidade verbal, as perseverações são freqüentes, assim como as supressões e/ou antecipações fonêmicas que em grau severo caracterizam a chamada *desintegração fonética*. É comum a associação de distúrbios árticos e práxicos, além da presença de hemiplegia direita (membros inferiores e superiores). A escrita é lentificada com instabilidade das formas gramaticais - superposição ou substituição de letras e de palavras. Porém, a interpretação verbal (oral e escrita) está mais preservada.

Na presença de lesão extensa, que atinge a totalidade do território silviano, tem-se a afasia total - supressão completa da fala ou presença de algumas estereotipias e , ainda, compreensão prejudicada. Porém, se a lesão é circunscrita ao córtex da área de Broca, tem-se a anartria pura – caracterizada pela desintegração fonética, com compreensão preservada, assim como a expressão e

---

<sup>37</sup> Barbizet e Duizabo (1985), neuropsicólogos franceses, diferentemente de Cambier, Masson e Deher, demonstram certa preocupação com os critérios de classificação das afasias, advertem que, toda e qualquer classificação é sempre uma abstração e por isso incapaz de dizer tudo sobre o fenômeno a que se refere. Porém, não fogem do critério anatomo-fisiológico e sistematizam, assim como Cambier, Masson e Deher, os diferentes tipos de afasia em *afasias de expressão verbal fluída* – afasias fluentes (também conhecidas por afasias sensoriais ou posteriores) e *afasias de expressão verbal reduzida* – afasias não-fluentes (também conhecidas por afasias motoras ou anteriores).



interpretação escrita (de modo análogo, se a lesão acomete a base da segunda circunvolução frontal pode provocar uma *agrafia pura*). No caso de lesão na convexidade do lobo frontal, tem-se a afasia dinâmica - uma afasia não-fluente sem dificuldades árticas. Nesse grupo, também se encontra a afasia transcortical motora caracterizada por dificuldades de conduzir o discurso e de definir palavras, estando a repetição e a denominação preservadas.

Quanto às afasias fluentes, tem-se que na afasia de Wernicke a produção verbal é abundante, acentuam-se a entonação e a gesticulação, assim como são acentuadas as dificuldades de produção e interpretação verbal. É difícil interromper os afásicos de Wernicke os quais, geralmente, apresentam anosognosia, jargonafasias, parafasias, dissintaxias, entre outras dificuldades lingüísticas.

Nas afasias de condução há conservação quase total da possibilidade de o sujeito manter conversação; aparecem dificuldades na transposição audiovisiofonatória e parafasias fonêmicas. O sujeito com afasia de condução reconhece as suas dificuldades de produção oral e tenta sucessivamente se autocorrigir.

Pelas descrições acima, pode-se dizer que os autores não estão muito preocupados em aprofundar conhecimentos acerca da complexidade envolvida numa classificação ou na discussão das características verbais nos diferentes tipos de afasia. Parece-me que se ocupam da transmissão do conhecimento acumulado na área (descrição daquilo que a experiência revela); não perseguem explicações a respeito dos fenômenos lingüísticos presentes nas afasias e, assim sendo, passam a discutir as causas das afasias e a associação delas com as

alterações de outros processos cognitivos (apraxias, agnosias, acalculias *etc*<sup>38</sup>).

Note-se que tais autores, apesar de reconhecerem a historicidade da linguagem e o seu papel na constituição do sujeito e de sua relação com o mundo físico e social, ainda mantêm a concepção de que os processos cognitivos/psíquicos são autônomos, apartados entre si. Desse modo não reconhecem a inter-relação da linguagem com os demais processos cognitivos/psíquicos, passam ao largo, portanto, da concepção abrangente de linguagem adotada nesta pesquisa: a de linguagem como atividade estruturante dela e dos demais processos cognitivos/psíquicos. Em outras palavras, os autores não reconhecem, de fato, o papel de regulação intra e interpsíquica da linguagem.

Pelo exposto acima, tem-se a clareza de que Cambier, Masson, Deher (1975/1988) adotam uma concepção de linguagem informada lingüisticamente, no entanto, quando tratam das afasias e do sujeito afásico todos os problemas se igualam: o sujeito afásico tem um problema com o sistema lingüístico e, assim sendo, só existem as alterações ou as falhas no e do sistema verbal. Tais autores não podem ver que a afasia é, sobretudo, um problema discursivo e, por isso, não vêem que há sujeito e linguagem nas afasias (COUDRY, 1986/1988; 1996b; CARVALHO, 2001). A propósito, discute-se a seguir uma visão ainda mais distante da concepção discursiva das afasias; trata-se daquela assentada em experimentos (possibilitados pela alta tecnologia disponível nos dias atuais) voltados para a elaboração ou redefinição de modelos neuropsicológicos ou neurolingüísticos.

---

<sup>38</sup> Grosso modo, as apraxias se manifestam frente a lesões cerebrais e correspondem a dificuldades de execução das atividades gestuais (utilização de objetos ou representação de ações e/ou objetos); as agnosias, também causadas por lesões cerebrais, correspondem a dificuldades de reconhecimento/percepção possibilitadas pelos diferentes esquemas sensório-motores, nesse sentido, tem-se, por exemplo, as astereognosias (dificuldade para reconhecer formas por meio do tato), as agnosias auditivas e visuais (dificuldade de reconhecimento de sons e imagens visuais, respectivamente). Acalculia diz respeito às dificuldades para cálculos matemáticos. A propósito de maiores detalhes acerca das alterações dos processos cognitivos/psíquicos, confira a obra de BARBIZET e DUIZABO (1985).

### 3.2 – Concepção de linguagem, de afasia e de sujeito na obra – Princípios da Neurociência

Diferentemente de Cambier, Masson e Deher (1975/1988), os autores Dronkers, Pinker e Damásio (2000/2004) iniciam o capítulo dedicado à linguagem e às afasias destacando a estrutura da linguagem e o seu substrato anatômico.

A linguagem é o sistema notável que permite às pessoas comunicarem uma combinação ilimitada de idéias usando uma seqüência altamente estruturada de sons (ou, na linguagem de sinais, de gestos manuais e faciais). A linguagem é a parte mais acessível da mente [...]. Investigações científicas intensivas por lingüistas e psicolingüistas nos últimos 40 anos vêm revelando que todas as línguas são baseadas em princípios de construção notadamente similares e que a linguagem emerge espontaneamente em todas as crianças normais em todas as sociedades. Assim, a linguagem parece ser uma adaptação de toda nossa espécie [...] baseada em uma rede neural de complexidade considerável. (DRONKERS, PINKER E DAMÁSIO; 2000/2004, p. 1169, grifos meus).

Note-se que tais autores afirmam, como os anteriormente referidos, que a linguagem é um sistema complexo que com um número limitado de elementos possibilita a comunicação interpessoal (ilimitada), porém delimitam-na à condição de instrumento de comunicação e veículo do pensamento, fato que os distanciam da concepção *franchiana* de linguagem (atividade constitutiva – dela própria, dos sujeitos e das interações sociais) e da dos neurologistas Cambier, Masson e Dehen (1975/1988) que também atribuem papel representativo e constitutivo da linguagem (apesar de não os incorporarem quando descrevem a semiologia das afasias).

Dronkers, Pinker e Damásio (2000/2004) se distanciam definitivamente da concepção de linguagem aqui adotada à medida que a concebem como um

comportamento (parte mais acessível da mente) e que há independência entre linguagem e pensamento: o pensamento é a capacidade de ter idéias e a linguagem a capacidade de codificar idéias em sinais para a comunicação com o outro. Nos seus termos:

[...]. A linguagem, o código pelo qual transmitimos as idéias, é diferente das idéias em si. As pessoas não pensam apenas por palavras e sentenças de suas línguas; o pensamento pode ocorrer na ausência da linguagem. (DRONKERS, PINKER E DAMÁSIO, 2000/2004, p. 1169).

Para os autores a linguagem se desenvolve naturalmente em todas as culturas (admitem a emergência espontânea da linguagem) e segue um padrão universal. Do nosso ponto de vista, esses autores aplicam ingenuamente a concepção gerativista da linguagem que vem sendo formulada por Chomsky desde 1959, para outros fins.

Dronkers, Pinker e Damásio (2000/2004) ressaltam que a linguagem (tal como outras capacidades cognitivas) não pode ser exclusivamente atribuída à estrutura inata e, assim, defendem a composição entre aprendizagem e condição inata; uma língua é aprendida/adquirida porque dispõe de uma rede neural pré-programada para seu desenvolvimento - uma criança não necessita repetir ou fazer esforço para falar, ela tem que meramente ouvir palavras (ou no caso da surdez – ver palavras). Esse modelo pressupõe a estruturação da linguagem em dois componentes: a palavra e a gramática.

A palavra é tomada como uma associação arbitrária entre som e significado (concepção tradicional sobre o signo lingüístico) e a gramática como o sistema que define a maneira pela qual as unidades podem ser combinadas em palavras, frases e sentenças. As palavras são classificadas em *palavras de conteúdo* e *palavras gramaticais*; nos termos dos autores – palavras do *vocabulário* de

conteúdo e palavras do *vocabulário* gramatical. As palavras de conteúdo são inúmeras e representam conceitos de objetos, estados, acontecimentos, ações, qualidades, pessoas, modos e lugares, portanto, incluem os substantivos, os verbos, os adjetivos, os advérbios e algumas preposições; enquanto que as palavras gramaticais, em menor número, têm significado mais restrito e são usadas para definir a estrutura de uma sentença, incluem os artigos, os auxiliares, os prefixos e sufixos e aquelas preposições não incluídas na classe de palavras de conteúdo.

A gramática conta com três componentes – a morfologia (regras para combinar palavras e afixos em palavras maiores), a sintaxe (regras para combinar palavras em frases e sentenças<sup>39</sup>) e a fonologia (regras de combinação de sons em um padrão consistente de linguagem, ou seja, sons são combinados de acordo com uma estrutura possível na língua<sup>40</sup>).

Assim descrita a linguagem – em seus componentes – os autores concebem-na como uma estrutura que requer padrões complexos de fluxo de informação:

[...]. Usar a gramática e o vocabulário apenas não nos permite produzir ou compreender uma sentença. A gramática e o vocabulário são meramente códigos, ou protocolos, que estabelecem uma relação entre significados e sinais para uma dada linguagem. Para produzir uma sentença precisa-se escolher palavras e usar regras gramaticais para codificar idéias e intenções (isto é, a mensagem) e gerar um conjunto de

---

<sup>39</sup> Os autores ressaltam que a determinação das palavras não é linear; falam em três princípios sintáticos – o primeiro diz respeito à ramificação estrutural da frase, dada pela sequência das palavras (a ordem das palavras define o sentido das frases), o segundo refere-se à coesão de uma proposição (verbos que definem como os significados das palavras devem ser integrados) e o terceiro princípio sintático é o da anáfora (frases associadas que podem referir a uma mesma entidade no mundo).

<sup>40</sup> Dronkers, Pinker e Damásio (2000/2004) incluem na fonologia a prosódia; afirmam sua função gramatical – por exemplo – na distinção de palavras (“quadro-negro” *versus* “quadro negro”) e na transmissão de informações (diferencia a afirmação da interrogação, por exemplo); portanto, a prosódia dá ênfase, indica as emoções *etc.*

comandos articulatórios para o sistema motor. Para compreender uma sentença, precisa-se coordenar as informações sensoriais, que chegam através do sistema auditivo (ou do sistema visual da sinalização e da leitura), com a gramática e o vocabulário e enviar a informação sobre a interpretação resultante (a mensagem) para os sistemas subjacentes à memória e ao raciocínio. O uso da linguagem, portanto, requer padrões complexos de fluxos de informação, envolvendo muitas áreas encefálicas” (DRONKERS, PINKER e DAMÁSIO (2000/2004, p. 1171).

Diferentemente de Cambier, Masson e Dehen (1975/1988), os autores acima se dedicam mais ao esclarecimento de como se dá o processamento da linguagem (adotam uma concepção modularista da mente) e discorrem brevemente sobre a evolução da linguagem; ressaltam a perspectiva darwiniana de que a linguagem pode ter surgido por um processo gradual de seleção natural, visto que não há em outras espécies animais, um sistema de comunicação (linguagem) como a dos humanos<sup>41</sup>. A propósito, é nesse ponto da discussão que os autores introduzem a questão das afasias; afirmam que a falta de homologia da linguagem em outras espécies dificulta a compreensão de suas bases neurais e que o estudo dos *distúrbios de linguagem*, as *afasias*, constitui-se como a principal fonte de conhecimento sobre o processamento lingüístico.

Dronkers, Pinker e Damásio (2000/2004) comentam a pertinência e os problemas do primeiro modelo neurofisiopatológico (Wernicke-Geschwind - 1874), afirmando que dele se derivou a classificação tradicional das afasias. Ressaltam

---

<sup>41</sup> Os autores ressaltam a radical diferença estrutural do sistema de comunicação humana em relação à comunicação animal. Explicam que o primeiro é um sistema de infinitas combinações de elementos significativos e o segundo se baseia em apenas uma das três possíveis estruturas: 1) um repertório finito de chamadas (para avisar sobre predadores e marcar território, por exemplo), 2) um sinal contínuo que revela a intensidade de alguma variável (dança das abelhas para indicar distância da comida, por exemplo) e 3) uma seqüência aleatoriamente organizada que servem como variações de um mesmo tema (canto dos pássaros, por exemplo).

que as modernas técnicas de diagnóstico das lesões cerebrais<sup>42</sup> melhor evidenciam as estruturas e a fisiologia cerebral. Os autores explicam que, na atualidade, considera-se a existência de três sistemas que interagem entre si na percepção e produção da linguagem: 1) *sistema de implementação da linguagem* formado pelas áreas de Broca e de Wernicke (parte do córtex insular e dos núcleos da base); 2) *o sistema mediador* constituído por diversas áreas do córtex de associação temporal, parietal e frontal e 3) *o sistema conceitual* formado por um conjunto de regiões distribuídas no restante dos córtices associativos.

Após breve exposição sobre a estrutura e a fisiologia cerebral da linguagem, os autores iniciam suas considerações acerca das afasias, classificando-as e descrevendo seus sintomas; apresentam um quadro-resumo dos diferentes tipos de afasia, destacando *comportamentos* que permitem estabelecer diagnóstico diferencial, o qual apresentamos mais adiante.

Esses autores consideram a existência da: 1) Afasia de Broca (decorrente de grandes lesões no lobo frontal); 2) Afasia de Wernicke (decorrente de danos das estruturas do lobo temporal esquerdo); 3) Afasia de Condução (decorrente de lesões das estruturas que interagem com as principais áreas da linguagem); 4) Afasia Motora Transcortical e 5) e Afasia Sensória Transcortical<sup>43</sup> (decorrentes de lesões próximas às áreas de Broca e Wernicke, respectivamente) e, por fim, 6) Afasia Global (caracterizada como a combinação das Afasias de Broca, de Wernicke e de Condução).

---

<sup>42</sup> Entre as atuais possibilidades de diagnóstico por imagem, tem-se: PET (Tomografia por Emissão de Positrons), RMf (Ressonância Magnética funcional), PRE (Potenciais Elétricos Relacionados a eventos), assim como também conta-se com o registro direto de potenciais elétricos do córtex cerebral.

<sup>43</sup> Tais afasias são referidas, em outros textos neurológicos, como Afasia Transcortical Motora e Afasia Transcortical Sensorial; considero ter ocorrido um equívoco na tradução do inglês para o português.

Veja-se no quadro a seguir os tipos e os aspectos considerados pelos autores como importantes para o estabelecimento do diagnóstico diferencial das afasias:

Tipo de Afasia	Fala	Compreensão	Capacidade de repetição	Outros sinais	Região acometida
Broca	Não fluente e com esforço.	Preservada para palavras isoladas e sentenças simples.	Limitada.	Hemiparesia à direita com maior comprometimento do braço. Consciência do problema e depressão.	Córtex frontal posterior esquerdo e estruturas subjacentes.
Wernicke	Fluente, abundante, bem articulada e melódica.	Limitada.	Limitada.	Ausência de sinais motores, paciente ansioso, agitado, eufórico ou paranóico.	Córtex temporais posteriores superior e médio à esquerda.
Condução	Fluente com alguns problemas de articulação.	Intacta ou praticamente preservada.	Limitada.	Freqüentemente sem sinal, pode ter fraqueza do braço direito e perda de sensação.	Giro temporal superior e supra marginal à esquerda.
Motora transcortical	Não fluente explosiva.	Intacta ou praticamente preservada.	Intacta ou praticamente preservada.	Fraqueza do lado direito.	Anterior ou superior à área de Broca.
Sensória transcortical	Fluente, escassa.	Limitada.	Intacta ou praticamente preservada.	Ausência de sinais motores.	Inferior ou posterior à área de Wernicke.
Global	Escassa, não fluente.	Limitada.	Limitada.	Hemiplegia à direita.	Lesão perissilviana maciça.

**Figura 2** - Diagnóstico Diferencial dos Principais Tipos de Afasia

**Fonte:** Dronkers, Pinker e Damásio (2000/2004, p. 1176).

Note-se que os autores admitem as mesmas formas de afasia de Cambier, Masson e Dehen; apenas acrescentam a *Afasia Sensória Transcortical* (Afasia Sensorial Transcortical) e denominam diferentemente o tipo de afasia que acomete intensamente a produção e a interpretação da linguagem – chamam-na de Afasia Global, ao invés de Afasia Total.



A meu ver, Dronkers, Pinker e Damásio, assim como os primeiros, reproduzem o conhecimento acumulado na área e à medida que se deparam com *sinais/sintomas* que não cabem nas descrições já existentes – criam novos tipos de afasia – ou seja, à medida que não se problematizam as classificações, elas se avolumam e, de certa forma, cria-se a sensação de que algo de novo foi descoberto. Seis por meia-dúzia.

Chama-me a atenção o fato de que tais estudiosos destacam a condição de repetir palavras (apenas uma das atividades metalingüísticas) como critério para o estabelecimento do tipo de afasia que um sujeito pode apresentar. Do meu ponto de vista, essa atitude dos autores confirma a mera preocupação em descrever o processamento da linguagem substanciada tão somente nos aspectos da anatomia e da fisiologia cerebral.

Convém dizer que Dronkers, Pinker e Damásio (2000/2004) apresentam, além do quadro de diagnóstico diferencial das afasias, um quadro com trechos de fala de sujeitos afásicos, cujo título é *Exemplos de Produção de Fala Espontânea, Compreensão Auditiva e Repetição para Tipos Primários de Afasia* (p. 1178). Nota-se a preocupação dos autores em exemplificar as ocorrências lingüísticas nas afasias, mas com o propósito de enquadrá-las em uma tipologia; em nenhum momento são explicitadas as características dos sujeitos que as proferiram (nem ao menos a natureza ou extensão da lesão cerebral que os acomete), configurando-se, portanto, como meros exemplos da linguagem de *afásicos genéricos*.

Ressalto que minhas considerações não têm o propósito de retirar o mérito das pesquisas experimentais (obviamente que são necessárias aos estudos das afasias), mas procuro apenas alertar que os métodos e os resultados de tais estudos não podem ser tomados integralmente no atendimento clínico de sujeitos afásicos, visto que além do órgão (cérebro) lesionado, há um sujeito que, na

maioria das vezes, reconhece suas dificuldades lingüísticas e físicas e que se empenha em recuperá-las. Por isso, mais que identificar os limites orgânicos e fazer correlações anátomo-clínicas, os profissionais (médicos e, sobretudo, os terapeutas) precisam compreender e esclarecer para o sujeito afásico e seus familiares a natureza das alterações decorrentes da lesão cerebral, bem como esclarecer as possíveis mudanças desse estado (afásico) proporcionadas pela plasticidade neural, por sua vez potencializada pelo trabalho terapêutico.

Muitas outras considerações poderiam, ainda, ser tecidas a respeito dos conteúdos até aqui discutidas, porém, ressalta-se a evidente variação de concepção de linguagem nas duas obras. Conforme já dito, Cambier, Masson e Dehen (1975/1988) discutem a linguagem numa perspectiva histórica, como representação simbólica alcançada na interação social, mas não reconhecem, de fato, a sua condição de atividade constitutiva (no sentido de FRANCHI, 1977 – processo cognitivo/psíquico que constitui ao mesmo tempo os sujeitos e a língua por eles usada nos processos interacionais); enquanto que Dronkers, Pinker e Damásio (2000/2004) adotam uma concepção gerativista da linguagem e destacam seus aspectos anátomo-fisiológicos.

No entanto, quando tratam das afasias, os autores se igualam: não fogem da descrição e da categorização dos sintomas afásicos, ressaltam a correlação anátomo-clínica como um meio bastante confiável para o estabelecimento do diagnóstico de afasia. Nesse sentido, pode-se afirmar que apesar de os autores referirem que há variação das manifestações afásicas, ambos não fazem alusão aos modos particulares de como sujeitos afásicos lidam com as dificuldades impostas pela lesão cerebral.

Portanto, nas obras da Medicina aqui analisadas, consta-se a descrição das complexas bases neurais da linguagem, a descrição de seu processo evolutivo e de modelos neuropsicológicos ou neurolingüísticos, assim como a caracterização

e classificação dos *distúrbios* lingüísticos. Nota-se, pois, privilégio dos aspectos biológicos de modo que se passa ao largo de outras questões também complexas que entram em jogo no uso da linguagem: as sócio-culturais e psico-afetivas.

Pode-se, então, afirmar que a dinâmica relação entre a linguagem e os seus usuários (os sujeitos da linguagem) deixa de ser contemplada na literatura neurológica ou neuropsicológica que se constitui base para a formação dos profissionais da saúde ocupados da avaliação e da terapia de sujeitos afásicos. A afasia é apresentada como um fenômeno estático e, por conseguinte, a condição do afásico também. Se assim é com relação aos livros da Neurologia/Neurociências, pergunta-se: o que dizem os textos produzidos por pesquisadores/terapeutas - fonoaudiólogos ou outros especialistas dedicados ao acompanhamento de sujeitos afásicos?

Conforme já dito, diferentemente do que se faz em relação aos livros da Neurologia/Neurociências, a pesquisa bibliográfica realizada em Fonoaudiologia privilegia a produção de artigos científicos da área; o que não significa que não existam livros sobre as afasias no interior da Fonoaudiologia<sup>44</sup>.

Faz-se a opção por um periódico científico na tentativa de se explicitar o envolvimento da área com relação às afasias. Busca-se conhecer no periódico mais antigo da área – a Revista *Distúrbios da Comunicação* - como se tem desenvolvido os estudos acerca das afasias e dos afásicos, visto que, conforme dito na apresentação deste estudo, interessa-me explicitar e analisar, no interior

---

<sup>44</sup> Tem-se atualmente dois Tratados de Fonoaudiologia – ambos publicados em 2004 - um organizado por membros da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (FERREIRA, BEFI-LOPES e LIMONGI [org]; PUPO, FURKIM, CHIARI, BIANCHINI e RAMOS [co-org]) e outro por LOPES FILHO (2ª edição/2005). Há ainda publicações de fonoaudiólogas que bem se aproximam dos manuais da Medicina, por exemplo: *Introdução à afasia – Elementos para diagnóstico e terapia* (Jakubovicz e Meinberg, 1981) e *Neurolingüística: princípios para a prática clínica* (MANSUR e RADANOVIC, 2004). Há também uma obra inteiramente dedicada ao sujeito afásico: *O Afásico – Convivendo com a lesão cerebral* (tradução do livro - *L'Aphasique* – organizado por PONZIO, LAFOND, DEGIOVANI, JOANETTE, TUBERO e HORI, 1991), lançada, no Brasil, em 1995.

da Fonoaudiologia, o atual estado teórico e metodológico sobre tal tema, bem como relacioná-lo à perspectiva teórico-metodológica da ND, visando, assim, contribuir para o aprimoramento da atenção fonoaudiológica a sujeitos afásicos.

### **3.3. – Estudos relacionados à afasia e à terapêutica de sujeitos afásicos - Revista Distúrbios da Comunicação**

Foram consultados todos os volumes do referido periódico, tendo sido encontrados apenas 12 artigos que discutem procedimentos fonoaudiológicos de avaliação e terapia das afasias (de um modo generalizado); também foram encontrados estudos de caso dedicados à interpretação de dados lingüísticos (lingüístico-cognitivos/psíquicos, nos nossos termos) de sujeitos afásicos e relatos de experiência. Destaco a existência de um artigo que toma a afasia como espaço privilegiado para discutir o objeto de estudo da Fonoaudiologia – a linguagem; refiro-me exatamente ao artigo de Fonseca e Vieira (2004), cuja discussão faremos mais adiante.

A consulta aos volumes da *Revista Distúrbios da Comunicação* publicados ao longo das três últimas décadas, permite-nos dizer que são poucos os artigos científicos dedicados às afasias. Nesses anos foram publicados 628 artigos e, conforme dito acima, apenas 12 remetem à afasia, apesar de que nem todos tratam exclusivamente do tema. Além dos artigos há duas resenhas de pesquisas – uma de mestrado e outra de doutorado - e 3 resumos de dissertação de mestrado; confira o quadro a seguir:

**Tabela 1** – Trabalhos referentes à afasia – Revista Distúrbios da Comunicação

<b>Ano de publicação</b>	<b>Nº total de artigos</b>	<b>Nº de artigos sobre afasia</b>	<b>Título do artigo</b>	<b>Outros textos</b>
<b>1985</b>	14	01	<i>De como a avaliação contribui para inaugurar ou sistematizar o déficit</i>	
<b>1986</b>	15	01	<i>Fatores relevantes na avaliação do afásico</i>	
<b>1987</b>	16	01	<i>O estudo clínico dos sintomas neuropsicológicos</i>	
<b>1989</b>	17			
<b>1990</b>	20			
<b>1991</b>	19			
<b>1992</b>	11			
<b>1993</b>	18			<i>Dialogando com o indivíduo afásico</i> <sup>45</sup>
<b>1994</b>	18	02	<i>A história de um caso de afasia: uma direção semiótica para o pensar fonoaudiológico</i>  <i>O Papel do Fonoaudiólogo na terapia da Afasia</i>	
<b>1995</b>	11			
<b>1996</b>	10			
<b>1997</b>	16	01	<i>Avaliação do afásico</i>	
<b>1998</b>	16	01	<i>O uso de sistemas alternativos e facilitadores de comunicação nas afasias</i>	
<i>Continua...</i>				

<sup>45</sup> No volume 6, nº 1, 1993, Silvia Friedmam escreve – *Dialogando com o indivíduo afásico* – resenha da pesquisa de Ana Lúcia Tubero: A narração do afásico – Busca de um caminho em Fonoaudiologia - defendida, em 1992, no Programa de Mestrado em Distúrbios da Comunicação/PUCSP.

Ano de publicação	Nº total de artigos	Nº de artigos sobre afasia	Título do artigo	Outros textos
1999	20	01	<i>Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um centro de convivência de afásicos</i>	
2000	25			
2001	26	01	<i>Discutindo a classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias a partir de uma perspectiva discursiva</i>	
2002	21	01	<i>Gesto e fala: continuidade ou ruptura?</i>	<p><i>O médico diante das afasias: como a lingüística poderá ajudá-lo?</i><sup>46</sup></p> <p><i>Afasia: recuperação variável em pacientes com isquemia cerebral – estudo de caso</i><sup>47</sup></p> <p><i>Sujeito afásico na família</i><sup>48</sup></p>
2003	33			
Continua...				

<sup>46</sup> No volume 13, nº 2, junho/2002, tem-se o resumo da dissertação de mestrado de Alcidézio Luis Sales de Barros, defendida em 2000, no Programa de Mestrado em Fonoaudiologia/PUCSP.

<sup>47</sup> No volume 13, nº 2, junho/2002, tem-se o resumo da dissertação de mestrado de David Plácido Lopes, também defendida em 2000, no Programa de Mestrado em Fonoaudiologia/PUCSP.

<sup>48</sup> No volume 14, nº 1, dezembro/2002, tem-se o resumo da dissertação de mestrado de Márcia Regina Martines Oliveira, defendida em 2001, no Programa de Mestrado em Distúrbios da Comunicação/PUCSP).

Ano de publicação	Nº total de artigos	Nº de artigos sobre afasia	Título do artigo	Outros textos
2004	37	02	<i>Avaliação de linguagem e de deglutição de pacientes hospitalizados após acidente vascular cerebral</i>  <i>Afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas</i>	<i>De como se tece uma clínica ou O afásico na clínica de linguagem</i> <sup>49</sup>
2005	39			
2006	70	01	<i>O jogo entre falar/escrever/ler na clínica de linguagem com afásicos</i>	
2007	36			

A análise dos artigos possibilita dizer que as perspectivas teórico-metodológicas adotadas são diferentes; porém há uma tendência em superar o modelo (presente na literatura médica) que privilegia as generalizações - demonstrada pela valorização dos estudos de caso, pois geralmente os autores partem deles para tecerem considerações acerca dos sintomas lingüísticos apresentados pelos sujeitos afásicos e das diferentes formas do acompanhamento fonoaudiológico. Também se pode constatar uma preocupação, quase que comum a todos os artigos, em afirmar que se não houver um claro conhecimento das bases teóricas adotadas para o exercício clínico junto ao sujeito afásico fica difícil compreendê-lo em suas necessidades.

Discutem-se a seguir as principais idéias explicitadas pelos diferentes autores que publicam nesse periódico; segue-se a ordem cronológica das

<sup>49</sup> No volume 16, nº 2, agosto/2004, Maria Francisca Lier-De Vitto resenha a pesquisa de doutorado de Suzana Carielo da Fonseca - *De como se tece uma clínica ou O afásico na clínica de linguagem* – defendida em 2002, no Programa de Estudo Pós-graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUCSP).

publicações para assim se cumprir o objetivo da revisão aqui proposta: apreender o movimento dos estudos fonoaudiológicos acerca das afasias e a repercussão da ND na Fonoaudiologia.

O primeiro artigo encontrado é o de Coudry e Scarpa (1985) - *De como a avaliação contribui para inaugurar ou sistematizar o déficit*. Nesse artigo as autoras discorrem sobre os princípios metodológicos usados para o estabelecimento dos diagnósticos de dislexia e de afasia, e enfatizam que a adoção de uma ou outra concepção de linguagem repercute substancialmente no diagnóstico e no encaminhamento dos processos terapêuticos de sujeitos com alterações de linguagem oral e escrita.

Coudry e Scarpa (1985) explicam que uma avaliação de linguagem assentada na definição de palavras, nomeação de figuras, repetição de palavras, sílabas *etc* (atividades metalingüísticas) demanda operações epilingüísticas, ou seja, para decifrar palavras isoladas/descontextualizadas as pessoas precisam trabalhar com os elementos lingüísticos e, por isso, aparecem as hesitações, os circunlóquios, os quais, por sua vez, são tomados pelos especialistas desavisados (aqueles que concebem a linguagem como simples código de comunicação) como déficits ou erros.

As autoras alertam que quando se lida com sujeitos (e sua linguagem) é necessário garantir espaço para “[...] o próprio sujeito e sua evolução, mesmo que tudo se dê por caminhos diferentes dos de quem está sentado atrás da mesa”. (COUDRY e SCARPA, 1985; pp. 127-128). Portanto, avaliar e acompanhar clinicamente sujeitos com dificuldades de linguagem (oral e escrita) requer a consideração dos aspectos lingüísticos constituídos social, histórica e culturalmente, ou seja, o reconhecimento de como tais sujeitos se constituem na linguagem e a usam no cotidiano de suas vidas.



Note-se que antes mesmo de Coudry concluir sua pesquisa de doutorado (1986) e de instituir a perspectiva discursiva nos estudos das afasias, a concepção de que no contexto das patologias da linguagem há linguagem e os sujeitos que a usam já é apresentada à Fonoaudiologia. Coudry e Scarpa falam dos riscos de, no contexto da avaliação de linguagem, se *tomar gato por lebre* (palavras das autoras) quando se adota uma concepção que não reconhece os falantes da língua como sujeitos lingüístico-sociais.

A avaliação de linguagem do sujeito afásico volta a ser tema no próximo volume da revista e, agora, sob a perspectiva de uma fonoaudióloga. Parente (1986), no artigo – *Fatores relevantes da avaliação do afásico* –, destaca que a avaliação deve cumprir o objetivo de oferecer elementos para o processo terapêutico e afirma que a escolha de um ou de outro método de avaliação depende do conceito que o *examinador* (esse é o termo usado por ela) tem sobre a afasia. Portanto, segundo Parente, convém bem conhecer o conjunto das manifestações afásicas para que se possa avaliar e tratar adequadamente um sujeito afásico.

Parente (1986) destaca que o levantamento de dados pessoais pré-mórbidos é importante para uma *avaliação lingüística adequada*, assim como o conjunto de provas a ser aplicado. A autora defende o uso de protocolos avaliativos (focaliza o instrumento), apesar de ressaltar que esse é apenas um dos recursos da avaliação.

Além das provas lingüísticas (dos testes padronizados) é necessário ter acesso a outros dados neuropsicológicos (levantados no exame neurológico), pois eles podem revelar outras alterações comportamentais causadas pela lesão cerebral. Assim, afirma Parente, é da associação de dados lingüísticos (possibilitados por uma seqüência de provas) e de outros dados neuropsicológicos que se tem a possibilidade de estabelecer o diagnóstico e os objetivos do

processo terapêutico a ser aplicado e, ainda, pode-se prever o prognóstico do caso.

Note-se que a autora assume uma perspectiva muito próxima à da Medicina prescritiva: avaliar para diagnosticar, para estabelecer os objetivos terapêuticos e o prognóstico da *doença*; no caso de sujeitos afásicos, as baterias de testes lingüísticos associadas ao exame neurológico indicariam os caminhos do processo terapêutico e as possibilidades de recuperação dos aspectos lingüísticos perdidos. A propósito da avaliação de linguagem no contexto das patologias cerebrais, em 1987, tem-se a publicação de Spritzer - *O estudo clínico dos sintomas neuropsicológicos*.

O artigo de Spritzer (1987) não é propriamente um artigo sobre a avaliação das afasias, porém discuto-o aqui uma vez que o autor discorre sobre o método clínico de investigação em Neuropsicologia, apontando-o como a maneira mais adequada de se conhecer a relação cérebro/mente.

Spritzer (1987) destaca o valor do método clínico em relação aos estudos experimentais e afirma que, do seu ponto de vista, os maiores avanços científicos da área se devem a ele<sup>50</sup>, o qual pressupõe o levantamento da história do sujeito associada ao seu exame clínico, aos testes e aos exames objetivos (imagens cerebrais); é desse conjunto de ações que se formulam as hipóteses sobre as bases do problema que se apresenta. Nesse sentido, o objetivo de uma avaliação neuropsicológica é qualificar os sintomas, ou seja, a avaliação deve buscar uma explicação de quais processos estão alterados (não interessa desvendar o lugar da lesão, mas o *lugar dos processos de produção* dos sintomas).

---

<sup>50</sup> O autor esclarece que Luria, Freud e Piaget desenvolvem suas concepções de processos cognitivos/psíquicos por meio do método clínico. Segundo Spritzer, Luria, por exemplo, desenvolve a noção de sistema funcional complexo sem, contudo, ter como demonstrar as suas bases fisiológicas, fato que não restringe a sua importância e a coerência explicativa do modelo neuropsicológico por ele proposto.

Após ampla análise crítica dos estudos clínicos e experimentais, Spritzer (1987) esclarece a perspectiva teórico-metodológica luriana do funcionamento cerebral e dos processos cognitivos/psíquicos, assim como esclarece o papel da psicologia genética para a investigação dos sintomas neuropsicológicos na infância. Por fim, passa a relatar casos de sujeitos por ele acompanhados – destacando que a avaliação e o acompanhamento longitudinal de sujeitos com dificuldades nos processos cognitivos/psíquicos (sobretudo nas alterações de linguagem) devem ser tomados como um processo ativo e relativizado entre sujeito e examinador, uma vez que está em jogo a relação comunicativa.

Anos mais tarde, em 1994, Mendes *et al* publicam - *A história de um caso de afasia: uma direção semiótica para o pensar fonoaudiológico* –, reconhecem o *papel organizador e constitutivo da linguagem nas funções psicológicas superiores* (usando os termos dos autores).

Os autores acima, adotando a perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento humano de Vigotski (1934/1988) e a perspectiva luriana (concepção de cérebro como sistema funcional complexo) como referenciais teóricos desenvolvem a terapia fonoaudiológica de um sujeito afásico e também as usam para analisar os dados de linguagem do sujeito afásico por eles acompanhado, ou seja, o referencial teórico que orienta a terapia fonoaudiológica o mesmo que orienta a análise dos dados lingüísticos do sujeito afásico acompanhado<sup>51</sup>.

Convém dizer que esse artigo conta com uma ampla introdução em que os autores resumem aspectos importantes das duas teorias; entre outros pontos destacam: i) o uso de signos como a expressão das *funções mentais superiores* (a

---

<sup>51</sup> A propósito, essa tem sido a prática científica da ND, desenvolvida na Unicamp - desde 1986/1988 - conforme se destaca no capítulo 4 deste estudo, quando se realiza a apresentação e análise dos dados de SL: o constante movimento da teoria aos dados e vice-versa.

significação possibilita a cognição); ii) o processo de internalização e iii) a *função planejadora* da linguagem; destacam também iv) a organização hierárquica e integrada do sistema nervoso e v) a flexibilidade cerebral de reorganização após uma lesão. Mendes *et al* (1994) afirmam que somente tais pressupostos teóricos dão conta de explicar os processos idiossincráticos de recuperação de sujeitos afásicos.

Após a explicitação teórica, os autores apresentam, de forma muito cuidadosa, o sujeito afásico, os seus dados de linguagem e os analisam, sobretudo, sob a perspectiva *luriana*. O sujeito afásico é apresentado em suas características psicológicas, familiares, de trabalho *etc*, assim como os aspectos do episódio lesional e da internação; enfim, nota-se grande preocupação dos autores em expressar a singularidade do sujeito, demonstram que é somente por meio do profundo conhecimento da história do sujeito que se pode alcançar sua subjetividade. Tanto que reforçam, no final do artigo, que a recuperação da linguagem do sujeito foi possibilitada pela dinâmica do processo terapêutico que privilegiou a história do sujeito, nos seus termos:

[...] o dizer do sujeito a respeito de sua História demonstra, na realidade, as relações que são mantidas *nesta nova conduta lingüística*, e mais, os processos que estão envolvidos no desenvolvimento terapêutico. (MENDES *et al*, p. 41).

Convém dizer que os autores chegam a tal conclusão a partir da análise de algumas *parafasias* produzidas pelo sujeito afásico em diferentes momentos do processo terapêutico, as quais chamaram de *semiológicas* (porém, do meu ponto de vista, são parafasias semânticas, ou melhor, *processos alternativos/criativos de significação* possibilitados na e pela língua).

Convém ressaltar que Mendes *et al* explicam as parafasias semiológicas como novas redes associativas feitas pelo sujeito por meio de signos ligados a sua

história pessoal (os quais chamam de *signos individuais*). Analisam, por exemplo, a ocorrência de uma sequência de *parafasias* dada em meio a uma conversa sobre afazeres domésticos: a terapeuta pergunta ao sujeito quem faz os serviços da casa e ele responde – *a mulher*; provavelmente conhecendo a rotina da casa, a terapeuta interroga se é *a filha*, ao que ele responde *isso*. A terapeuta, então, refaz a pergunta e o sujeito volta a falar *a mulher*, porém imediatamente tenta se autocorrigir e após algumas tentativas fala o nome da filha; repete-o várias vezes e, quando a terapeuta chama sua atenção para a produção da palavra *filha*, ele fala *vida*.

Os autores analisam o dado acima como sendo uma *parafasia semiológica* e afirmam que *os signos individuais* acabam sendo privilegiados pelo sujeito afásico pelo fato de poderem ser retomados de forma mais direta que os significados cristalizados na cultura. Pergunta-se: *filha e vida*, por exemplo, não são signos cristalizados na cultura, na língua de todos nós?

Ressalto mais uma vez que entendo e reconheço a criteriosa revisão e articulação teórica dos autores, mas não posso deixar de considerar que os autores ao invés de atribuírem um sentido positivo ao fato lingüístico produzido pelo sujeito afásico (e, por eles reconhecido), na mesma linha dos estudos tradicionais tendem a estabelecer uma *nova classe de parafasias*; o que do meu ponto de vista, revela a falta que teorias propriamente lingüísticas fazem à análise dos dados de sujeitos afásicos. Arrisco dizer que os autores até reconhecem o trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico particular do sujeito por eles acompanhados (o que afirmamos, conforme explicitado acima, como *processos alternativos de significação*), porém não dispondo de um patrimônio teórico fortemente orientado por teorias de linguagem, não puderam chegar a uma outra interpretação que não a de que o sujeito usa signos individuais porque relacionados diretamente a sua história (com H maiúsculo).

No mesmo ano de 1994 (Volume 6, nº 2), Freire e Rodrigues publicam - *O papel do fonoaudiólogo na terapia da afasia*. Trata-se de um artigo que também assume a linguagem como sendo construída na relação social (elaborado na *perspectiva sócio-construtivista*, nos termos das autoras) e que destaca, além do discurso do sujeito afásico, o discurso do fonoaudiólogo - o seu interlocutor – este interpretado pelas autoras como *co-construtor* da linguagem do sujeito afásico.

Freire e Rodrigues (1994, p. 129) afirmam que no contexto clínico, o fonoaudiólogo

[...] deve assumir o papel de investigador/observador e colocar-se em três parâmetros básicos:

1. o dado é um indício;
2. a situação de terapia é uma situação discursiva e
3. a posição do fonoaudiólogo exige uma série de deslocamentos e posicionamentos em pontos de vista diversos, o que lhe dará como consequência, perspectivas diferentes de onde olhar os dados e a situação discursiva da terapia. (FREIRE, 1990; TFOUNI, 1992).

Veja-se que as autoras, obviamente que por estarem discutindo o papel do fonoaudiólogo na terapia do afásico, atribuem a ele certos *deveres*, o que não significa que na terapia quem dá as cartas é apenas o fonoaudiólogo; não podemos nos esquecer que o contexto terapêutico revela-se como uma situação discursiva da qual participam, no mínimo, sujeito afásico e terapeuta. Portanto, os deslocamentos *em* diferentes pontos de vista são feitos sim pelo terapeuta, mas também pelo sujeito acompanhado.

Convém dizer que Freire E Rodrigues (1994) adotam as idéias de Jakobson – especialmente – *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* (1956 – 1988/1999) e de De Lemos – *Sobre a aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original* (1982 e 1992) – *Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio* (1992) para mostrarem a ação terapêutica do

fonoaudiólogo junto a um sujeito afásico com dificuldades em selecionar signos verbais – ou seja – com distúrbio de similaridade.

São apresentados nove episódios, identificados como *exemplos* (dado-exemplo, nos termos de Coudry, 1996a – vide nota 61, p. 130 deste estudo) em que se pode constatar “[...] como a fonoaudióloga usando, principalmente, os processos de especularidade de natureza metafórica (De Lemos, 1982; 1992) instrumenta sua terapia”. (FREIRE e RODRIGUES, *ibidem*).

As autoras afirmam que nem sempre a terapia é bem sucedida em sua proposta terapêutica, mas que foi possível constatar que o distúrbio de similaridade apresentado pelo sujeito

[...] foi gradualmente diminuindo por força do processo discursivo terapêutico no decorrer do processo estudado. [...] O papel do terapeuta/interlocutor nesse processo de reconstrução da linguagem do sujeito afásico está em recortar os paradigmas sem significado e inseri-los na cadeia sintagmática de seu discurso, de forma que, ao colocá-lo em relação uns com os outros, retomem seu valor sógnico podendo ser reinterpretados pelo sujeito afásico, que, dessa forma, reestrutura seu discurso. (FREIRE e RODRIGUES, 1994, P. 138-139).

Note-se que Mendes *et al* (1994), ao privilegiarem a teoria *vigotskiana* focalizam o sujeito afásico (apesar de sugerirem uma nova classe de parafasias), enquanto que Freire e Rodrigues (1994) tematizam a ação clínica do terapeuta sobre a afasia de um sujeito com distúrbio de similaridade recorrendo às teorias lingüísticas de Jakobson (1956 – 1988/1999) e De Lemos (1982; 1992). Assim, evidencia-se o movimento da Fonoaudiologia em direção à terapia das afasias, ou seja, consta-se a preocupação em analisar a repercussão dos processos fonoaudiológicos na linguagem/vida dos sujeitos afásicos, do meu ponto de vista, um avanço teórico e metodológico da área.

Interessante notar que as teorias psicológicas, neuropsicológicas e lingüísticas adotadas por esses autores também são as assumidas neste estudo e, no entanto, chegamos todos a lugares muito diferentes (conforme será visto detalhadamente no capítulo 4, o da análise dos dados de SL).

Em 1997, aproximadamente dez anos após o artigo de Parente (1986), a avaliação de linguagem de sujeitos afásicos é retomada na publicação de Vieira - *Avaliação do afásico* – no entanto, sob uma perspectiva teórica e metodológica radicalmente diferente.

Vieira (1997) afirma que a concepção de linguagem e de sujeito, assumida de forma explícita ou não<sup>52</sup>, determina simultaneamente o lugar do terapeuta e o do paciente. A autora esclarece que adota uma concepção de linguagem de base interacionista<sup>53</sup>, a saber: a linguagem tem seu funcionamento regido por leis próprias e não é instrumento representativo de outros domínios, como o cognitivo, o cerebral ou o social, ela tem um funcionamento que captura o sujeito.

Assim tomando a linguagem e o sujeito, Vieira coloca em cena duas noções psicanalíticas - a de luto e a de transferência. Explica que assumir tais pressupostos implica romper com *uma clínica de controle sobre a linguagem*, fato, pois, que mexe com o lugar do terapeuta e do sujeito afásico, o que por sua vez, impõe a necessidade de reformular a avaliação e o acompanhamento terapêutico: quando se trabalha com a linguagem, não há quem sabe o que o outro tem a falar, ambos (sujeito afásico e terapeuta) estão submetidos ao funcionamento da língua e sofrem os efeitos dos dizeres que se apresentam nessa relação clínica (notem

---

<sup>52</sup> A propósito, anos mais tarde (2004), em co-autoria com Fonseca, enfatiza a necessidade de a Fonoaudiologia buscar coerência entre as teorias e suas práticas ainda que recorra a conhecimentos de outras áreas.

<sup>53</sup> Vieira esclarece que assume a perspectiva interacionista desenvolvida por De Lemos (1992; 1995) no âmbito da aquisição da linguagem e que tem sido explorada por Lier De-Vitto (1994; 1995) no contexto das patologias da linguagem.



que o ponto de vista de Vieira é diferente do de Freire e Rodrigues [1994] – apesar de, em certa medida, a base lingüística das autoras ser a mesma).

Da articulação de uma teoria psicolingüística (De Lemos, 1992; 1995 e Lier De-Vitto 1994; 1995) com uma psicanalítica (a perspectiva *lacaniana*), Vieira se distancia do tradicional tratamento fonoaudiológico dispensado aos sujeitos afásicos (do reconhecimento dos distúrbios da linguagem e do treino para superá-los) e também da perspectiva da ND aqui defendida e, abre caminho para uma outra possibilidade de avaliação e terapia fonoaudiológica, qual seja: aquela que leva em conta o sujeito estruturado na e pela linguagem.

Nas palavras de Vieira (1997, p. 58)

[...] assumir o sujeito constituído na linguagem é fazer referência ao fato de que a linguagem o determina, o institui. A partir desse ponto de vista, o momento da avaliação fonoaudiológica é também o momento de o paciente se deparar com suas limitações no real do corpo. [...] o trabalho de luto deve promover uma reorganização do Ideal do Eu.

A autora é enfática ao afirmar que todas as definições de afasia presentes na literatura referem *perda da linguagem*, o que para ela é um equívoco visto que se confunde linguagem com uma de suas modalidades - a oralidade:

[...] ‘Deixar de falar’ não significa que o sujeito esteja ‘fora da linguagem’. A rigor ele ali está. Suas manifestações falam disso: ele chora, ele ‘entende’, ele sinaliza, *etc.* mesmo quando não pode falar. (VIEIRA, *ibidem*).

Nesse sentido, a autora sublinha a importância de “não se reduzir o afásico à afasia” e, assim, critica a concepção de avaliação comprometida mais com um dizer sobre o cérebro do que com um sobre a linguagem e o sujeito afásico. Convém dizer que, nesse ponto, nos aproximamos de Vieira; assim como naquele

que diz respeito à necessária coerência entre os pressupostos teóricos e os metodológicos envolvidos na avaliação (e terapia) de linguagem de sujeitos afásicos; porém, nos afastamos da autora à medida que reconhecemos a possibilidade do trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico do sujeito, ou seja, ao reconhecermos intrínseca e dinâmica relação entre o cérebro, os processos lingüístico-cognitivos/psíquicos e os psico-afetivos (todos constituídos na interação social – dada histórica e culturalmente).

Em 1998, tem-se um artigo de Macedo cujo foco é a aplicação da abordagem clínico-educacional conhecida como Comunicação Suplementar Alternativa (CSA)<sup>54</sup> nas afasias; trata-se do artigo intitulado: *O uso de sistemas alternativos e facilitadores de comunicação nas afasias*.

Macedo (1998) explica que existem diferentes tipos de sistemas alternativos e facilitadores de comunicação: a sinalização manual em língua de sinais, os gestos, as mímicas e as pantomimas; a seleção gráfica de desenhos, pictogramas, símbolos e letras em tabuleiros e/ou os computadores. Sabe-se que tais sistemas são, geralmente, usados por sujeitos não falantes, cujo impedimento da articulação da fala é decorrente de lesões do sistema nervoso central ou periférico (CHUN, FEDOSSE e COUDRY, 2007).

Do meu ponto de vista, tais sistemas alternativos e/ou facilitadores são entendidos pelos profissionais que os usam como *recursos externos ao sujeito não falante* (eis aqui o distanciamento com a perspectiva adotada neste estudo) e, usados para a comunicação interpessoal. Parece-me que não se tem o devido

---

<sup>54</sup> A CSA foi elaborada por profissionais dedicados à comunicação humana em condições adversas, ela pode ser usada por diferentes profissionais; a participação do fonoaudiólogo se justifica pelo fato de ele ser um profissional especializado para intervir nos múltiplos aspectos envolvidos nos processos lingüístico-cognitivos/psíquicos de sujeitos lesionados cerebrais. A CSA pode ser usada de forma temporária ou permanente, tem como objetivo apoiar, complementar, suplementar/melhorar ou substituir as formas de produção e interpretação verbal de sujeitos não falantes ou com extremas dificuldades de linguagem (CHUN, FEDOSSE, COUDRY, 2007).

reconhecimento de que não são meros recursos, mas *processos alternativos de significação* (visto que pertencem a diferentes sistemas semióticos).

No sentido acima é que arrisco dizer que é necessário uma concepção de linguagem ampliada para que se possa extrair dos *sistemas alternativos* suas potencialidades: é a concepção de linguagem dos profissionais que usam a CSA que possibilita maior ou menor entendimento do quê e de como tais recursos podem ser usados. Se os profissionais tiverem uma concepção de linguagem restrita à função comunicativa a tendência é usá-los como um código e, assim, o potencial significativo de tais recursos fica sub-aproveitado.

Apreendo da leitura do texto de Macedo que seu foco não é o sujeito afásico nem sua linguagem ou afasia, mas sim a descrição do que são e de como podem ser usados na terapia das afasias. O autor ressalta que os sistemas computadorizados baseados em pictogramas e com voz digitalizada são os mais indicados para os afásicos; ressalta que a voz digitalizada favorece a compreensão da fala, já que retém entoação emocional e prosódia, usualmente preservadas em afásicos.

O autor chega à conclusão de que, nas afasias, os sistemas alternativos entram como coadjuvantes terapêuticos; assim sendo, a função de tais sistemas é muito mais facilitadora do que alternativa. Por esse motivo e pelo apresentado anteriormente (confira o último parágrafo da página anterior) é que considero pertinente o desenvolvimento de estudos voltados para o uso e a função de tais sistemas<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> A propósito, encontra-se em andamento (desde 2007) a pesquisa de Chun – Comunicação Suplementar e/ou Alternativa: processos de significação em sujeitos cérebro-lesados – desenvolvida sob a perspectiva da ND, cujos interesses são: (i) investigar como sujeitos cérebro-lesados atuam para superar suas dificuldades de linguagem/comunicação e (ii) qual a contribuição da Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA) nos processos de significação. Convém ressaltar que o uso da CSA com sujeitos afásicos é pouco difundido na literatura nacional, além de que o trabalho lingüístico na CSA é comumente associado a tarefas de reconhecimento, nomeação

Todos os artigos publicados entre 1999 e 2002 são filiados à Neurolingüística da UNICAMP. Em 1999, tem-se o artigo de Morato - *Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um Centro de Convivência de Afásicos* – no qual a autora explicita as bases teórico-metodológicas do trabalho realizado no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), um espaço de interação entre sujeitos afásicos e não afásicos.

A autora esclarece que a afasia é uma questão essencialmente discursiva (não meramente uma questão de saúde), por isso o trabalho no CCA (de pesquisa e de orientação clínica) está voltado para a evocação de experiências socioculturais e para a mobilização de práticas discursivas nelas fundamentadas, a saber: discussões em grupo, leituras de jornais e revistas, dramatizações, visitas a museus e exposições, palestras, audiência de filmes, jogos. Realizam-se nas sessões do CCA produções textuais (diálogos, narrativas, comentários, recontagem de histórias etc) e atividades de expressão teatral, trabalhando-se, assim, as possibilidades significativas (de produção e interpretação) que se abrem a partir da interação linguagem-gestualidade.

Em 2001, tem-se o artigo de Santana - *Discutindo a classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias a partir de uma perspectiva discursiva* – que pode ser tomado como uma revisão crítica dos distúrbios da leitura e da escrita de sujeitos afásicos. A autora ressalta a variedade terminológica encontrada para caracterizar tais alterações e explica que por trás dos termos sempre há uma concepção de linguagem e um intuito de utilidade (dessas classificações) para a terapia de sujeitos afásicos. No entanto, alerta a autora: as

---

e/ou ao mero apontar de símbolos gráficos em uma prancha (de comunicação) ou ao ato motor de acesso ao símbolo em pranchas computadorizadas ou em outros equipamentos tecnológicos como os vocalizadores de fala. Portanto, a pesquisa de Chun – estudo da CSA sob os pressupostos da ND - tem caráter original e fundamentalmente importante para a interpretação de como sujeitos não falantes podem produzir e interpretar sentidos.

classificações não são soluções, elas passam ao largo da compreensão de que o sujeito que era um leitor, de que ele não deixou de ser, apesar de não mais conseguir ler (por isso não convém chamar de dislexia as alterações de leitura e escrita de sujeitos afásicos, visto que os sujeitos disléxicos não aprenderam a ler e escrever).

Nesse sentido, Santana (2001), ressaltando os princípios de uma perspectiva discursiva da linguagem e das afasias, defende que, na avaliação e no acompanhamento de sujeitos afásicos com dificuldades de leitura e escrita, convém levar em conta as diferentes posições que os sujeitos ocupam em diferentes situações discursivas (ler ou escrever uma lista de compras é diferente de ler ou escrever, por exemplo, uma carta, um bilhete etc) e, assim sendo, pode-se apreender (no contexto clínico e fora dele) a relação de interdependência entre oralidade e escrita, determinada pelo uso que se modifica e se transforma pelas e nas práticas sociais.

Adotando a mesma perspectiva teórico-metodológica – a de uma Neurolingüística Discursiva (COUDRY, desde 1986/1988) – em 2002, publicamos (FEDOSSE e SANTANA), o artigo – *Gesto e fala – continuidade ou ruptura*. Nesse artigo discutimos a relação gesto e fala na afasia destacando que, na tradição dos estudos neurológicos, neuropsicológicos e neurolingüísticos, geralmente tais temas são tratados de forma dissociada, visto que não reconhecem o papel constitutivo da linguagem (FRANCHI, 1977).

Por meio da apresentação e análise de alguns dados lingüístico-práticos de um sujeito afásico não-fluente, discutimos a relação da linguagem verbal (oral e escrita) com a linguagem gestual e constatamos, em termos lingüísticos e neurolingüísticos, evidente continuidade entre esses processos de significação: ora o gesto entra no lugar da fala, ora a fala é desencadeada pelo gesto e, outras vezes ainda, gesto e fala ocorrem simultaneamente. Nesse sentido, defendemos a

interdependência simbólica (linguagem verbal e gestual) como um fator que favorece o processo de (re)construção da linguagem verbal de sujeitos afásicos não-fluentes.

A partir de 2004 os artigos são filiados ou tomam como referência a perspectiva teórica desenvolvida no LAEL (PUCSP). Em 2004 são publicados dois: o primeiro é o de Magalhães e Bilton – *Avaliação de linguagem e de deglutição de pacientes hospitalizados após acidente vascular cerebral* – e o segundo é o de Fonseca e Vieira – *Afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas*.

O artigo de Magalhães e Bilton (2004) refere-se a um trabalho desenvolvido no interior de uma equipe interdisciplinar hospitalar voltado para a avaliação e intervenção terapêutica junto a sujeitos internados após serem acometidos por acidentes vasculares cerebrais. As autoras avaliaram 14 sujeitos em suas condições de alimentação (deglutição) e de linguagem e, dessa experiência, concluem que muito pode ser feito já no ambiente hospitalar.

No que se refere à deglutição, as autoras identificaram alterações estruturais/funcionais na maioria dos sujeitos e, assim, destacaram a possibilidade de uma atuação fonoaudiológica voltada para melhoria das condições de alimentação desses sujeitos, por exemplo: mudanças de posicionamento, de consistência alimentares, da via de alimentação associada à estimulação mioterápica dos órgãos fonoarticulatórios.

Quanto à linguagem, dos 14 sujeitos avaliados, as autoras se depararam com quatro sujeitos em estado de mutismo, um com disartria, outro com afasia e oitos sujeitos sem qualquer alteração de linguagem. Convém ressaltar que as autoras, assim como Fonseca (1995)<sup>56</sup>, compreendem a avaliação de linguagem

---

<sup>56</sup> A referência corresponde à dissertação de mestrado da autora – *Afasia - a fala em sofrimento* (1995) – realizada sob orientação da Profa Dra Maria Francisca Lier-De Vitto, LAEL/PUCSP.

como lugar de reconhecimento do sujeito; implica entender como a língua se manifesta no seu dizer. Nesse sentido, a avaliação de linguagem, mesmo no contexto hospitalar, configura-se como um procedimento assentado em linguagem-fala-falante. Nos termos das autoras (assentadas em FONSECA, 1995): “[...] a clínica da afasia é uma ‘clínica de efeitos’: paciente e terapeuta são convocados a interpretar sob efeito da fala um do outro”. (MAGALHÃES e BILTON, 2004, p. 68).

Em - *Afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas* - Fonseca e Vieira (2004) problematizam a afasia e, por consequência, a linguagem para discutir a questão teoria/ideologia no interior da Fonoaudiologia – em seus termos - um campo da patologia e da clínica de linguagem. Portanto, as autoras consideram que se a linguagem não for problematizada não se vislumbrará uma abordagem teórico-clínica em Fonoaudiologia. Para elas, problematizar a linguagem envolve enfrentar questões relativas ao sujeito, ao outro, aos erros e à mudança.

Segundo Fonseca e Vieira (2004) não é qualquer concepção de linguagem que preenche a exigência de restrição entre hipóteses teóricas e abordagens clínicas e, em meio à argumentação que desenvolvem, as autoras criticam a tradicional adesão da Fonoaudiologia ao método comportamentalista (estímulo/resposta) que enfoca a linguagem como comportamento que pode ser ensinado e convocam-na a se deixar afetar pelos conhecimentos da Lingüística - área que elegeu a língua (e seu funcionamento) como objeto -, para se alcançar uma abordagem teórica e metodológica consistente em Fonoaudiologia.

Nesse artigo, as autoras destacam, mais uma vez, a concepção interacionista de De Lemos (1992; 1995) e de Lier De-Vitto (1994; 1995), apontam-na como pertinente para a orientação da teorização e da prática em Fonoaudiologia. Portanto, retomando o já dito - *a linguagem tem seu*

*funcionamento regido por leis próprias* o que lhe dá a condição de não ser instrumento representativo do cognitivo, do cérebro ou do social. A propósito, um outro trabalho que assume esta articulação teórica é o de Marcolino e Catrini (2006) - *O jogo entre falar/escrever/ler na clínica de linguagem com afásicos*.

No referido artigo, as autoras colocam em discussão a natureza da relação oralidade-escrita nas afasias; para tanto se implementa a proposta terapêutica de Fonseca (1995, 2002<sup>57</sup>), fundamentada na perspectiva da linguagem como estrutura que captura o sujeito. Assim, segundo a proposta de Fonseca, no jogo entre a fala-escrita do terapeuta com a fala-escrita dos pacientes, as autoras discutem o desenvolvimento e os dados dos processos terapêuticos de dois sujeitos afásicos.

A conclusão de Marcolino e Catrini (2006) é a de que houve mudanças na fala/escrita dos sujeitos, porém os caminhos foram diferentes: em um dos casos ocorreram mudanças simultâneas na fala e na escrita e, no outro, a escrita configurou-se como suporte para as mudanças na fala. Convém considerar que apesar das autoras ressaltarem a singularidade dos sujeitos e de seus processos terapêuticos, o foco está voltado para a técnica terapêutica.

Conforme dito no início desta seção, são poucos os artigos científicos dedicados às afasias e a maioria deles filia-se, basicamente, a duas perspectivas teórico-metodológicas: à Neurolinguística desenvolvida no IEL (UNICAMP) e aos estudos psicolinguísticos desenvolvidos no LAEL (PUCSP). Um ponto comum entre esses artigos é a tendência em superar o modelo que privilegia a generalização demonstrada, sobretudo, pela valorização dos estudos de caso e destaque à singularidade dos sujeitos e das formas de acompanhamento terapêutico.

---

<sup>57</sup> A referência corresponde à tese de doutorado da autora - *O afásico na clínica de linguagem* (2002) – realizada sob orientação da Profa Dra Maria Francisca Lier-De Vito, LAEL/PUCSP.



Convém ressaltar que os estudos fonoaudiológicos aqui analisados esclarecem a inconsistência de processos de avaliação e de terapia sem clareza das bases teóricas sobre linguagem, sujeito e funcionamento cerebral. Além dos pontos de contato entre as duas perspectivas, têm-se também alguns afastamentos: as pesquisas desenvolvidas no LAEL (PUCSP) articulam conhecimentos da psicanálise aos psicolingüísticos de base interacionista e destacam como a estrutura da língua afeta o sujeito, enquanto que a perspectiva da ND do IEL (UNICAMP) destaca a existência de uma certa zona de indeterminação da linguagem, fato que possibilita defender o trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico dos sujeitos afásicos.

Portanto, a Fonoaudiologia, em seu percurso de constituição como uma área dedicada à comunicação humana, tem muito a discutir e a construir; um possível caminho é mesmo o reconhecimento da multiplicidade e da diversidade dos conhecimentos necessários à prática clínica (são muitos os paradigmas que sustentam a práxis fonoaudiológica), o que não dispensa a busca pela coerência teórico-prática na área.

A inegável complexidade da relação cérebro/linguagem/mente exige múltiplos esforços na tentativa de seu entendimento, sejam eles da ordem das pesquisas clínicas ou das experimentais; porém, o que não se pode admitir no trabalho clínico com a linguagem (nos processos de avaliação e terapia de sujeitos com dificuldades lingüístico-cognitivas/psíquicas) é apartá-la do sujeito; é inadmissível, pois, que processos terapêuticos em Fonoaudiologia separem o sujeito da linguagem, ou seja, a linguagem de seu funcionamento sócio-cultural e psíquico-afetivo.

## Capítulo 4

### PROCESSOS ALTERNATIVOS DE SIGNIFICAÇÃO DE SL

#### BRINCANDO COM A VIDA

Fui um dia poeta,  
Brincando com as rimas,  
Fui um dia escritor,  
Brincando com as letras,  
Fui um dia amante,  
Brincando com o amor,  
Fui um dia pintor,  
Brincando com as cores.

Eu um dia brincando  
O destino brincado comigo, (Acidente sério,).  
O derrame da alma, ( A.V.C ).  
O bater do coração.

Do com o descompasso  
Com do amor,  
E com a alma,  
E com o coração,  
E com a VIDA.

Este ser afásico,  
Este ser poeta  
Sem memória,  
Sem amor.

O Senhor e os anjos,  
E os cateteres celestiais  
E suas orações,  
De mil anjos não curam.  
A dor sentir aqui presente.  
Os batimentos da alma presente  
A medicina já não cura,  
A Igreja não (eclesiástico) cura,

Não se brinca o coração,  
Não se brinca a paixão,  
Não se brinca a alma.

Agora sou um homem sério,  
Sou Poeta-mor,  
Rima o amor,  
Com o calor afeição,  
Sou pintor pinta o azul do céu,  
Com o encarnado da rosa,  
Sou amante de uma Deusa,  
Apaixonado.

(D'Eu A.V.C – 24/09/2004)

Esta pesquisa, desenvolvida no interior do - “Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados” – (CNPq 521773/95-4) – coordenado pela Profa. Dra Maria Irma Hadler Coudry, configura-se como um estudo de caso – um procedimento metodológico próprio das pesquisas qualitativas e de campo, ou seja, um procedimento científico que ocorre sem interferência significativa do pesquisador.

Alguns autores, por exemplo, Fidel (1992, *apud* DIAS; 2000), não consideram o estudo de caso como método propriamente dito, mas sim uma *abordagem de pesquisa*, visto que o seu objetivo é compreender o fenômeno (ou o evento) estudado e, ao mesmo tempo, desenvolver teorias genéricas a seu respeito.

A propósito do desenvolvimento de teorias a partir de estudos de caso, o historiador e antropólogo italiano, Carlo Ginzburg (1976 - 1980/1986a, p. 26), em - *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição* - assegura que o estudo de caso possibilita levantar hipóteses do funcionamento geral a partir do funcionamento singular - “[...] um caso não é objeto de pouca importância – um indivíduo pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social num determinado período histórico”. Também, no âmbito da Saúde Pública, Minayo (1994) explica que os estudos de caso abordam de forma mais apropriada os níveis da realidade que não podem ser quantificados. Do meu ponto de vista, os modos e as condições de produção e de interpretação de sentido, ou seja, a significação (verbal e não-verbal), configura-se como uma realidade que não convém ser quantificada, dada a complexidade e a multiplicidade de fatores nela envolvidos. Nos termos de Franchi (1976; p. 63):

[...]. A linguagem é uma atividade pré-estruturante (ou *quasi-estruturante*) que não se deixa apreender pelos processos de uma análise que se limite a segmentar e a classificar as expressões, (...) a linguagem não é, pois, dada de antemão e nem tampouco inventada a cada instante pelo sujeito falante; construí-la significa construir sistemas de referências, fatuais, não necessariamente consistentes e completos, uma vez que a linguagem se exerce em condições pragmáticas suficientes para a determinação e interpretação das situações discursivas.

Postos os princípios metodológicos desta pesquisa, convém, agora, aprofundar a apresentação do sujeito SL. Considero conveniente dizer que ele, em situação de terapia fonoaudiológica e no convívio no CCA, mostrava-se uma pessoa muito sagaz e sensível; dotado de senso crítico e de humor aguçados; atualizado a respeito dos fatos do cotidiano, dos avanços tecnológicos, da política nacional e internacional; era ágil na interpretação das situações vivenciadas no grupo e nas sessões de Fonoaudiologia - tendo sempre algo a comentar (com proficiência) acerca dos assuntos tratados. Não raramente apresentava-se ansioso, do meu ponto de vista, por ser um homem de “mente privilegiada e inquieta”. Essa minha impressão sobre SL é endossada pela esposa e seu casal de filhos. A propósito SL casou-se aos 26 anos, ainda quando na faculdade (de Administração de Empresas) cursada mais por vontade do pai do que dele própria.

Conforme já dito, SL nasceu em uma pequena cidade do interior paulista, em abril de 1945; filho mais velho de um casal com três filhos. Seu pai – alemão e naturalizado brasileiro - veio para o Brasil aos dois anos de idade; era engenheiro agrônomo e, em virtude de sua profissão, a infância de SL foi marcada por muitas mudanças de cidade. Inclusive, seus pais moraram, aproximadamente, por um ano na Argentina, quando, então, SL freqüentou um colégio interno (aqui no Brasil). Os demais anos de sua escolaridade foram cursados em escolas públicas; sendo que SL cursou os primeiros dois anos do “Clássico” (atual ensino médio e com enfoque na área de Humanas) em uma importante escola estadual de

Campinas e o último em uma também renomada escola estadual da cidade de São Paulo, pois começou a trabalhar, aos 18 anos, por imposição do pai, visto que SL não demonstrava interesse em continuar seus estudos.

Seu primeiro trabalho foi como motorista (em uma escola técnica) e, pouco tempo depois, passou a trabalhar em uma tradicional empresa aérea como aerofotogrametrista<sup>58</sup>. Em 1973, voltou para Campinas e passou a trabalhar com áudio visual em um colégio técnico da cidade. Nesse período, SL ensinava (as matérias básicas) em cursinhos preparatórios para concursos públicos, especialmente, os para polícia civil.

Em 1974, formou-se em Administração de Empresas, porém atuou oficialmente como administrador em uma empresa multinacional, por, apenas, quatro anos; foi vendedor e supervisor de vendas de um grande frigorífico do Estado de São Paulo (viajava muito e conhecia a maioria das cidades do estado); foi também empreendedor do comércio na cidade e na região de Campinas (foi proprietário de restaurantes e supermercados).

No início dos anos 90, SL tentou trabalhar com mineração (extração de argila), porém, após grande investimento financeiro, os laudos técnicos atestaram a inviabilidade de comercialização do produto. Depois desse intento, SL passou a investir em um loteamento (de parte das terras da família), quando sua saúde deu sinais de debilidade. No final da década dos 90, por incentivo da filha, SL tornou-se funcionário público (auxiliar administrativo), no entanto, trabalhou pouco tempo na função.

As constantes mudanças da vida profissional não o impediram de exercer seus *hobbys* – poesia e fotografia. SL escreveu seu primeiro poema aos 10 anos

---

<sup>58</sup> Aerofotogrametria corresponde à cobertura aerofotográfica realizada para fins de mapeamento. A propósito, SL fez as fotografias aéreas que possibilitaram a construção do primeiro trecho da Rodovia Bandeirantes, que hoje liga a cidade de São Paulo à de Cordeirópolis.

(logo que aprendeu as primeiras letras) e, na adolescência, por sugestão de um amigo, adotou o pseudônimo D'Eu (segundo SL, “uma brincadeirinha” inspirada no Conde D'Eu – membro da família real, mas, para ele, muito mais pelo fato dele poder significar que as poesias eram mesmo suas – “de eu” - aqui a “brincadeirinha” era de SL). Escreveu aproximadamente 250 poemas, muitos deles publicados em *sites* de poesias (digitados e postados por ele mesmo entre os anos de 2004 e 2005<sup>59</sup>). Participou de alguns concursos de poesia como, por exemplo, o I Concurso Literário ASATI (Associação dos Servidores de Assistência Técnica Integral - 1969) em que recebeu o prêmio de segundo lugar com a poesia *Rua do Orfanato* (Anexo 2). Em agosto de 2004, passou a ser membro efetivo da Casa do Poeta de Campinas.

A propósito, o poema-epígrafe deste capítulo bem expressa o momento vivido por SL – retorno a sua condição de poeta. Neste SL se mostra mais poeta que afásico, diferentemente do poema-epígrafe do capítulo 3, em que ele se mostra mais afásico que poeta.

Quanto à fotografia, SL fotografou muito, especialmente, paisagens – “flores” era seu tema preferido. SL tinha, como um de seus projetos, vontade de organizar um livro com suas poesias e fotografias. Também amante de música, SL gostava de ouvir chorinho, bolero, música popular brasileira e clássica. Nos dois últimos anos de sua vida, SL ocupava-se da regravação de seus *long plays* clássicos para CDs; assim, ele produziu inúmeras coletâneas, as quais ouvia em seu *discman*, enquanto praticava exercícios fisioterápicos.

---

<sup>59</sup> Convém dizer que SL escrevia seus poemas em qualquer pedaço de papel (por isso, se intitulava poeta amador) e os deixava nos bolsos de suas calças ou camisas; sua esposa os recolhia e os guardava sem que ele soubesse. Foi essa atitude cúmplice da esposa que possibilitou a SL resgatar sua produção anterior ao AVC; ela também o incentivou a escrever novos poemas.

SL empenhava-se em sua recuperação física (da hemiparesia direita), pois seu outro projeto era comprar uma caminhonete automática e viver na estrada – de Campinas para o sítio (no interior do estado) ou para a casa de praia – desfrutando dos prazeres que tais lugares sempre lhe proporcionaram.

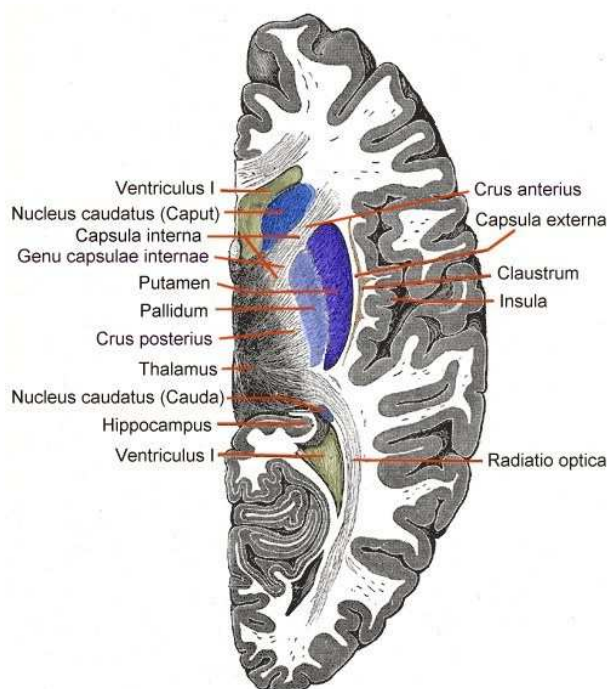
Por seu estilo de vida e de trabalho SL foi pouco regrado nos hábitos alimentares – apreciava comidas fortes e gordurosas, também, não dispensava doces e bebida alcoólica (segundo ele, especialmente quando viajava a trabalho, tendo diminuído, em muito, o hábito de beber quando passou a ser funcionário público). Foi fumante (chegou a fumar até dois maços diários) por mais de 30 anos; parou de fumar e iniciou rigoroso regime alimentar (à base de legumes, verduras e pouca carne, sem bebidas e doces) quando foram diagnosticadas a diabetes e a arritmia cardíaca (insuficiência moderada da válvula aórtica e discreta disfunção da mitral). Por volta de 1995, SL teve uma crise de apnéia do sono, com desmaio, quando foi identificada, por meio de um eletroencefalograma (28/08/1995), atividade elétrica irregular em área temporo-parieto-occipital do hemisfério esquerdo.

Apesar dos acompanhamentos médicos regulares (a contragosto) na busca do controle das condições de circulação sanguínea (por meio de angiografias e medicamentos), os problemas de saúde de SL se agravaram e, em 03 de novembro de 2001, SL sofreu um AVC.

Segundo sua esposa, o neurologista que o acompanhava explicou que a lesão cerebral de SL tinha componentes isquêmicos e hemorrágicos. A tomografia computadorizada de crânio, realizada em 07 de novembro de 2001, revelou “imagem irregular espontaneamente hiperdensa (sangue) acometendo cápsula interna à esquerda associada a hipodensidade da substância branca a seu redor (edema); apagamento dos sulcos das regiões parietal e occipital e compressão do VLE (Ventrículo Lateral Esquerdo)”. Já, uma outra tomografia, realizada em

06/08/2004, para auxiliar na decisão de se fazer angioplastia das carótidas (pois à época estavam obstruídas em 70 %), revela: “área de hipoatenuação localizada na região parieto-temporal esquerda, medindo aproximadamente 7,0 x 4,0 x 3,0 cm”; tendo, pois, como laudo conclusivo: “seqüela de processo isquêmico na região parieto-temporal à esquerda”.

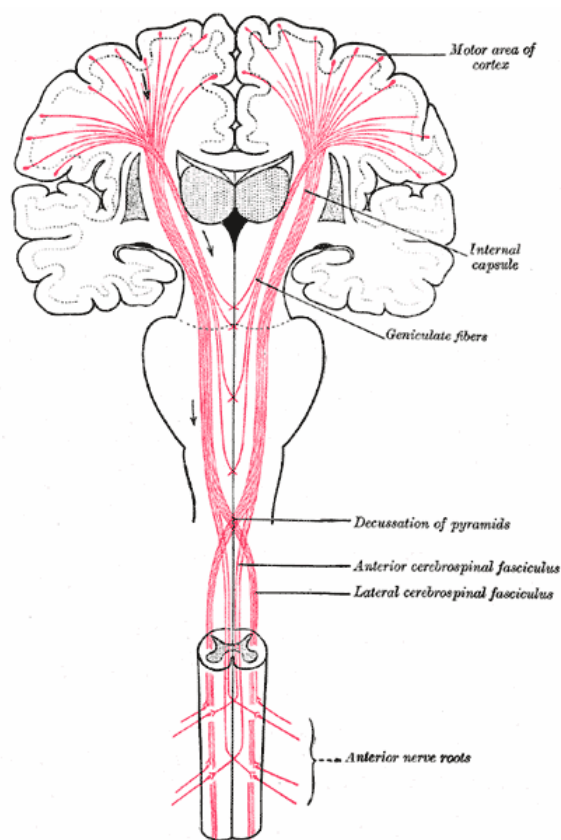
A lesão cerebral de SL comprometia, então, regiões corticais e sub-corticais do hemisfério esquerdo. Confira-se a seguir, o desenho das áreas cerebrais envolvidas e o diagrama do trato motor prejudicado pela lesão cerebral de SL (respectivamente, figuras 4 e 5):



**Figura 3** - Corte horizontal do hemisfério cerebral esquerdo

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Telencephalon-Horiconatal.jpg>





**Figura 4** – Esquema do trato motor

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Gray764.png>

Com tais condições de saúde e com características de uma afasia não-fluente, SL chegou ao LABONE (Laboratório de Neurolingüística/UNICAMP) em 04/12/2001, quando iniciou processo de avaliação neurolingüística com a Profa Dra Maria Irma Hadler Coudry; porém, em fevereiro de 2002, a avaliação foi interrompida e SL passou a ser atendido por uma fonoaudióloga, em seu domicílio. Em 22 de agosto de 2002, passou a freqüentar o Grupo II do CCA, quando, também, interrompeu o atendimento fonoaudiológico (sua fonoaudióloga mudou-se de cidade). É apenas, em abril de 2004, que SL reinicia o

acompanhamento fonoaudiológico individual, porém, agora, sob minha responsabilidade, o qual é realizado até dezembro do referido ano. De março de 2005 em diante, SL passa a ser acompanhado por alunas do quarto ano de Fonoaudiologia da UNICAMP, sob orientação da Profa Dra Maria Irma Hadler Coudry e de fonoaudiólogas orientadas pela referida professora, vinculadas ao “Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e Banco de Dados” – (CNPq 521773/95-4).

Por ocasião de sua chegada ao CCA e também da avaliação fonoaudiológica, por mim realizada, pôde-se compreender, conforme já dito, o funcionamento lingüístico-cognitivo/psíquico de SL. Tinha clareza do que ocorria com sua saúde geral e com seu modo de se expressar, e tinha como seu primeiro objetivo se recuperar das seqüelas motoras (hemiparesia à direita) seguido do de melhorar suas condições de expressão verbal (fala e escrita); acreditava que sua fala e escrita melhorariam tão logo melhorassem suas condições motoras gerais. Porém, muitas vezes, SL se mostrava preocupado com a lentidão do processo de recuperação de sua fluência verbal, outras, mostrava-se decepcionado, sobretudo, quando sua fala tornava-se ininteligível pela ocorrência das chamadas parafasias fonêmicas.

A propósito, a principal característica da afasia de SL era a procura cuidadosa do posicionamento e da seqüencialização dos órgãos fonoarticulatórios para falar; sua fala era *entrecortada*, repleta de *substituições*, *distorções*, *omissões*, *adições* e/ou *repetições fonêmicas* (descritas pela literatura neurológica, neuropsicológica e/ou neurolingüística como parafasias fonêmicas ou literais). Também se faziam presentes, embora de modo mais restrito, as substituições de palavras (parafasias semânticas) e as dificuldades para encontrar palavras (*Word Find Difficulty* - WFD, anomia). Convém destacar que SL reconhecia imediatamente suas dificuldades de fala e tentava corrigi-las, insistindo tanto na produção da palavra pretendida que chegava à desintegração fonética.

Suas dificuldades com a escrita (substituição e omissão de letras, principalmente) também eram percebidas por ele, no entanto, suas tentativas de correção não eram imediatas como as da fala, inclusive, tendia a interromper a escrita de uma palavra tão logo seu interlocutor soubesse o que estava escrevendo.

Entendo que tal atitude de SL possa ser justificada por dois motivos: primeiro, porque ao alcançar seu intento comunicativo SL dava seqüência à conversação (funcionamento próprio da interlocução) e, segundo, porque SL tinha muita crítica e resistência ao seu modo *afásico* de escrever, embora não se recusasse a escrever quando incentivado por seus interlocutores.

Se fôssemos fazer um exercício de classificação<sup>60</sup> do estado afásico de SL diríamos que, em termos tradicionais, ele teria uma afasia de Broca (afasia motora ou afasia anterior). Em termos lurianos, as dificuldades afásicas de SL seriam caracterizadas como pertencentes tanto a uma afasia motora aferente (incapacidade ou dificuldade para determinar imediatamente as posições dos órgãos fonoarticulatórios para a produção dos sons da fala), quanto a uma afasia motora eferente (dificuldades relacionadas à movimentação seqüencial dos órgãos fonoarticulatórios). Em termos freudianos, uma afasia verbal (no seu caso - uma perturbação das associações entre os elementos auditivo/acústico e tátil/cinestésico da representação-de-palavra) e, na interpretação de Jakobson, SL teria um distúrbio de similaridade (no seu caso - dificuldade na seleção dos elementos constitutivos do código/sistema verbal, inclusive, na seleção de traços distintivos).

---

<sup>60</sup> Apesar de Barbizet e Duizabo (1985) afirmarem que as classificações são abstrações (inclusive, porque não conseguem dizer tudo sobre o fenômeno estudado), eles as consideram como sistematizações que cumprem o objetivo de aproximar saberes sobre um determinado fenômeno. As classificações são variáveis já que os critérios usados são diferentes. No caso das afasias, as classificações mais tradicionais seguem critérios anatômicos; as de Luria e Freud, por exemplo, seguem critérios neurofisiológicos ou neuropsicológicos e a de Jakobson assenta-se em critérios lingüísticos.

A avaliação fonoaudiológica de SL revelou, além das questões acima descritas, a presença de uma apraxia oro-facial (também reconhecida por ele e, inclusive, na impossibilidade de realizar um determinado gesto sob comando verbal, SL insistia em sua realização até conseguir fazê-lo). A estrutura da cavidade oral encontrava-se comprometida pela falta de alguns dentes (pré-molar, molares superiores e pré-molar inferior direitos), fato que associado à hemiparestesia e hemiparesia facial à direita, prejudicava a mastigação vigorosa e bilateral. A alimentação de SL, pelo regime alimentar e também pelas condições estruturais de sua cavidade oral, consistia de cozidos (legumes e verduras), massas (pães, bolachas, um pouco de macarrão), laticínios (leite, iogurte e queijo), frutas macias (banana, mamão) ou sucos.

A participação de SL no CCA era intensa; tomava-o, mesmo, como um espaço privilegiado de relacionamento social, o que de fato é o seu fim. O CCA, conforme já indicado, é um espaço onde convivem sujeitos com e sem comprometimentos neurológicos, ou seja, participam dele sujeitos cérebro-lesados (afásicos, disártricos, frontalizados,) pesquisadores, alunos de graduação (de Letras, Lingüística e estagiários em Fonoaudiologia), de pós-graduação, bolsistas de iniciação científica e visitantes de outras instituições de ensino e pesquisa. O recente estudo de Sampaio (2006), desenvolvido sob a perspectiva da Etnografia da Comunicação (aliada a conceitos e postulados da ND), concluiu que o CCA é uma comunidade de fala que se caracteriza por uma prática clínica que relaciona língua(gem), cultura e sociedade.

A autora constata que, nas situações e eventos comunicativos/situações discursivas (por exemplo: diálogos, entrevistas, narrativas, comentários, dramatizações, contagem e recontagem de piadas, leitura de poesias) em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados e os sem lesão cerebral, a língua(gem) se apresenta incompleta, falha e heterogênea (características da ordem própria e estrutural da língua). Nesse sentido, os sujeitos cérebros-lesados têm atitudes de

sujeitos sociais e da linguagem e os pesquisadores/interlocutores não afásicos tendem a ter atitudes que favorecem a inserção dos sujeitos cérebros-lesados nos eventos comunicativos, fato que os leva ao enfrentamento da afasia, ou seja, ao trabalho *de, com e sobre* a linguagem. É, pois, na convivência – na alternância de interlocutores, ou seja, na interlocução – que sujeitos afásicos e sujeitos não afásicos têm a possibilidade do uso produtivo da linguagem (COUDRY, 1992, 1996b, 2002).

Assim, esta pesquisa trabalha com *atos de linguagem* - ocorridos em meio à interação social (na interlocução) - os quais são revestidos pelo patrimônio teórico da ND. Em outras palavras, este estudo trabalha com *dados-achados* construídos na interação, o que põe em evidência o vínculo entre o investigador (pesquisador/terapeuta) e o sujeito acompanhado, e esse (o vínculo) é fator relevante para a emergência do dado e também para o estabelecimento do processo terapêutico (COUDRY, 1996a)<sup>61</sup>. Além disso, trabalhar com dados-achados implica trânsito constante entre fato e teoria.

Pode-se dizer que este modo de proceder, caracterizado pelo trânsito entre a teoria e o dado, aproxima-se do modelo epistemológico de Ginzburg (1986b) – *paradigma indiciário* – em que se analisam qualitativamente informações obtidas a partir de fatos vividos/ocorridos. Portanto, a perspectiva metodológica da ND, tal como o *paradigma indiciário*, prioriza os dados singulares, idiossincráticos e assistemáticos, e se centra nos *atos de linguagem* para então realizar as interpretações dos dados lingüístico-cognitivos/psíquicos dos sujeitos da

---

<sup>61</sup> No artigo – *O que é o dado em Neurolingüística* – Coudry além de desenvolver o conceito de dado-achado, discorre acerca do dado-exemplo e do dado evidência (esclarece os pressupostos teóricos que os sustentam): o dado-exemplo é construído para servir às teorias, de modo que não exige verificação empírica, e o dado-evidência é forjado, apresenta-se como resultado de manobras metodológicas (tabelas estatísticas, escalas diagnósticas, grupo-controle) para se chegar à taxonomia das afasia; nesse sentido ele é construído pelas baterias de testes/instrumentos de medida do *comportamento lingüístico* (aqui mais um equívoco - concepção de língua como um sistema acabado e homogêneo passível de ser medido por um conjunto, também fixo, de provas).

interlocução (sujeitos afásicos e investigador/terapeuta). A propósito, analisam-se, a seguir, alguns dados de SL produzidos ao longo de sua participação no Grupo II do CCA e das sessões fonoaudiológicas por mim realizadas; antes, porém, faz-se necessário identificar os critérios usados na organização dos dados-achados, aqui analisados.

Esta pesquisa segue o sistema de codificação estabelecido pelo BDN (Banco de Dados em Neurolingüística), a saber: apresentação dos dados em tabelas divididas em seis colunas (código de busca, numeração das linhas, sigla do locutor, transcrição, observações sobre as condições de produção do enunciado verbal e observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal), que visam explicitar os conjuntos de fatores envolvidos na interlocução, ou seja, dar visibilidade de modo mais aproximado possível à cena enunciativa<sup>62</sup>. Os sujeitos afásicos são identificados por siglas com duas letras maiúsculas e os investigadores/terapeutas por siglas iniciadas com a letra I maiúscula (de investigador) seguida de duas letras minúsculas.

Convém dizer que o sistema de codificação do BDN procura preservar as características das variedades vernaculares dos sujeitos acompanhados, de modo que a transcrição representa o que foi falado (SILVA e DEFFANTI, 2004). Na maioria das vezes, os enunciados são transcritos ortograficamente, sendo restrito o uso de transcrições fonéticas (usadas apenas no caso das parafasias fonêmicas que não foram interpretadas imediatamente pelos interlocutores de SL); os aspectos entonacionais são destacados na coluna referente às condições de produção do enunciado verbal. Com tais procedimentos, procura-se favorecer a

---

<sup>62</sup> Conforme esclareço em minha pesquisa de mestrado (2000), o conceito de *cena enunciativa* é de Maingueneau (1987/1993) inspirado no de *cenografia* ou *contexto semiótico* de Landowski (1983). As cenas enunciativas têm o mesmo papel que os atos de fala (ou formulações eficazes) e fazem parte delas: o enunciado propriamente dito, o modo pelo qual o sujeito que enuncia se inscreve (gestual e proxemicamente) no tempo e no espaço do seu interlocutor e todas as determinações semânticas e sintáticas que contribuem para forjar a distinção de imagens que os interlocutores remetem um ao outro enquanto interagem.

leitura dos dados, ressalta-se que algumas marcações especiais são necessárias, visto que cumprem o objetivo de explicitar a complexidade dos fatores envolvidos na produção verbal e também não verbal, são elas:

Tabela 2 – Marcação da transcrição

<b>Marcação</b>	<b>Ocorrência</b>
:	Alongamento
/	Pausa breve
//	Pausa longa
-	Sílabação
[	Superposição de vozes
Letras Maiúsculas	Ênfase no segmento

Esclarece-se também que cada enunciado, por menor que seja, é transcrito em uma linha diferente e que, neste estudo, sombreiam-se distintamente as linhas/turnos procurando-se ressaltar a alternância de interlocutores.

#### **4.1 – A análise dos dados lingüístico-cognitivos/psíquicos de SL**

Inicia-se a análise de dados lingüístico-cognitivos/psíquicos de SL apresentando-se um episódio ocorrido no primeiro dia de sua participação no grupo II do CCA. Antes, porém, relata-se um acontecimento fora da sessão, com intuito de explicitar sua atitude de observador perspicaz, bem como seu interesse e a sua determinação em buscar recursos para sua recuperação.

Estão na sala SL, CF e AC (sujeitos do grupo que chegaram mais cedo que os demais). SL, sentado à cabeceira da mesa, observa CF escrevendo no diário, com a mão esquerda, a data da sessão, a pedido da Profa Maria Irma (Imc) que saiu da sala para receber uma aluna e SL, sem falar claramente, tenta saber o que a tornou afásica (*“você tá .. você é ... o que acô... o que aconteceu?”*), mas acaba desistindo, visto que ela não o compreendeu. Passado um minuto,

aproximadamente, SL tenta iniciar outro diálogo com CF, agora, fazendo um comentário a respeito de sua habilidade para escrever com a mão esquerda (*você tá tom ...você com... ade a sua..., né?*) e completa dizendo “eu não consigo!”. Desta vez, CF o entende e lhe explica que é preciso fazer muito exercício - com os braços aproximados e à frente do corpo, sobe e desce os braços várias vezes; abre e fecha as mãos, também repetidas vezes, vai à lousa e escreve letras isoladas enquanto soletra “a”, “i”, “ó”. Assim é que CF sugere que exercícios repetitivos ajudam a alcançar a condição de mexer bem os membros superiores (CF é terapeuta ocupacional que trabalhava com crianças lesionadas cerebrais).

Ao retornar à sala, Imc entende que CF e SL falam sobre exercícios repetitivos para recuperação das dificuldades motoras; transcorre uma rápida discussão a respeito (CF defendendo a validade dos exercícios repetitivos e Imc dizendo que certos tipos de exercícios nem sempre são recomendados e aceitos por todos, afirma que só dá certo quando a pessoa gosta desse tipo de coisa) e SL diz que já fez esses exercícios de coordenação motora, mas que não gostou; disse que preferia usar o computador para escrever, quando, então, Imc comenta que ele era funcionário público, além de reiterar que ele era poeta e fotógrafo. Inicia-se assim a entrevista<sup>63</sup> com SL:

#### DADO 1 – DE TUDO UM POUCO (26/08/2002)

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	Imc	Você era funcionário público/ da prefeitura?	Tom interrogativo	
2	SL	É.	Tom afirmativo	
	SL	Fui:: agora:: faz: três me // três anos:::	Tom reticente	
3	Imc	Três anos que aposentou.	Tom afirmativo	
Continua ...				

<sup>63</sup> A entrevista configura-se como uma das práticas discursivas fundamentais na rotina do CCA, uma vez que todos do grupo têm a oportunidade de fazer perguntas e comentários a respeito do que diz o novo participante/entrevistado e, em momento posterior, ele pode fazer perguntas para os demais participantes do grupo.



No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
4	SL	NÃ::o!	Tom exclamativo	Balança negativamente a cabeça
5	SL	Passei na profe/ proce/ eu:: eu:: fez um con-cur::-so.	Tom explicativo	
6	Imc	Ele está falando sobre a profissão dele.	Tom explicativo e em baixa intensidade vocal	Volta-se para AL
7	Imc	Ele passou num concurso na prefeitura.	Tom explicativo	
8	SL	Antes eu era vende-dor:: lá em Piracicaba	Tom afirmativo	
9	Imc	HEI! Tudo passa por Piracicaba!	Tom exclamativo	Risos
10	CF	AI [esãw]	Tom exclamativo	Risos
11	Imc	Gen::te! Nesse grupo/ tudo passa por Piracicaba!	Tom exclamativo	
12	CF	['ε e'sãw]	Tom afirmativo	
13	SL	Ah é?	Tom interrogativo	
RECORTE				
14	Imc	Hein, sr AC? Tudo passa por Piracicaba neste grupo!	Tom interrogativo Tom exclamativo	Convocando AC à interlocução.
15	SL	O se: o se::	Tom reticente	Vira seu corpo para a direita, em direção a AL; coloca o cotovelo esquerdo sobre a mesa e a mão no queixo.
16	SL	O senhor::: // da onde?	Tom interrogativo	Voltado para AL
17	AL	(SI por baixa intensidade)		Voltado para SL
18	Imc	De onde o senhor é?	Tom interrogativo	Volta-se para AL
19	Imc	Da...	Tom reticente – dando o <i>prompting</i>	
20	Imc	Daqui!	Tom exclamativo	Apontando para baixo
21	Imc	Daqui de Campinas?	Tom interrogativo	
22	SL	É da: da: sam: /	Tom reticente	Apontando para baixo com indicador da mão esquerda
23	SL	Cam-pi-nas.	Tom afirmativo	Marcando as sílabas com indicador esquerdo
24	CF	[esãw esãw]	Tom conclusivo	Afirmando com a cabeça e apontando para SL
Continua...				

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
25	Imc	O senhor é de Campinas ou de Sumaré?	Tom interrogativo	
26	AC	[É , é, é.	Tom afirmativo	
27	SL	Sumaré?	Tom interrogativo	
28	SL	Eu:: tam/ eu vê/ eu seve me-lo-me-le:: mado.	Tom afirmativo	
29	CF	[ado?	Tom interrogativo	
30	SL	Eu tive:: do: dole/ do/ do: le: por le da		Riso desconcertado
31	Imc	No::ssa! De vez em quando os sons se encavalam.	Tom exclamativo Tom explicativo	
32	Imc	Limpa tudo. Começa de novo.	Tom imperativo	
33	SL	Quando eu percebo que não vai//	Tom reticente	
34	SL	eu vou para outro	Tom afirmativo	
35	Imc	caminho.	Tom conclusivo	
RECORTE				
36	Imc	Supermercado?	Tom interrogativo	
37	Imc	Em Sumaré?	Tom interrogativo	
38	Imc	É! O senhor teve supermercado.	Tom afirmativo	
39	SL	Fiz de tudo!	Tom exclamativo	Risos
40	SL	Só faltava falar difícil!	Tom exclamativo	Risos
RECORTE				

Neste dado já se pode conhecer como SL se constituía sujeito lingüístico-social: tem-se revelados os movimentos de sua vida profissional e, sobretudo, o seu senso crítico e de humor a respeito de sua atual condição de fala: “fiz de tudo; só faltava falar difícil”.

Note-se que SL, quando questionado se era funcionário público, busca esclarecer que essa era a sua última ocupação; reage imediatamente ao equívoco de que fazia três anos que estava aposentado e esclarece que há três anos passou no concurso da prefeitura (turno 5). Mas, mais que isso, SL sai da condição de entrevistado para a de entrevistador: faz perguntas a AL - quis saber em que cidade ele residia (turnos 15 e 16).

Portanto, pode-se dizer que as dificuldades de fala de SL nunca o impediram de se colocar como sujeito da linguagem. Quanto ao seu modo de lidar com elas, constata-se que ele ora consegue contorná-las de imediato, ora não. No turno 2, por exemplo, quando informa seu tempo de trabalho na prefeitura (três anos), SL consegue escapar da escolha equivocada de uma palavra (*meses*) e antes que tal palavra fosse completada, ele interrompe sua fala e produz a palavra-alvo *anos*. *Meses* e *anos* são palavras do mesmo campo semântico, guardam entre si uma relação de significado: são equivalentes em um aspecto (ambas marcam temporalidade) e diferentes em outro (a duração é variável). Além disso, dizer *meses* no lugar de *anos* pode revelar um conteúdo psíquico que SL gostaria de apagar ou sublinhar<sup>64</sup>. SL, por meio de uma pausa longa, consegue interromper a produção da palavra (*meses*) – uma tendência de operar por contigüidade - e escolhe de modo preciso a palavra *anos*, evitando assim a ocorrência de uma *parafasia semântica*.

Constata-se esse mesmo processo (inibição da tendência em operar no pólo metonímico) nos turnos 22 e 23, (É da: da: sam: /; Cam-pi-nas. - respectivamente) agora, ocorrendo no nível fonológico. SL frente à possibilidade da multiplicação de parafasias fonêmicas na produção da palavra *Campinas* (note-se que o /s/ final da última sílaba é antecipado para a posição inicial da primeira) emitindo-a de modo silabado, marcando um ritmo que ajuda no controle de sua fala. Esse fato é reconhecido por CF, que no turno 24, por meio de gestos que acompanham a estereotipia [esãw esãw] expressa: “veja, você conseguiu falar”.

Porém, nem sempre, por meio da pausa ou da silabação, SL consegue lidar com as dificuldades de seleção lexical ou fonoarticulatórias. Do meu ponto de

---

<sup>64</sup> É possível interpretar esse processo alternativo/criativo de significação como uma parafasia que expressa a sensação de SL relativa ao tempo com o qual convivia com as dificuldades impostas pela lesão cerebral (à época deste dado já se passara oito meses do episódio lesional que resultou no afastamento de suas atividades profissionais); do nosso ponto de vista, os meses da lesão concorrem com os anos de trabalho de SL na função de administrador de um dos setores do serviço público.

vista, as dificuldades de SL se agravam no nível da escolha dos traços distintivos (últimas unidades na hierarquia lingüística) para composição dos fonemas, quando então a liberdade do falante se restringe drasticamente (JAKOBSON, 1956/1969 – 1999; FRANCHI, 1977; 1986): a escolha dos feixes de traços, das seqüências de feixes e dos traços distintivos não pode ser inventada ou usada fora dos contextos previstos na língua.

Note-se o que ocorre no turno 5 (Passei na profe/ proce/ eu:: eu:: fez um □ a-cur::so.): provavelmente a palavra-alvo era *prefeitura*, ao tentar pronunciá-la surgem substituições de fonemas com propriedades acústico-articulatórias muito próximas (substituição do /e/ por /o/ - em *profe* -, e do /f/ por /s/ – em *proce*), as quais SL não consegue controlar. Assim, sua saída (seu processo alternativo/criativo de significação) foi recorrer à contigüidade/contextura no nível lexical – selecionou e combinou palavras que pudessem levar seus interlocutores à interpretação do que foi impedido de dizer pelas substituições fonêmicas. Contou com o saber de seus interlocutores, qual seja: *funcionários públicos*, geralmente, ingressam nos serviços por meio de *concursos*. Portanto, SL substituiu um signo lingüístico por um outro (*prefeitura* por *concurso*), não que melhor o traduzisse (conforme explica Jakobson, 1959/1969 – 1999), mas que lhe possibilitou a aproximação, por parte de seu interlocutor, de seu intuito discursivo/querer-dizer (BAKHTIN, 1929-1930 - 1997), operando, assim, por contigüidade.

Nos turnos 28 e 30 (Eu:: tam/ eu vê/ eu seve me-lo-me-le:: mado; Eu tive:: do: dole/ do/ do: le: por le da) as dificuldades de seleção dos fonemas se avolumam a ponto de não se reconhecer o intuito discursivo de SL: a informação de que foi proprietário de um supermercado em Sumaré. Não fosse o intenso processo de negociação (Geraldi, 1991; cf p. 34 deste estudo), dado, especialmente entre SL e Imc, não se teria alcançado o sentido pretendido. No turno 28 há indícios de que a palavra pretendida era *supermercado* quando SL

encerra seu enunciado dizendo *mado* (por *cado* – duas últimas sílabas de supermercado); no entanto, os contextos (lingüístico e situacional) não foram suficientes para que ocorresse atribuição de sentido ao enunciado de SL.

Note-se que Imc não deixa SL à revelia de suas dificuldades, tampouco age como se elas não existissem, pelo contrário, explica-lhe que a melhor estratégia para sair da *perseveração articulatória* (quando os sons se encavalam) é “limpar tudo e começar de novo”, ao que SL, completa: “quando eu percebo que não vai ... eu vou pra outro” (aqui a criatividade do sujeito). Note-se que nesses turnos (33 e 34), diferentemente do que ocorre nos turnos 28 e 30, as condições pragmáticas dão conta de determinar o sentido – Imc interpreta a fala de SL e a completa, afirmando que na impossibilidade de sermos entendidos, convém procurarmos *outro caminho*. A propósito de outros caminhos, veja-se o processo alternativo de significação usado por SL no dado abaixo.

O **DADO 2** é extraído da sessão do dia 04 de maio de 2004, do momento em que se fala sobre futebol (assunto obrigatório no Grupo II do CCA). RL (corinthiano) fala que o time da Ponte Preta está liderando o campeonato; Imc, ponte pretana que é, diz que está feliz com seu time e procura se certificar se é mesmo a única torcedora do tradicional time campineiro e, SL (são paulino), brinca com ela:

**DADO 2 – NEM QUE A VACA TUSSA (04/05/2004)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	Imc	Ninguém é ponte pretano aqui, né?	Tom interrogativo	
2	SL	Nem que::	Tom reticente	
3	SL	nem que a: // ca □ aqui a ca:	Tom reticente	
4	SL	nem qui a ca/	Tom afirmativo	
5	SL	aquele negócio que faz leite lá::	Tom reticente	
6	Todos	Vaca.	Tom conclusivo	
7	lal	Vaca tussa.	Tom afirmativo	
Continua ...				

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
8	Imc	Nem-que-a-va-ca-tus-sa!	Tom exclamativo	Imc fala pausadamente de modo que todos possam acompanhá-la
9	Todos	[Nem que a vaca tussa!	Tom exclamativo	Em coro Risos
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4

SL não consegue dizer a expressão cristalizada – “nem que a vaca tussa” – um provérbio popular (também com características de um trava-língua) que carrega o sentido da impossibilidade. A propósito, na impossibilidade de dizer “vaca”, provavelmente pela dificuldade fonoarticulatória de quebrar a seqüência plosiva das palavras que compõem a expressão, ou seja, pela dificuldade de fazer o traço mais contínuo do fonema /v/ sobressair-se ao mais tenso do /k/ (que aparece anterior e posteriormente à sílaba “va”), SL recorre a um sintagma frasal para se fazer entender. Nos termos de Coudry (2007, p. 03), SL “[...] dispõe da ordem sintagmática como suporte para a vizinhança semântica de que precisa para que seu dizer seja interpretado pelos outros”.

Note-se que na falta do nome, possivelmente inviabilizado pelo contexto lingüístico - conforme interpretado acima, SL preenche o lugar da palavra *vaca* com “aquele negócio” – uma expressão indeterminada (comumente usada para convocar o outro para auxiliar a evocação) –, seguida de um sintagma verbal que expressa um dos atributos da vaca (*fazer leite*) o que possibilita o entendimento imediato de sua tentativa de dizer que jamais torceria pelo time da Ponte Preta. Portanto, tem-se, neste dado, a projeção do eixo metonímico sobre o metafórico – a construção de uma seqüência é usada no lugar de um vocábulo. Esse é um processo comumente usado por SL para lidar com as dificuldades fonoarticulatórias, veja-se o que ocorre nos dados 3 e 4.

O **DADO 3** é extraído da última sessão do CCA da qual SL participou, a saber: 09 de junho de 2006. Imc, como de costume, faz com que os participantes do grupo ajudem-na a identificar os presentes e os ausentes na sessão. Por meio dessa atividade – nomeação dos participantes do grupo – os sujeitos afásicos são convocados a trabalharem com suas dificuldades de natureza metalingüística; são incentivados a realizarem trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico (FRANCHI, 1976; 1977; GERALDI, 1991). Veja-se como SL nomeia SR, um dos participantes ausente na sessão:

**DADO 3 – O PORTUGUÊS (09/06/2006)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	Imc	Tem mais alguém?	Tom interrogativo	
2	SL	O português: faz:: que:: Ele faz vinho.	Tom reticente Tom afirmativo	
3	Imc	Ah, o Sr SR.	Tom conclusivo.	
4	Imc	Então / quem está faltando?	Tom interrogativo	
5	Imc	Explica para ela.	Tom imperativo	Voltando-se para SL e mostrando DR
6	SL	O português.	Tom afirmativo	Olhando para DR
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

SL identifica a ausência de SR e a expressa por meio de sua nacionalidade; na tentativa de dizer o nome de SR produz o enunciado “ele faz vinho” que, à semelhança do dado 2 (que faz leite), SL se serve, por metonímia, da função no lugar do nome - no caso, uma função reconhecida por todo o grupo (fazer vinho = SR). Quando Imc lhe solicita que diga o nome de quem faltou, SL fala “o português”, expressão definida que também identifica de imediato SR.

Nesse mesmo dia, pouco tempo depois, SL produz um outro processo alternativo de significação em que combina signos verbais para alcançar o sentido de um outro signo:

**DADO 4 – CALÇA DE PERNA DE FORA (09/06/2006)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	SL	Você viu?	Tom interrogativo	Volta-se para Imc e aponta JN que está de pé à frente de SL
2	SL	Ele põe uma::: co:: Como chama?	Tom reticente Tom interrogativo	
3	Imc	Colete?	Tom interrogativo	
4	SL	Calça de perna de fora.	Tom conclusivo	
5	JS	Eu::	Tom reticente	Abre os braços como que exibindo sua bermuda
6	SL	Acho muito elegante. Muito elegante.	Tom irônico Tom conclusivo	
7	JS	Traje de verão	Tom conclusivo	
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4

SL chama atenção de Imc para as vestimentas de JS com quem sempre brinca; quer dizer *bermuda* e tão logo constata que podem ocorrer parafasias fonêmicas e que isso pode progredir para a desintegração fonética SL suspende sua produção verbal – usa a expressão “como chama?” – tem seu interlocutor nomeando em seu lugar (JS também usava colete) e, assim, ele corrige seu interlocutor produzindo com fluência uma descrição de bermuda (calça de perna de fora) um sintagma nominal e preposicional que cumpre a função de um nome (*bermuda*).

O que SL faz no turno 2 - suspensão do que pretendia dizer e introdução de uma pergunta (uma operação notadamente epilingüística) também pode ser interpretada como uma dificuldade de SL em selecionar a palavra *bermuda* (parafasia semântica). Em ambos os casos, se para escapar de uma parafasia fonêmica ou semântica, o que se evidencia é um processo alternativo/criativo de significação usado para se manter na interlocução - observa-se seu jogo *criativo*



de chamar o outro para fazer por ele a seleção dos elementos lingüísticos que não consegue.

A tendência de SL operar no pólo metonímico é intensa e tende a aparecer na eminência das parafasias fonêmicas ou semânticas; no entanto, têm-se dados que revelam sua condição de operar metaforicamente (conforme se constata no **DADO 5** analisado adiante). Trata-se de um dado-achado produzido no período em que ele se dedicava à digitação de suas poesias antigas e também se encontrava motivado a escrever novas. Antes de discuti-lo, convém dizer que SL foi incentivado, nas sessões do CCA e nas de Fonoaudiologia, a tentar escrever poesias recorrendo ao computador, visto que no teclado as letras estão visíveis e disponíveis às pontas dos dedos (letras contíguas espacialmente, como diria Jakobson, 1956/1969 – 1999). SL aceitando o desafio vai além: passa a usar um dicionário eletrônico.

Em uma das sessões fonoaudiológicas, SL descreve seu processo atual de criação; diz que as idéias vêm à cabeça (como anteriormente ao AVC), mas, na maioria das vezes, a seqüência das letras constitutivas das palavras não, ou se vem não é tão exata como deveria ser. Então, vai ao dicionário, digita o início ou parte da palavra pretendida e a procura no conjunto das palavras disponíveis, quando a encontra, a seleciona e a encaminha para o texto. Segundo SL, além das letras, necessitava das palavras. Portanto, recorrendo ao seu modo de se relacionar com a linguagem e com a realidade – em um desenho próprio, nos termos de Franchi (1988/2006) – SL parte das letras iniciais para as palavras possíveis; das palavras possíveis para a palavra exata e, assim, pôde alcançar maior domínio sobre o que e como escrever.

Arrisco dizer que muito da fluência verbal alcançada por SL tenha sido decorrente dessa sua atitude. Fazendo as escolhas lexicais (por meio de recurso externo – teclado do computador e dicionário eletrônico) SL passou a trabalhar

com maior desenvoltura sobre o eixo paradigmático: com as letras nas pontas dos dedos e as palavras a olhos vistos, SL conseguia chegar às palavras que nem sempre sua boca podia articular/dizer. Portanto, o uso do dicionário eletrônico serviu a ele como um sistema alternativo e facilitador da produção verbal e, esse trabalho, intensificou a emergência de processos alternativos/criativos de significação e também a possibilidade de operar no eixo metafórico, conforme se analisa a seguir.

Na sessão do dia 18 de agosto de 2004, SL e JS conversam sobre suas atividades cotidianas; SL sabe que JN tem um sítio onde planta eucaliptos para uma empresa que produz celulose e lhe pergunta:

**DADO 5 – BRINCANDO COM AS PALAVRAS 1 (18/08/2004)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	SL	E as árvores?	Tom interrogativo	Voltado pra JS
2	JS	Bom:: as árvores::	Tom reticente	
3	JS	Isso é passatempo.	Tom afirmativo	
4	JS	A gente tem um sítio que planta eucalipto	Tom afirmativo	
5	SL	Meu amigo.	Tom jocoso	Brincando com a palavra “eucalipto” e com seu pseudônimo conde D’Eu
6	JS	O seu amigo o QUÊ?	Tom interrogativo	Franze a testa – expressão de dúvida e com ar de desaprovação
7	SL			Rindo
8	Imc	EU-calipto.	Tom: explicativo	Voltada para JS
9	JS	Ah... eu-calipto. Eita!	Tom conclusivo Tom exclamativo	Risos e balançando negativamente a cabeça
10	Imc	Ele fez uma::	Tom reticente	
11	JS	Uma jogada.	Tom conclusivo	
12	Imc	É.	Tom conclusivo	
Continua...				

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
13	JS	Uma brincadeirinha.	Tom afirmativo	
14	Imc	É:: o conde EU–calipto.	Tom afirmativo	
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4

Note-se que SL trabalhando, mesmo sem falar, no pólo metafórico; ele produz um trocadilho, bem ao seu estilo (lembrando Jakobson: apesar de serem dois os modos de arranjo da linguagem [o metafórico e o metonímico], os falantes tendem a usar preferencialmente um ou outro e, assim, marcarem seu estilo).

Este dado revela SL explorando a estrutura fônica da língua – bem ao gosto dos poetas – já que em poesia, a semelhança fonológica é sentida como um parentesco semântico. Segundo Jakobson (1959/1969 – 1999, p. 72):

[...] as equações verbais são elevadas à categoria de princípio construtivo do texto. As categorias sintáticas e morfológicas, as raízes, os afixos, os fonemas e seus componentes (os traços distintivos) – em suma, todos os constituintes do código verbal – são confrontados, justapostos, colocados em relação de contiguidade de acordo com o princípio de similaridade e de contraste, e transmitem assim uma significação própria.

A propósito, Jakobson (1959/1969 – 1999) completa sua explicação acerca do que se faz quando se faz poesia, afirmando que o trocadilho (a paronomásia) reina na arte poética. É, porque sabe disso que Imc interpreta rapidamente o intuito discursivo de SL, é ela quem explicita o trocadilho de SL para JS.

SL: ao ouvir JS dizer “eucalipto”, confronta/justapõe e destaca a primeira sílaba da palavra associando-a ao seu pseudônimo; brinca com seu interlocutor

(JS), que, por sua vez, não reconhece imediatamente a sua *jogada*. É preciso a mediação de Imc para que então JS reconheça o sentido da fala de SL.

Este dado mostra que, embora a afasia de SL seja uma afasia de similaridade, ele é capaz (sob certas circunstâncias) de operar bem com o eixo paradigmático. São, possivelmente, o fato de SL ter retomado a escrita de poesias e o de se tornar membro da Casa do Poeta que o fazem operar no eixo metafórico; ele se reconhece novamente como poeta (cf. p. 121 - o poema-epígrafe deste capítulo).

O **DADO 6** também revela o trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico de SL pautado na estrutura fônica da linguagem e, também, na percepção visual de objetos. Na sessão do dia 10 de novembro de 2003, SL ao contar para o grupo sobre o eclipse lunar ocorrido no final de semana “fala eclipse” escrevendo um segmento da palavra – “E” - e o combinando com o objeto *clipe* (que se diz /klips/), o que funciona como um processo alternativo de significação para dizer a palavra pretendida: eclipse.

#### **DADO 6– BRINCANDO COM AS PALAVRAS 2 (10/11/2003)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	SL	Ah:: você sabe?	Tom interrogativo	Volta-se para Imc
2	SL	Que:::	Tom reticente	
3	SL	Assim?	Tom interrogativo Escreve “E”	Chamando atenção de Imc
4	Imc	Oh:: pessoal		Chamando atenção dos participantes para a fala de SL
5	SL	Tem um clip aí?	Tom interrogativo	Voltado para Imc
6	Imc	Clipe?		Voltada para SL
7	SL	Não, né?	Tom interrogativo	Constatando que Imc não tinha clipe disponível
Continua...				

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
8	Imc	Alguém tem um clipe?	Tom interrogativo	Voltada para os participantes sentados à mesa
9	Imc	Alguém tem um clipe?	Tom interrogativo	Perguntando para grupo de alunos sentados em volta da mesa
10	Imc	Ah:: por falar em clipe::	Tom reticente	
11	SL			Olhando para Imc mexe a mão esquerda para baixo e para cima sinalizando para ela não falar
12	Imc	Oh gente! Vamos prestar atenção aqui, oh!	Tom exclamativo	Tentando centralizar a conversa – várias pessoas falavam ao mesmo tempo
13	lIs			Oferece para SL uma caixinha com clipe
14	Imc	Olha só que chic:: a Lúcia tem uma caixinha.	Tom conclusivo	
15	SL			Pegando um clipe da caixinha
16	SL	Oh.	Tom conclusivo	Colocando o clips do lado da letra “E”
17	Imc	Vocês viram o que ele fez?	Tom interrogativo	
18	Imc	Ele pegou o clipe e o “E”: E / clipse.	Tom conclusivo	
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

Este dado é interpretado por Abaurre e Coudry (no prelo, p. 03) e Coudry (2007) recorrendo especialmente ao construto teórico freudiano: SL faz “[...] uma ligação não oficial (um “gato”) entre a representação-de-palavra e a representação-de-objeto (Freud, 1891/1973)”. Nos termos de Coudry (2007, p. 07): “[...] Assim é que se articulam linguagem (oral e escrita) e percepção (auditiva e visual) em uma espécie de síntese paradigmática e sintagmática, que funciona como um processo alternativo de significação”.

Convém considerar que SL poderia ter desenhado a lua parcialmente encoberta pelo sol (seus interlocutores provavelmente interpretariam seu intuito de dizer *eclipse*, já que o fenômeno tinha ocorrido recentemente), o que caracterizaria um trânsito intersemiótico (do desenho para palavra), mas não, ele (porque poeta) trabalha com elementos preferencialmente lingüísticos – letra e valor sonoro/sonoridade da palavra *clipe*. Tal operação pode ser interpretada como uma tradução intralingual – de um segmento escrito (letra - unidade mínima da escrita) que se combina com outro segmento sonoro (significante da palavra - /'klips/) para SL dizer *eclipse*.

As condições de produção do dado acima me levam a supor que SL opera como que fazendo poesia (conforme seu relato): em um *repente de inspiração*. Ele se recorda do eclipse visto por ele e quer comentar no grupo; escreve “E” enquanto se certifica se Imc tem um clipe e quando percebe que ela também se lembrou do eclipse lunar do final de semana, SL faz gesto para Imc não falar – ele quer falar. De posse do clipe, SL associa a letra ao objeto e Imc chama a atenção dos demais participantes do grupo para esse *processo alternativo/criativo de significação* de SL.

Note-se SL, mais uma vez, recorrendo à combinação de elementos lingüísticos (usa o objeto clipe e opera com seu significante) para alcançar seu intuito discursivo. Vale ressaltar que esse modo de SL lidar com as dificuldades de linguagem, sobretudo, para lidar com as de natureza fonético-fonológicas (*parafasias fonêmicas*) se expressa desde seus primeiros dias no Grupo II do CCA. Porém, conforme se vê no dado a seguir (**DADO 7**), a interpretação do seu intuito discursivo não é tão imediata como a dos dados acima, visto que muitos dos conhecimentos partilhados à época de sua ocorrência, ainda não tinham sido estabelecidos.

Na sessão do dia trinta de agosto de 2002, CF traz para mostrar para o grupo um quadro pintado por ela; fala-se também sobre um artista de Piracicaba – Elias Rocha - popularmente conhecido como "Elias dos Bonecos"<sup>65</sup>, e SL se recorda de um restaurante à margem do rio Piracicaba, que tem fama de preparar o melhor pintado na brasa do Brasil e tenta falar:

**DADO 7 – PEIXE E QUADRO X PINTADO E PINTURA (30/08/2002)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	SL	Lá embaixo.	Tom afirmativo	
2	SL	[lalilos3w]	Tom afirmativo	
3	Imc	Como é que chama?	Tom interrogativo	
4	SL	Rua da::	Tom reticente	
5	SL	No ci: / no círculo lá!	Tom conclusivo	
6	Imc	Eu não sei nome de rua de lá.	Tom afirmativo	
7	SL	Lá tem uma: / um pin::	Tom explicativo	
8	Imc	Pinga?	Tom interrogativo	
9	SL	Não.	Tom de decepção	Riso desconcertado
10	Imc	Tem o quê?	Tom interrogativo	
12	SL	Res-tau-ran-te.	Tom afirmativo	
13	Imc	Ah, restaurante!	Tom exclamativo	
14	Imc	Peixe?	Tom interrogativo	
15	Imc	O senhor gosta de peixe?	Tom interrogativo	
16	SL	Lá tem: tem::	Tom reticente	
17	SL	[dadadu]	Tom afirmativo	
18	Imc	O quê?	Tom interrogativo	
19	SL	[perepe]	Tom afirmativo	
20	SL	Ah: / deixa vai.	Tom de decepção	Balançando negativamente a cabeça
21	Imc	Começa de novo.	Tom imperativo	
22	SL	[pedundə]	Tom afirmativo	
23	Imc	Para você::	Tom reticente	
24	SL	[pegadu]	Tom afirmativo	
25	RL	Cardápio?	Tom interrogativo	

*Continua ...*

<sup>65</sup> Elias dos Bonecos, desde a década dos 70 realiza um trabalho estético e plástico por meio da confecção de bonecos em tamanho natural feitos a partir de sucatas e de roupas doadas pela população piracicabana. Os bonecos de Elias são uma importante atração turística da cidade, visto que estão dispostos ao longo da margem urbana do rio Piracicaba e, segundo seu autor, estão ali para lembrar a necessidade de preservação do rio. A obra de Elias dos Bonecos é reconhecida nacional e internacionalmente (<http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/elias.htm>. Acesso em 10 de jan. de 2008).

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
26	Imc	É aquilo que você vendia?	Tom interrogativo	
27	SL	[pêgadu]	Tom afirmativo	Apontando o quadro pintado por CF disposto sobre a mesa
28	Imc	Pintura?	Tom interrogativo	
29	RL	Quadro?	Tom interrogativo	
30	SL	[pêdadu]	Tom afirmativo	
31	RL	Pendado?	Tom interrogativo	
32	Imc	Prendado?	Tom interrogativo	
33	SL	Não.	Tom de desapontamento	Balançando negativamente a cabeça
34	Imc	Você está falando do cardápio. É isso?	Tom interrogativo	
35	SL	Isso!	Tom exclamativo	
36	SL	tem [pagatu]	Tom afirmativo	
37	Imc	Pregado?	Tom interrogativo	
38	Imc	Escreve aqui no caderno	Tom imperativo	Oferecendo caderno e caneta para SL escrever
39	SL	Não:: estou sem:	Tom reticente	Colocando a mão nos olhos – dedos curvados fazendo um círculo incompleto
40	Imc	Por que você está sem óculos?	Tom interrogativo	
41	SL	A Lúcia::	Tom reticente	Mostrando a porta, indicando que está com sua esposa fora da sala
42	Imc	Mas você tem que usar::	Tom reticente	
43	SL	[pagatu]	Tom afirmativo	Apontando mais uma vez para o quadro de CF
44	Imc	Pintado?	Tom interrogativo	
45	SL	Isso!	Tom exclamativo	
46	Imc	Nossa:: você mostrou o quadro para falar de PINTado de “pinTura”?	Tom interrogativo	
47	SL	É	Tom afirmativo	
48	CF	[Pintado.	Tom conclusivo	
49	Imc	É, ele é pintado.	Tom conclusivo	Risos
50	Imc	Peixe; pintado.	Tom conclusivo	Risos
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4

Neste dado tem-se uma longa negociação até se alcançar o sentido pretendido por SL; suas tentativas de fala quando não totalmente distorcidas (turnos 2, 17, 19, 22, 24, 27, 30, 36 e 43) se apresentam indeterminadas (turnos 1



e 5) e incompletas (turnos 4, 7, 16). Porém, SL tem o firme propósito em dizer sobre o *pintado na brasa*, tanto que no turno 12, por meio da silabação, expressa de modo exato o lugar onde é feito o pintado (res-tau-ran-te), o que não havia conseguido nos turnos 1, 4, 5 e 7. Note-se que SL não responde à pergunta de Imc acerca de seu gosto (turno 15 – “O senhor gosta de peixe?”); é precisamente a informação de que em Piracicaba tem um restaurante à beira do rio que prepara o melhor pintado na brasa que SL quer dar.

Após várias tentativas frustradas de dizer *pintado* (turnos 2, 17 e 19) SL tende a desistir de falar, mas Imc o encoraja a prosseguir e RL também entra na negociação de sentido, é ele quem retoma o tema *restaurante* e pergunta-lhe se o que ele quer dizer tem a ver com *cardápio* (turno 25) e Imc faz outra pergunta (turno 26 - É aquilo que você vendia?), porém considerando a sugestão de RL certifica-se se o que SL quer dizer tem a ver com cardápio, ao que ele responde apontando o quadro pintado por CF. Arrisco dizer que a tensão estabelecida na interlocução exigiu de SL a associação de outro processo que não o verbal para se expressar: é da observação do que tem a seu alcance (da sua percepção visual) que ele busca responder a seus interlocutores.

Conforme interpreta Coudry (2003 – CNPq) este dado-achado revela SL se servindo de um segmento fônico/gráfico comum tanto à palavra *pintado* quanto ao objeto (*pintura*), e recorrendo ao quadro de CF (exterior à cena enunciativa) para *mostrar* e *dizer* o que não conseguia só com recurso verbal. Nessa enunciação, nos termos da autora, tem-se SL realizando um trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico que expressa o trânsito da linguagem verbal, com a percepção [identificação do objeto - quadro pintado] e com a práxis/corpo [gesto de apontá-lo], fato que revela a intrínseca relação da linguagem verbal com os demais processos cognitivos/psíquicos (atividade constitutiva da linguagem – FRANCHI, 1977).

É fato que SL busca no quadro das bailarinas *pintado* por CF (objeto visível a ele e a todos os participantes da sessão), a possibilidade de se referir ao peixe *pintado*. Do meu ponto de vista, SL criativamente, porém em solilóquio, manipula o material lingüístico e tal como no **DADO 6**, trabalha com o significante, porém, neste dado-achado ele joga com o duplo sentido da palavra *pintado* - destaca um dos significados para chegar ao outro, ou seja, ele parte da qualidade de um objeto presente (quadro *pintado*) para alcançar o sentido pretendido - espécie do peixe (*pintado*).

Pode-se dizer que este processo alternativo/criativo de significação é uma espécie de tradução intralingual – visto que SL faz uma seleção muito particular – singular - totalmente possível na língua. Ele escolhe, no conjunto dos signos lingüísticos, um signo com duplo sentido (*pintado*) e o usa em um de seus sentidos para alcançar o seu (outro) sentido pretendido. Ele tem dificuldade de selecionar fonicamente (pela boca) a palavra *pintado* e atribui ao outro esse trabalho. Convém lembrar que, geralmente, conforme análise dos dados anteriores, a tendência de SL é produzir combinações de palavras para chegar a uma palavra, aqui ele usa um gesto (apontamento) para encaminhar a compreensão de seus interlocutores ao que pretende dizer.

Este dado-achado revela ainda traduções intersemióticas semelhantes a outras analisadas neste estudo: o uso de gestos para falar. No turno 39, SL completa sua fala por meio do gesto (mão nos olhos), assim, da associação dos fatores próprios da interlocução, Imc e os demais participantes do grupo puderam compreender SL em seu intuito discursivo, qual seja: “não consigo escrever porque estou sem os meus *óculos*”. No turno 41, o gesto de apontar a porta simultaneamente à produção da palavra *Lúcia* (nome da esposa) diz – “os meus *óculos* estão lá fora com a minha esposa”.

Pode-se considerar que esse gesto de SL funcionou como um complemento de sua expressão verbal (os gestos dão contexto ou reforçam o contexto para o dito). Portanto, é também por meio da transposição intersemiótica que SL opera no eixo metafórico – ele escolhe um gesto análogo a uma palavra (gesto = uma palavra) e assim completa sua expressão verbal. A propósito, apresentam-se, a seguir, outros dados-achados que mostram esse trânsito entre os sistemas semióticos: nos **DADOS 8 e 9**, o trânsito é do sistema verbal para o gestual e no **DADO 10** o trânsito é do sistema verbal para o pictográfico.

Na sessão fonoaudiológica de 19/05/2004, SL e Ief conversam sobre fotografia; falam dos avanços tecnológicos na área - da diferença de se fazer fotografia hoje e no passado - quando SL tenta explicar que além de fotografar ele também fazia revelação e ampliação fotográfica:

#### **DADO 8 – AMPLIAÇÃO (19/05/2004)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	SL	Depois:: pegava o: / filme:: pinha:: es:: / para secar	Tom reticente Tom afirmativo	
2	SL	Daí pegava:: a: / pa:: / pu / du::	Tom reticente	
3	Ief	O filme?	Tom interrogativo	
4	SL	Não.	Tom imperativo	
5	SL	Tinha problema. es::: es::: me::	Tom reticente	
6	SL	Você:: punha o filme::: e:: be-a-ção	Tom afirmativo	
7	Ief	Revelação?	Tom interrogativo	
8	SL	É. Põe em cima.	Tom afirmativo	Olha para teto e com braço esquerdo levantado movendo-o para frente e para trás.
9	SL	Tinha uma coisa / assim!	Tom exclamativo	Fecha mão mantendo braço levantado
10	SL	Só que luz: pre:: pra::: pegava::	Tom reticente	
11		É simples. É fácil.	Tom reticente	Põe os óculos; ajeita-se na cadeira
<i>Continua ...</i>				

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
12		Não estou conseguindo falar	Tom de decepção	Pega caneta e papel disponíveis sobre a mesa
13	SL	Você pega o filme pequenininho.	Tom conclusivo	
14	SL		Escreve “AM”	Usando a mão esquerda; o traçado suave e trêmulo.
15	lef	Aí ficou AM::	Tom reticente	
16	SL	pli-a-ção!		
17	lef	Ok. Você fotografava, revelava e ampliava:::	Tom conclusivo	
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

Conforme já discutido anteriormente, neste dado tem-se a ocorrência das parafasias fonêmicas (turnos 1, 2, 3 e 8), assim como as tentativas de SL superá-las por meio de pausas breves (turno 3) e da silabação (turno 4). Considero as pausas e as silabações como processos alternativos/criativos de significação usados por SL para errar menos ou acertar mais.

Note-se também a ocorrência de fala fluente completada por gestos: no turno 6, SL fala “põe em cima” enquanto faz o gesto de ir e vir da mão – provavelmente referindo-se aos *varais* usados para a secagem das fotos. Sem ser interrompido, SL continua tentando explicar como se faz a revelação e a ampliação de fotografias. No turno 7 usa uma expressão indeterminada “tinha uma coisa” e, de novo, usando um outro gesto (mão fechada no alto) indica que “as fotografias devem ficar presas (no varal) até secarem”. Nesses dois turnos as expressões verbais e gestuais se sustentam (uma dá contexto/suporte a outra); há uma combinação de sistemas semióticos – parte do enunciado é oral e parte dele é gestual.

Os gestos acima podem ser interpretados como signos-índices, pois guardam uma relação *de contigüidade*, vivida, entre significante e significado: mão para frente e para trás assemelha-se ao fio do varal com pontas fixadas em um lado e em outro e, os dedos contra a palma da mão assemelham-se à preensão de um prendedor.

Note-se que os enunciados, digamos híbridos, de SL não são traduzidos em palavras por mim, visto que assumo uma atitude de espera, com o objetivo terapêutico de favorecer a condição de SL se manter sujeito da linguagem. Pelas características do atendimento individual é possível ouvi-lo no seu modo de se expressar, instigá-lo a usar o máximo de recursos possíveis para se fazer entender, buscando-se assim a fluência verbal. A minha atitude de espera é orientada por SL: no turno 4, ele indica que a minha tentativa de interpretá-lo estava equivocada. É somente quando SL recorre à escrita é que volto a interferir em sua expressão – leio em voz alta o que ele escreveu e assim ele completa sua expressão verbal.

Considero que essa minha atitude possibilitou a SL recorrer a outros processos de significação, assim como pôde colocá-lo em contato com os limites de alguns dos processos usados por ele; SL faz comentários acerca do que está querendo me dizer (turnos 11 e 12) e, mais uma vez, produz uma parafasia semântica (ainda insuficiente para a atribuição de sentido) até se decidir pela escrita. Note-se que enquanto ele se ajeita na cadeira para escrever, no turno 13, ele tenta falar *ampliação* usando seu sentido contrário: “você pega o filme *pequeninho*”.

Conforme descrito acima, SL usava a escrita como último recurso para se fazer entender e quando a usava tendia a escrever apenas as primeiras letras da palavra, deixando para seu interlocutor o trabalho de completar a sua expressão. Por isso, assim que SL escreve “am”, leio a sílaba em voz alta e ele completa a

palavra. Pode-se dizer que ele me forneceu, por meio da escrita das primeiras letras, o *prompting*<sup>66</sup> para que eu chegasse à interpretação de que ele também sabia fazer ampliação fotográfica.

A propósito da necessidade da espera e/ou do esforço dos interlocutores na produção e interpretação de sentidos, SL tinha muito a conquistar; veja-se o dado a seguir (**DADO 9**) extraído da sessão do CCA, produzido pouco tempo depois do dado acima (na ocasião, as sessões fonoaudiológicas aconteciam uma hora antes do início das sessões do CCA), precisamente, no momento em que sujeitos afásicos e não-afásicos atualizavam as notícias da semana (um expediente lingüístico-cognitivo indispensável nas sessões do CCA).

#### **DADO 9 – A GENTE TEM BOA VONTADE (04/05/2004)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	CF	É:: menino / homem.	Tom conclusivo	Voltada para lmc
2	lmc	O que aconteceu?	Tom interrogativo	
3	CF	O::eu.	Tom conclusivo	
4	lmc	Assalto?	Tom interrogativo	
5	CF	Não.	Tom afirmativo	Sinaliza “não” com a cabeça
6	CF	É menino:: homem.	Tom conclusivo	
7	lmc	É uma notícia que saiu no jornal?	Tom interrogativo	
8	CF	É.	Tom afirmativo	
RECORTE				
9	lmc	É o que a gente tem.	Tom conclusivo	
10	lmc	Alguém viu alguma coisa?	Tom interrogativo	Dirigindo-se aos demais participantes do grupo
11	SL	Eu não sei o que ela...		Negando com a cabeça, apontando a boca
12	lmc	É, mas é assim mesmo que a gente faz.	Tom afirmativo	Volta-se para SL
Continua ...				

<sup>66</sup> Convém ressaltar que na perspectiva da ND o *prompting* é um elemento que favorece a *seleção*; ele pode ser fonético, escrito ou gestual; dado por um interlocutor ou pelo próprio sujeito afásico.

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
13	Imc	A gente pergunta:: a gente tem boa vontade	Tom conclusivo	Voltada para SL
14	SL	Polícia?	Tom interrogativo	
15	CF	É	Tom conclusivo	
16	Imc	É um caso de polícia...	Tom de reflexão	
17	SL	Campinas?	Tom interrogativo	
18	CF	Não	Tom afirmativo	
19	SL	São Paulo.	Tom afirmativo.	
20	CF	É	Tom: afirmativo	
RECORTE				
21	lef	Voltando então: é um caso de polícia que envolve um homem e um menino.	Tom conclusivo	
22	CF	É.	Tom afirmativo	
23	Imc	Criança pequena?	Tom interrogativo	
24	CF	É.	Tom afirmativo	
25	SL	É droga?	Tom interrogativo	
26	CF	Não.	Tom afirmativo	
27	Imc	Assassinato?	Tom interrogativo	
28	lcr	Ah::: tinha um homem que matava crianças pequenas.	Tom conclusivo	
29	CF	È:: eseu:: é pum pum pum.	Tom conclusivo	Gesto de atirar com arma acompanhado a onomatopéia
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

SL, após algumas tentativas frustradas de CF, comenta com Imc que não consegue entender a primeira: inicia a expressão verbal - “eu não sei o que ela...” - e a completa com o gesto indicativo da boca (um signo-índice). Assim como em outros casos, o gesto (mostrar a boca) entra no lugar das expressões *quer dizer* ou *quer falar* (provavelmente SL ou qualquer outro falante do PB, em situação semelhante, diria: “eu não sei o que ela ‘quer dizer’”).

Na falta da palavra (entendida como uma dificuldade de manter a relação interna de similaridade) SL usa o gesto e concretiza a função de substituição. Portanto, se reconhece, mais uma vez, um *processo alternativo de significação* em

que SL resolve a tendência do funcionamento unipolar da linguagem por meio da articulação de dois sistemas semióticos: na falta de um signo interno (do sistema verbal), SL recorre a um outro externo (signo não-verbal); constata-se, pois, o trânsito entre a fala (sistema verbal) e o corpo (gestos) - dois sistemas semióticos que se *completam* na significação.

Um outro fato que chama a atenção neste dado-achado são os enunciados que SL passa a produzir, após o esclarecimento de Imc de que é com paciência, negociando-se, que se chegar ao sentido. Ele, tal como Imc, passa então a questionar CF usando enunciados univocabulares (poderiam ser interpretados como pertencentes ao estilo telegráfico característico do distúrbio de contigüidade) tentando auxiliar CF a concluir sua narrativa.

Veja-se que SL escolhe palavras pertinentes e precisas (sabe-se que a seleção de palavras é uma operação considerada difícil ou impossível na desordem da similaridade) condição possibilitada pela força da interlocução, ou seja, pela condição de uso produtivo da linguagem. Fatos que não aparecem nas situações terapêuticas baseadas em testes e similares em que são privilegiadas atividades metalingüísticas.

Discute-se a seguir um dado-achado em que SL trabalha com signos verbais e pictográficos. Trata-se de um dado produzido, na sessão do CCA do dia 22 de setembro de 2004, em meio a um jogo que mexia justamente com a condição de sujeitos afásicos e não afásicos produzirem sentido exercitando a tradução intersemiótica. Tinha-se como desafio expressar uma palavra sem que ela fosse dita; assim, os sujeitos eram convidados a “dizer uma palavra sem falar”, associando escrita (sistema verbal), desenho (sistema pictográfico), objetos (sistema perceptivo) ou ao próprio corpo (sistema gestual).



Conforme dito acima, essa atividade exige um trânsito entre sistemas semióticos, aguça a atenção, a percepção *etc*, e, por isso, motiva a ocorrência de processos alternativos de significação. Uma atividade como essa mostra para os sujeitos afásicos que é possível a intercompreensão fora da linguagem verbal; nesse sentido, o desafio e o lúdico dessa atividade incentivam os sujeitos a buscarem outros sistemas de significação. A investigadora Ief inicia o jogo:

#### **DADO 10 – ADIVINHAÇÕES (22/09/2004)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	Ief	“xí”	Escreve XI (em letras maiúsculas)	em seguida, gira a mão à frente de seu rosto
2	JS	Xícara.	Tom conclusivo + interrogativo	Fala imediatamente após o gesto de Ief
3	Imc	Quem vai agora?	Tom interrogativo	Dirigindo-se a todos os participantes sentados à mesa
4	SL			Ajeita-se na cadeira, pega caneta e puxa o papel para perto de si
5	SL	“chi”	Escreve CHI (em letras maiúsculas)	em seguida, faz careta, prende a respiração e inclina o tronco pra frente - como se estivesse fazendo força
6	Icr	Chicago	Tom afirmativo	Risos
RECORTE				
7	SL	“Na”	Escreve NA (em letras maiúsculas)	em seguida, desenha um olho
8	SL	“Navio”	Tom afirmativo	Fala assim que acaba de desenhar
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4

Este dado-achado mostra a habilidade de SL em trabalhar com o sistema verbal-gestual e o verbal-pictográfico, ou seja, evidencia o trânsito intersemiótico e, ainda, sua habitual irreverência, caracterizada por senso de humor e de provocação.

Em “Chicago”, há relação entre o verbal (sílabas “chi”) e o gestual (contração facial, do pescoço e inclinação do tronco, indicativa do fechamento das pregas vocais para abertura do esfíncter anal). Em “navio” SL relaciona o sistema verbal (sílabas “na”) com o pictográfico (desenho de um “olho”); porém, antes mesmo da tentativa de alguém adivinhá-la, talvez não muito confiante de sua produção (“olho” – um substantivo, para designar o verbo “ver” flexionado no passado), SL fala “navio”.

Note-se que em “navio” há tradução intralingual - a sílaba escrita, seguida do desenho de um olho, possibilita a expressão verbal de SL. A propósito, SL sabe que esse é um recurso possível de ser usado quando sua fala não progride/flui por ocorrência das muitas parafasias fonêmicas; porém, na maioria das vezes – conforme já dito -, SL tende a interromper propositadamente o que vinha sendo dito e quando escreve (assim como outros sujeitos afásicos não-fluentes) usa apenas as primeiras letras ou sílabas da palavra pretendida, o que funciona como *prompting* para a produção oral.

Até o presente momento foram descritos e analisados vários *processos alternativos/criativos de significação* usados por SL, alguns recorrentes (associação de fala e gestos, uso da escrita para possibilitar a fala, por exemplo), outros nem tanto (associação de escrita a valor sonoro das palavras [eclipse], um dos sentidos de uma palavra para expressar o outro [pintado]). E, para encerrarmos a análise dos dados lingüístico-cognitivos/psíquicos de SL apresentamos dois dados – o **DADO 11** e o **DADO 12** – que, além de processos alternativos de significação já discutidos, revelam SL produzindo, respectivamente, um neologismo (criação morfológica - no sentido clássico) e uma definição de palavra; realizando, pois, em ambos os casos, traduções intralinguais. No primeiro caso, uma tradução não muito *oficial* e; no segundo, uma atividade muito comum, especialmente, no contexto escolar. Enfim, nesses dados o poeta SL diz (sem lhe

ser concedida licença poética), mais uma vez, usando criativamente a matéria prima da língua.

O **DADO 11** é extraído da sessão fonoaudiológica do dia 13 de julho de 2005 em que Ief sugere que SL faça a sua *linha da vida*. Convém dizer que essa atividade terapêutica é interessante visto que coloca a pessoa trabalhando intensamente com todos os processos cognitivos/psíquicos - ela possibilita conhecer como o sujeito se constitui *na* e *pela* linguagem (ou seja, possibilita conhecê-lo como sujeito lingüístico-social) e, sobretudo, quando o sujeito pode construí-la sozinho, dá visibilidade aos aspectos que de fato lhe interessam.

Usando uma folha de sulfite, com uma linha traçada em seu meio e em sua extensão horizontal, SL deveria marcar, na linha, as datas que ele considerasse importantes, na parte superior da linha ele deveria marcar um fato pessoal e na inferior um acontecimento histórico, caso se recordasse. Veja-se que SL é convocado a trabalhar com questões pessoais e também com outras de ordem histórico-social (nesse sentido, tal atividade se constitui importante referência para o desenvolvimento do processo terapêutico). Pois bem, é nesse contexto que ocorre o dado-achado que se segue:

#### **DADO 11 - ENCARNECEU (24/10/2005)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	Ief	Quando você nasceu?	Tom interrogativo	
2	SL	Em: em:: sete de: de: b / abril de mil:: de: /	Tom reticente	
3	SL	no dia de:: da guerra::	Tom reticente	
4		que acabou a guerra.	Tom afirmativo	
5	SL	Em: novecentos e quarenta e cinco.	Tom conclusivo	
6	SL	Outro dia::	Tom reticente	
7	SL	Minha mãe falou pra mim que eu nasci no dia em que:: /	Tom reticente	
Continua ...				

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
8	SL	Em que: / ma / us //	Tom reticente	
9	SL	Mataram o ussulini.	Tom afirmativo	
10	lef	No dia que mataram o Mussulini?	Tom interrogativo	
11	SL	É.	Tom afirmativo	
12	SL	Ela falou que: que::	Tom reticente	
13	SL	Ele encarneceu .u Mussulini.	Tom jocoso	Risos
14	SL	É gozação!	Tom exclamativo	
15	SL	É metido a besta.	Tom jocoso	Risos
16	lef	No::ssa:: que mãe legal que você tem, hein?	Tom jocoso	Risos
RECORTE				

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

Note-se a fluência verbal de SL ligeiramente prejudicada pelas parafasias fonêmicas; porém, na maioria das vezes, SL consegue controlá-las antes que se avolumem - por exemplo, no turno 2, há antecipação do /b/ de *abril* - e, por meio de uma pausa breve, SL retoma a fluência, que, mais uma vez é quebrada pela imprecisão na escolha da data (1945), cuja resolução vem com a produção de uma circunlocução – “no dia de:: da guerra:: que acabou a guerra”. Como que fazendo um comentário: “nasci no mesmo dia em que a guerra acabou” – SL chega a precisar a data de seu nascimento.

Considera-se importante destacar que SL reconhece a falta do verbo na expressão “no dia de... da guerra” e tal *falta sintática* é imediatamente corrigida - a expressão é refeita de modo que o verbo (segmento lingüístico ausente) ocupe o lugar da reticência - assim sua expressão pôde ser entendida como “nasci no dia que acabou a guerra”. Aqui, mais uma vez, evidencia-se a condição de SL operar preferencialmente no eixo metonímico e é essa mesma tendência que pode explicar a ocorrência do neologismo *encarneceu*, conforme se analisa a seguir.

É sabido que falar implica a seleção de entidades lingüísticas e a combinação em unidades lingüísticas mais complexas. Quem fala seleciona, de

acordo com o sistema (micro)sintático da língua, traços distintivos para compor fonemas que, por sua vez, compõem sílabas e morfemas, que compõem palavras, que compõem as frases/os enunciados. Segundo Jakobson (1956/1969 – 1999) as palavras são para expressar as experiências cognitivas/humanas, são as mais altas unidades lingüísticas codificadas disponíveis para o uso comum dos falantes, porém, o sistema lingüístico, também nesse nível da hierarquia, possibilita a ocorrência de neologismos, sobretudo, quando as traduções e as classificações existentes na língua são insuficientes para expressar as experiências cognitivas (Jakobson, 1959/1969 – 1999).

Sabe-se também que na dificuldade de escolhas lexicais precisas (dada pela dificuldade em manter a relação interna de similaridade) podem ocorrer as parafasias semânticas, circunloquções, uso de gestos no lugar de palavras, uso de um sentido pelo outro e, acrescenta-se aqui, podem ocorrer as aglutinações de palavras (uma das formas de neologismo), interpretadas como processos alternativos de significação motivados pela contigüidade, o que mostra um domínio morfológico da língua: um golpe de mestre. Portanto, defende-se, a expressão de SL *encarneceu* como um neologismo produzido em circunstâncias muito especiais, ou seja, quando SL começa sua linha da vida e se lembra do comentário recente de sua mãe (conforme ele ressalta - em tom de brincadeira). SL poderia ter enunciado: “outro dia, minha mãe falou pra mim que eu nasci no dia em que mataram o Mussolini. Ela falou que sou a encarnação dele”; no entanto, SL fala: “ela falou que ele *encarneceu*...”. Reconhecendo que não foi claro, SL acrescenta “o Mussolini” querendo dizer “o Mussolini encarnou em mim”.

Note-se que o contexto lingüístico da (possível) expressão acima, pode ter levado SL a aglutinar *encarnação* + *nasceu* ou *encarnação* + *morreu*, ou ainda, *encarnou* + *em você*. Do meu ponto de vista, não tem muita importância se o neologismo *encarneceu* é resultado das duas primeiras hipóteses ou da terceira, o fato lingüístico é que SL opera por contigüidade: palavras de mesma classe (o

contexto semântico) orientam a combinação nos dois primeiros casos, e no terceiro - o sintagma verbal (encarnou em você) é abreviado, visto que SL conhece a língua (*encarnação* = ação de encarnar). A propósito, combinar para selecionar é uma operação presente desde os primeiros dias de SL no CCA, conforme se analisa a seguir.

O **DADO 12** - extraído da sessão do dia 23 de setembro de 2002, aproximadamente um mês após o início da participação de SL no Grupo II do CCA - é desencadeado quando Imc diz que experimentaria algumas jabuticabas trazidas por um dos participantes do grupo. CF a alerta sobre os perigos de se chupar jabuticabas em excesso e SL já se põe a comentar que toma um remédio (bom para o cérebro), mas que prende o intestino, tal como as jabuticabas. Após outros comentários e da degustação das jabuticabas, por todos que quiseram prová-las, Imc propõe que a palavra seja escrita:

**DADO 12- JABUTICABA (23/09/2002)**

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	Imc	Vamos escreve jabuticaba, aqui. JA::	Tom afirmativo	Pegando papel e caneta e iniciando a escrita da palavra
2	Imc	Quantas sílabas SL?	Tom interrogativo	
3	SL  outros sujeitos	Ja - bu - ti - ca - ba.	JABUTICABA (letras maiúsculas)	Imc escreve jabuticaba falando sílaba por sílaba;  os outros sujeitos também falam de modo silabado, porém a produção da palavra não é em coro
4	CF	Ja - bu - ti - ca - ba.	Tom exclamativo	CF fala depois dos demais sujeitos e comemora sua condição de dizer jabuticaba
5	SL	[buticaba.	Tom afirmativo	
Continua ...				

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
6	Imc	Um, dois, três, quatro, cinco.	Tom conclusivo	Apontando cada sílaba da palavra escrita por ela
7	CF	[e'sãw e'sãw]	Tom afirmativo	
8	SL	E::sse qui: é Índio.	Tom afirmativo	Apontando a palavra escrita
9	RG	Índio?	Tom interrogativo	
10	Imc	É nome indígena.	Tom conclusivo	
12	RG	O que significa?	Tom interrogativo	
13	SL	Aqui:: aqui:: é	Tom reticente	Mostrando parte da palavra escrita
14	Imc	Olha lá.	Tom imperativo	Convocando SL para responder à pergunta de RG
15	Imc	Ele perguntou o que quer dizer!	Tom exclamativo	
16	SL	Ah:: Eu não sei.	Tom de desapontamento	Risos
17	Imc	Deve ser::	Tom reticente	
18	Imc	fruta preta redonda.	Tom conclusivo	
19	SL	[Preta redonda.	Tom conclusivo	Parecendo concordar com a sugestão de Imc
20	Imc	Provavelmente, né?	Tom interrogativo	Volta-se para DR
21	RG	Fruta que prende o intestino	Tom afirmativo	Risos
22	Imc	Fruta que prende o intestino::	Tom reticente	Risos
23	Imc	Bolinha que prende o intestino	Tom afirmativo	Risos
24	Imc	Círculo preto	Tom afirmativo	Risos
25	SL	Pode ser::	Tom reticente	Mostrando parte da palavra escrita
26	SL	ja bo: ja ja bo:: aba.	Tom conclusivo	
27	Imc	Aba?	Tom interrogativo	
28	Imc	Piracicaba?	Tom interrogativo	
29	CF			Risos, reconhecendo que falam de sua cidade
30	SL	Não. Assim é um já-bo-ti.	Tom afirmativo	Mostrando parte da palavra escrita
31	Imc	Jaboticabal.	Tom afirmativo	
32	SL	Não.	Tom imperativo	
33	SL	é uma ja:: é um va:	Tom reticente	
34	Imc	Vocês acham que tem?	Tom interrogativo	Dirigindo-se para os demais sujeitos
35	SL	Não: / um beicho.	Tom afirmativo	
36	Imc	Bicho:	Tom conclusivo	
37	Imc	jabuti é uma tartaruga!	Tom exclamativo	
Continua ...				

No.	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
38	SL	Então:: esse aqui.	Tom conclusivo	Mostrando as três primeiras sílabas da palavra jabuticaba
39	Imc	Então: uma casca // preta de jabuti	Tom interrogativo	Faz gesto de carapaça
40	SL	Não.	Tom desapontamento	Risos
41	SL	Aí ele faz:::	Tom reticente	
42	Imc	Estamos inventando nomes indígenas para:::	Tom explicativo	Explicando para DR
43	SL	Caga /	Tom conclusivo	
44	SL	que faz gogô	Tom conclusivo	
45	SL	ele faz gogô	Tom conclusivo	
46	Imc	O cágado?	Tom interrogativo	
47	CF	[e'sãw e'sãw]	Tom interrogativo	Indicando que não estava acompanhando a discussão
48	RG	SI por baixa intensidade	Tom conclusivo	Rindo
49	SL	Dô - dô.	Tom conclusivo	Concordando com RG e rindo
50	Imc	Jabuti	Tom conclusivo	
51	RG	Nome para esse aqui?	Tom interrogativo	Mostrando para SL a tigela com jabuticabas que estava perto dele
52	Imc	Então, um nome indígena.	Tom conclusivo	
53	Imc	Tradução de jabuticaba: é um cágado	Tom reticente	
54	RG	[Coco jabuti.	Tom conclusivo	Interferindo na expressão de Imc
55	RG	Agora, né?	Tom interrogativo	Voltado para SL
56	CF	[e'sãw e'sãw:: ]	Tom exclamativo e de reprovação	Apontando o indicador para SL e rindo
57	Imc	Coco de jabuti, pronto!	Tom conclusivo	
58	CF			Dá gargalhada
59	SL	Ai meu Deus do céu!	Tom exclamativo	Rindo
60	Imc	Quanta bobagem!	Tom exclamativo	Balançando negativamente a cabeça e sorrindo
61	CF	[e'sãw e'sãw:: ] [e'sãw e'sãw]	Tom exclamativo	Indicando que foi SL o responsável por tanta bobagem
62	AL	É:: é.	Tom conclusivo	Concordando com CF
63	Imc	O senhor gostou?	Tom interrogativo	Confirmando com AL o senso de humor de SL

#### RECORTE

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4



Note-se neste dado SL (ab)usando do potencial criativo da linguagem, porém, ainda sem explicitá-lo rapidamente, como já conseguia fazer nos últimos anos. Seu conhecimento da língua o faz lembrar e dizer que jabuticaba é uma palavra indígena; RG interessa-se em saber o significado dela e Imc incentiva o grupo a tentar encontrar o significado de jabuticaba, inclusive, arrisca um significado (“deve ser... fruta preta redonda” – turno 18), com o qual SL parece concordar. RG também dá seu palpite (turno 21 – “fruta que prende o intestino”), seguidos de outros de Imc; quando, então, SL inicia sua explicação sobre o significado de jabuticaba (turno 25 e 26).

Note-se que no turno 25 ele mostra a palavra escrita e no 26 ele fala “ja bo: ja ja bo:: aba”, provavelmente já se referia a *jabuti* (nome que será dito por Imc apenas no turno 37, após o esclarecimento de SL de que ele estava tentando dizer jabuti – [“um beicho” – turno 35]).

SL decompõe a palavra escrita (visível a todos) e quando Imc fala *jabuti*, ele tenta prosseguir com sua explicação do significado de jabuticaba que só será dita às claras, por Imc, no turno 57 (“coco de jabuti, pronto”).

Convém ressaltar que SL completa sua explicação sem considerar a fala de Imc – veja-se que é da seqüência dos turnos 38, 41, 43, 44 e 45 que RG compreende a explicação de SL: os índios deram o nome à fruta porque ela se assemelha às fezes dos jabutis - “então, esse aqui [o jabuti] ... (turno 38); “Aí ele faz” (turno 41); Caga / (turno 43); que faz gogô (turno 44); e “ele faz gogô” (turno 45). Enquanto Imc esclarece para CF o que se está tentando fazer trava-se uma conversa paralela entre RG e SL (nos turnos 48, 49 e 51); portanto, RG reconheceu o intuito discursivo de SL no turno 48 (quando fala em baixa intensidade e rindo), porém explicita seu entendimento apenas no turno 57 quando

fala juntamente com Imc, ao perceber que ela daria outra explicação da dada por SL e entendida por ele (RG).

À época deste dado-achado a expressão verbal de SL era ainda muito entrecortada, porém, conforme analisado anteriormente, tem-se SL privilegiando os aspectos fônicos da língua - de jabuti para jabuticaba. Nesta definição de palavra SL, sem deixar de reconhecer as sugestões de Imc e RG, encaminha-se para uma explicação assentada na estrutura verbal, ele, na linha dos poetas, dos lingüistas, dos falantes – explica o significado de jabuticaba pela derivação de palavras. Ou, melhor dizendo:

[...] uma semelhança parcial entre dois significados pode ser emprestada por uma semelhança parcial entre os significantes, [...], ou ainda, por uma identidade total entre os significantes, como no caso dos tropos lexicais *Astro (star)* significa ou um corpo celeste ou uma pessoa – ambos dotados de um brilho soberano. A hierarquia instituída entre dois sentidos – um primário, central, próprio, independente do contexto; e o outro secundário, marginal, figurado, emprestado, ligado ao contexto – constitui um traço característico deste gênero de pares assimétricos. A metáfora (ou a metonímia) é a vinculação de um significante a um significado secundário, associado por semelhança (ou por contigüidade) com o significado primário. (JAKOBSON, 1965/1969 – 1999, pp.112-113).

Convém encerrar este capítulo ressaltando que na explicação jakobsoniana a definição de palavras e a elaboração de frases equacionais ( $a = a$ ) são quase que impossíveis nos distúrbios de similaridade, visto que a presença de um signo impede o uso de outro (princípio da redundância). Assim, quando um signo estiver presente (uma palavra, um grupo de palavras ou então um objeto) se tornará redundante e, conseqüentemente, supérfluo (o que explica a dificuldade de alguns sujeitos afásicos lidarem com equivalentes lingüísticos).

Pois bem, as dificuldades de SL em operar com o eixo metafórico existem; mas, também nele se encontra a sua maior habilidade. SL se serve, sobretudo, de seu interlocutor para operar metaforicamente; faz isso de maneira excepcional: SL explora com maestria o eixo da contigüidade para fazer o interlocutor operar no eixo que ele tem maior dificuldade (o interlocutor seleciona para SL o que ele não consegue expressar verbalmente). E, assim, no uso produtivo da linguagem, nas diferentes situações discursivas, SL tem a possibilidade de transitar entre os pólos da linguagem.

Pode-se afirmar que é na convivência, no diálogo travado entre sujeitos reais, que se realiza o trabalho linguístico-cognitivo/psíquico e que ocorrem os *processos alternativos/criativos de significação*. Portanto, conforme tem afirmado a ND: é uma concepção abrangente de linguagem que possibilita entender o sujeito afásico como sujeito da linguagem que lida com as dificuldades de produção e interpretação verbal por meio dos *processos alternativos de significação*. Nas palavras de Coudry (2007, p. 09):

[...]. Um sujeito é afásico quando lhe faltam recursos de produção e interpretação para exercer a linguagem, sem, no entanto, lhe faltar a função cognitiva/psíquica de poder traduzir, por meio de *processos alternativos de significação*, o que quer dizer. Faz isso por meio de palavras que não são ditas e palavras que involuntariamente se apresentam, entremeadas pela presença do corpo, de gestos, percepções, objetos, ações, condição que caracteriza a linguagem em estados de afasia.

## Capítulo 5

### **DA INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA COM SUJEITOS AFÁSICOS ORIENTADA PELA ND**

Neste capítulo, teço algumas considerações de como esta pesquisa pode contribuir para o entendimento e o desenvolvimento de uma atuação fonoaudiológica junto a sujeitos afásicos (obviamente que tal concepção e prática se estendem para quaisquer outros sujeitos que busquem pelo acompanhamento fonoaudiológico). Pretendo, assim, aproximar a reflexão teórica aqui produzida com a prática cotidiana da atenção terapêutica em Fonoaudiologia, cujo objetivo é indiscutivelmente o favorecimento da qualidade de vida/saúde das pessoas que por ela procuram.

Isso não quer dizer que pretendo elaborar um conjunto de atividades, normas e/ou mesmo diretrizes (bem ao gosto da tendência prescritiva da área da saúde) para a atuação fonoaudiológica, mas apenas destacar como pode ser uma atuação clínica que privilegia o uso produtivo da linguagem mesmo quando ela se apresenta abalada (modificada) por uma lesão ou disfunção cerebral.

Considero importante ressaltar minha compreensão de que as sessões fonoaudiológicas são sempre *encontros* de sujeitos – do terapeuta com os sujeitos que necessitam de seu trabalho. Portanto, a despeito de um cérebro lesionado, das instabilidades e dos fragmentos de linguagem, o sujeito continua existindo e, não somente existe como apresenta potencialidades a serem exploradas no processo terapêutico e, também, nas diversas situações cotidianas das quais

participa (na convivência familiar, nos processos terapêuticos de áreas afins ou em outros grupos sociais).

Nesse sentido é que vale o empenho do fonoaudiólogo em esclarecer para o sujeito afásico e seus familiares, como também para os outros profissionais que o acompanham em seu processo de recuperação, a noção de que a linguagem é atividade constitutiva do sistema lingüístico (língua[gem]) e dos outros processos cognitivos/psíquicos e, por isso mesmo exercitada essencialmente nas interações sociais.

Do meu ponto de vista, reconhecer a linguagem verbal como atividade/trabalho que participa da regulação de todas as atividades cognitivas/psíquicas e sociais, e conseguir explicitar tal condição para as pessoas envolvidas no processo terapêutico (o sujeito e os outros com quem convive) favorece imensamente o curso da recuperação do sujeito afásico. Em outras palavras, se houver compreensão de que a linguagem tem potencial criativo e que este potencial além de se refletir nela também se reflete nas outras formas da ação do sujeito afásico, a interação dele com ele mesmo e com os outros sujeitos com quem convive será favorecida e, assim, as possibilidades de recuperação ampliadas.

Quando se reconhece o sujeito afásico como ativo e que pode operar *com e sobre* a linguagem verbal e/ou não verbal, as imprecisões dos recursos expressivos ou de interpretação que dificultam sua relação com o outro, tendem a ser minimizadas. Exemplo disso é o que ocorre com o sujeito SL e seus interlocutores no Grupo II do CCA. No início de sua participação no CCA, a fala de SL era muito disfluente e os seus *processos alternativos/criativos de significação* ainda pouco interpretados (produzidos em solilóquio - ocultos demais) e, por isso, nem sempre eram reconhecidos imediatamente por seus interlocutores. Com o passar do tempo - à medida da convivência/da partilha de conhecimentos - esse

fato se modifica (cf., por exemplo, os dados 07 e 12 comparados ao dado 05 – sendo que nos dois primeiros as dificuldades de produção verbal eram maiores e a negociação de sentidos mais [in]tensa, enquanto que no último, sua produção verbal é fluente e a interpretação de sua fala imediata).

A propósito, a partilha de conhecimentos é fundamentalmente importante para o desenvolvimento do processo terapêutico de um sujeito com dificuldades lingüístico/cognitivas/psíquicas; conhecimento partilhado equivale ao favorecimento das condições de o sujeito produzir e interpretar sentidos. Assim sendo, por mais adversa que sejam as condições lingüístico-cognitivas/psíquicas de um sujeito afásico, é com ele que o fonoaudiólogo se relaciona e, é nesse relacionamento (entrelaçamento de ações e de dizeres – mais ou menos fluentes) que se pode compreender como o sujeito que busca pela Fonoaudiologia se constitui sujeito da linguagem e como ele se mantém na interação social: é na interação de um “eu” com um “tu” que nos organizamos e que nos mantemos como seres que significam (BENVENISTE, 1966/1988).

Pelas considerações acima é que, do meu ponto de vista, pode-se dispensar, na avaliação e no acompanhamento fonoaudiológico, os protocolos (baterias de testes de linguagem) e as listas de tarefas gramaticais (conforme tem demonstrado Coudry, desde meados da década de 80), o que não significa que o profissional não deva ter o cuidado de sistematizar os dados de linguagem produzidos no encontro com os sujeitos acompanhados.

Note-se que a práxis fonoaudiológica firmada nos pressupostos da ND tem a *interlocução* como condição indispensável para sua ocorrência. A sessão fonoaudiológica que privilegia a interlocução – espaço onde se exercem os papéis discursivos imbricados no jogo da linguagem (nos termos de GERALDI [1991], *espaço de produção de linguagem e de constituição de sujeitos*) – pode apreender os *processos alternativos/criativos de significação* produzidos por sujeitos afásicos

para lidarem com as dificuldades colocadas pela lesão cerebral (FLOSI e FEDOSSE, no prelo). No contexto clínico-terapêutico, os *processos alternativos de significação* podem ser explicitados para os sujeitos afásicos e assim discutidos com eles, fato que favorece a ampliação de suas condições de expressão e interpretação de sentidos.

Convém ressaltar que atribuir à interlocução valor terapêutico de modo algum implica reduzi-la a uma técnica, mas valorizar o diálogo terapeuta/sujeito acompanhado e terapeuta/seus familiares *etc*, como lugar de ocorrência e também de análise dos fatos (e do uso) da linguagem (verbal e não-verbal). A propósito, a pesquisa de Masini (2004) – *O Diálogo e seus sentidos na clínica fonoaudiológica* – revela que apesar de o diálogo sempre ser referido na Fonoaudiologia, quer como objetivo final, quer como parte de seus métodos (ora como estratégia, ora como condição essencial para a constituição do sujeito), ele é pouco estudado por fonoaudiólogos.

Segundo Masini (2004), em ordem decrescente de incidência, o diálogo é entendido como: 1) meio propiciador da cura do sintoma manifesto na linguagem; 2) confronto entre funcionamentos lingüísticos; 3) cruzamento de vozes e 4) observação do estado cognitivo dos sujeitos acompanhados. A autora afirma que ao aprofundar a análise dos textos (das pesquisas/publicações e dos discursos de fonoaudiólogos) pôde constatar o quanto é importante o diálogo na clínica fonoaudiológica: faz diferença quando o terapeuta retoma os enunciados do sujeito com o objetivo de respondê-los (pela argumentação, dúvida, complementação ou concordância), visto que o sujeito reconhece no enunciado alheio suas próprias palavras acolhidas de uma forma ou de outra, e isso o faz se sentir *pleno de palavras interiores*, fato que, conclui a autora: é uma condição fundamental para a ressignificação da linguagem na vida do sujeito acompanhado.

Pode-se aproximar a conclusão de Masini a esta pesquisa: sujeitos em interlocução se constituem mutuamente, de modo que o terapeuta (interlocutor privilegiado [porque estuda linguagem] e reconhecido como tal pelo sujeito que o procura) pode retomar, estranhar, duvidar, argumentar, completar, antecipar, concordar e até discordar da fala do sujeito acompanhado. Assim sendo, conforme afirma Masini (2004), o sujeito se sente *pleno de palavras interiores* e, se as palavras não saem do modo oficial/convencional, elas podem sair como *processos alternativos/criativos de significação*.

A sessão fonoaudiológica pode ser, portanto, lugar do exercício vivo da linguagem (COUDRY, 1996b; 2002) e para tanto pode recorrer a diferentes expedientes lingüísticos: entrevistas, apresentação de fotografias, anotações em agenda, leituras e comentários de notícias do cotidiano pessoal e de reportagens de jornal, de revista, de rádio ou de televisão, leitura e escrita de fábulas, de poesias, contagem e recontagem de piadas; entre outros (COUDRY, 1986/1988). Podem-se desenvolver oficinas de pintura, de mosaico, de fotografia, de música *etc*, pode-se programar passeios, visitas a museus, ou seja, a sessão fonoaudiológica pode, pois, ser caracterizada como espaço de convivência (tal como o CCA), como lugar de trabalho lingüístico-psíquico-social.

Certamente que a escolha e o planejamento das diferentes atividades é conjunta e, sobretudo, respeitando o interesse do sujeito acompanhado. A propósito, os interesses do sujeito podem ser levantados ao longo do processo terapêutico, no entanto, a *entrevista inicial* (da qual participam o sujeito e também o seu acompanhante, se assim convir), configura-se como um momento especial do processo, visto que nela se inicia a partilha de conhecimentos, por onde se pede passagem para se entrar um (o terapeuta) na vida do(s) outro(s) – do sujeito e seus familiares/acompanhantes. Nesse sentido, conhecer a história do sujeito, suas condições gerais de vida e saúde, suas crenças, bem como as causas e circunstâncias do episódio lesional que o acomete são fundamentais (FLOSI e



FEDOSSE, no prelo).

Convém ressaltar que em uma entrevista desenvolvida sob a perspectiva da ND o sujeito é protagonista na interlocução; o papel do acompanhante é mesmo o de acompanhar o sujeito, o que não significa que ele não possa participar da interlocução, mas de modo que não ocupe o lugar do sujeito avaliado. Na necessidade de o acompanhante falar ou na situação dele já ter falado, antes mesmo que o sujeito tenha tentado, o terapeuta deve ser habilidoso e ter o cuidado de, em qualquer uma dessas condições, buscar o consentimento do sujeito.

Pode-se dizer que procedimento de entrevistar já é terapêutico, à medida que (re)põe os papéis discursivos e se (re)começa a mostrar para os sujeitos que apesar das dificuldades de expressão e interpretação verbal e não-verbal existem sim as possibilidades, ou seja, no ato da entrevista já é possível revelar para o sujeito afásico o duplo fenômeno – deficiência e compensação – já referido por Jackson (1879/1915 *apud* JAKOBSON, 1956/1969 - 1999) quando fala das afasias.

A identificação - marco inicial de uma entrevista – oferece dados importantes das condições lingüístico-cognitivas/psíquicas do sujeito; por meio dela é possível reconhecer se ele consegue expressar seu nome, idade, data de nascimento, naturalidade, endereço da residência, estado civil, constituição familiar (nome, grau de parentesco), escolaridade, profissão. Além de tais dados convém conhecer a rotina atual do sujeito: com quem ele convive diariamente, quais medicamentos são usados, quais os profissionais - terapeutas/médicos e respectivas especialidades – que o acompanham, quais exames laboratoriais, radiológicos, de neuroimagem já realizados, entre outros.

Na entrevista convém conhecer a queixa e a reação do sujeito e dos

familiares frente a ela, assim como a etiologia, as circunstâncias e a data do surgimento do problema. Certamente que falar sobre as dificuldades não é tarefa fácil para o sujeito que as tem, por isso, já na entrevista (lembre-se que ela é processo de interlocução), o fonoaudiólogo pode sim auxiliar o sujeito em sua produção verbal. O fonoaudiólogo pode tentar favorecer a expressão do sujeito por meio de *prompting* - verbal ou gestual - bem como pode incentivá-lo a utilizar vários outros recursos para produzir sentido, por exemplo, objetos presentes, gestos, desenhos e/ou escrita.

Note-se que o levantamento de dados do funcionamento da linguagem e dos demais processos cognitivos/psíquicos (atenção/concentração, percepção - coordenadas espaciais e proprioceptivas localização e movimentação do corpo no espaço, praxia/gestualidade, memória e atividades de cálculo/raciocínio lógico-matemático) do sujeito já se inicia na entrevista, porém, conforme dito anteriormente, é ao longo do processo terapêutico – nos encontros sucessivos do fonoaudiólogo com o sujeito – que se firma o exercício vivo da linguagem e, assim, seu processo de (re)construção.

Convém, mais uma vez, considerar que essa forma de conceber o atendimento fonoaudiológico exige do profissional o reconhecimento de que a lingua(gem) é atividade *quasi estruturante*/indeterminada (no sentido de FRANCHI, 1976;1 977), virtual (no sentido de MAINGUENEAU, 1979/1993), uma sistematização aberta (no sentido de GERALDI, 1991) que se concretiza (na forma de enunciações) perante sujeitos concretos que trazem (em suas mentes) um território social (BAKHTIN, 1929-1930 - 1997); seus discursos são heterogeneos (AUTHIER-RÉVUZ,1990) e por isso, os sujeitos não são unívocos (no sentido de POSSENTI e COUDRY, 1983; COUDRY, 1986/1988). Se assim considerar, o fonoaudiólogo consegue desenvolver uma terapia viva – em que pese a *dimensão interativa* da linguagem (VIGOTSKI, BENVENISTE, BAKHTIN, FRANCHI,

JAKOBSON,): sujeitos concretos, usando linguagem (verbal e não-verbal) se constituindo e constituindo-a e, assim, se dando os *nós*.

[...]. Com efeito, a linguagem, sendo um fenômeno que nos envolve como seres vivos e, portanto, um fenômeno biológico que se origina na nossa história evolutiva, consiste num operar recorrente, em coordenações de coordenações consensuais de conduta. Disto resulta que as palavras são nós nas redes de coordenações de ações, e não representantes abstratos de uma realidade independente dos nossos afazeres. É por isto que as palavras não são inócuas, e que não é indiferente usarmos uma ou outra numa determinada situação. As palavras que usamos não somente revelam o nosso pensar, como também projetam o curso do nosso fazer. Ocorre, entretanto, que o domínio em que se realizam as ações que as palavras coordenam não é sempre claro num discurso, e é preciso esperar o devir do viver para sabê-lo. Entretanto, não é este o último ponto que pretendo ressaltar, mas o fato de que o conteúdo do conversar numa comunidade não é inócuo para esta comunidade, porque arrasta consigo seu afazeres. (MATURANA, 1991, p. 90; grifos meus).

A significação se dá *no* e *pelo* entrelaçamento das expressões verbais e não verbais; ela não é determinada de antemão, é (re)construída e partilhada pelos falantes e, por isso, o trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico dos envolvidos é constante. Se assim é no cotidiano das relações sociais, pode-se tentar tal exercício nos processos avaliativos e terapêuticos em Fonoaudiologia e, dessa forma, diferentemente da perspectiva tradicional, as sessões de avaliação e de terapia fonoaudiológica podem se constituir como lugar de interação social que possibilite a contínua construção das atividades verbais e não-verbais de sujeitos afásicos. Mas, conforme esclarece Maturana (1991) não é o encontro que define o que ocorre, mas a emoção que o constitui como um ato. Portanto,

[...] as conversações, como um entrelaçamento do emocionar e do linguajar em que vivemos, constituem e configuram o mundo em que vivemos como um mundo de ações possíveis na concretude de nossa

transformação corporal ao viver nelas. Os seres humanos somos o que conversamos, e é assim que a cultura e a história se encarnam em nosso presente. (MATURANA, 1991, p. 91).

É também assim que se pode pensar o fazer fonoaudiológico. E, sem muito mais a dizer, encerro este capítulo, defendendo que as *palavras* e os demais *processos alternativos/criativos de significação* são “[...] nós nas redes de coordenação de ações e não representantes abstratos de uma realidade independente de nossos afazeres”. (MATURANA, 1991, p. 90).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste estudo (re)conhecer como a Lingüística, a Neurologia/Neurociência, a Neurolingüística e a Fonoaudiologia têm tratado a linguagem e suas alterações decorrentes de lesões cerebrais (particularmente as afasias) para, assim, realizar o estudo das condições lingüístico-cognitivas/psíquicas do poeta SL, afásico aos 56 anos de idade. Por fim, ressaltaram-se fundamentos importantes para o desenvolvimento de uma atenção fonoaudiológica que melhor responda às necessidades lingüístico-cognitivas/psíquicas de sujeitos afásicos.

Substanciada na perspectiva da ND, esta tese se ocupou em refinar o conceito de *processos alternativos/criativos de significação* e conclui que tal noção é exclusiva da perspectiva da ND; possibilitada pela adoção de uma concepção abrangente e indeterminada de linguagem associada a uma, também abrangente, concepção de funcionamento neuropsicológico. Portanto, não é qualquer concepção de linguagem e de estrutura/funcionamento dos processos neuropsicológicos que possibilitam as interpretações aqui realizadas.

É o reconhecimento de que a linguagem é um sistema hierarquicamente organizado, público e criativo, por isso, disponível para atender às necessidades e às intenções da interação social (das diferentes situações de comunicação) e *em condição de se renovar ultrapassando as convenções e as heranças* (FRANCHI, 1976; 1977), que nos possibilita defender que sujeitos afásicos (na interação e no uso social da linguagem) encontram possibilidades de recuperar, em certa medida, os objetos lingüísticos abalados pela afasia. Essa concepção de linguagem é compatível com a concepção histórico-cultural do desenvolvimento

humano (VIGOTSKI, 1929/1984 e 1934/1988) e com a concepção de que a organização e o funcionamento cerebral se dão por meio de sistemas funcionais complexos (LURIA, 1981, 1987 e 1991; FREUD 1891/1973 e 1895/1999).

Procurou-se, pois, esclarecer que a ND difere de outras perspectivas teórico-metodológicas dedicadas ao estudo e à prática terapêutica junto a sujeitos afásicos, à medida que destaca a possibilidade de tais sujeitos (assim como sujeitos não afásicos) realizarem *trabalho lingüístico-cognitivo/psíquico*. Em outras palavras - nesta perspectiva reconhece-se a possibilidade de sujeitos afásicos realizarem *processos alternativos/criativos de significação*. A ND assume que as operações *de, com e sobre* a linguagem são dadas pela condição especial de reflexividade da linguagem, por sua vez, garantida na interação social. Assim sendo, procurou-se afirmar que as ocorrências verbais e não-verbais possíveis no contexto das afasias são orientadas pela força criadora da linguagem que, ao mesmo tempo, que se auto-regula, regula os demais processos cognitivo/psíquicos. Nos termos de Franchi (1976; pp. 46-47):

[...] antes de ser mensagem, a linguagem é construção de pensamento, antes de ser veículo de sentimentos, idéias, emoções, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos nossas experiências.

É por considerar a linguagem como uma *sistematização aberta* (GERALDI; 1991) - um sistema com imenso potencial de arranjos de elementos lingüísticos e não-lingüísticos - que é possível, pois, atribuir valor positivo aos *processos alternativos/criativos de significação*.

Conforme a análise dos dados lingüístico-cognitivos/psíquicos de SL, pode-se afirmar que *os processos alternativos/criativos de significação* apesar de serem possibilitados pela própria organização/estruturação da linguagem, nem sempre são imediatamente conferidos pelos interlocutores. Podem ser caracterizados

como modos singulares (cada enunciação é um acontecimento discursivo único) pelos quais os sujeitos afásicos lidam com as dificuldades lingüísticas impostas pela lesão cerebral; configuram-se como operações significativas, às vezes, expressas por meio de formas oficiais/convencionais (linguagem verbal), outras vezes, são as formas não oficiais/não convencionais (por exemplo, a linguagem não verbal) que se apresentam como a principal forma de significar.

A interpretação acima é possibilitada pela concepção *jakobsoniana* de que o significado de um signo lingüístico não é mais que sua *tradução* por um outro que lhe pode substituir (seja o substituto um signo lingüístico ou um signo de outro sistema semiótico).

No sentido acima, quando um sujeito afásico encontra dificuldades para operar simultaneamente com os processos de seleção e de combinação de elementos lingüísticos (da escolha/combinação dos traços distintivos à escolha/combinação de palavras), ele lança mão de um ou de outro processo para produzir sentidos. Na impossibilidade de os arranjos lingüísticos ocorrerem por meio dos processos simultâneos de seleção e de combinação de elementos lingüísticos, o sujeito afásico tende a trabalhar preferencialmente no eixo paradigmático ou no sintagmático, produzindo assim as chamadas parafasias, neologismos, perseverações *etc*, interpretadas positivamente, neste estudo, como *processos alternativos/criativos* de significação.

Os dados lingüístico-cognitivos/psíquicos de SL demonstram sua tendência em operar com maior desenvoltura no eixo sintagmático, o que não significa que ele não opere, também, no paradigmático. Tal tendência se expressa, especialmente, quando as parafasias fonêmicas o impedem de prosseguir em seu intuito discursivo; ou seja, SL se apóia no eixo sintagmático para resolver as dificuldades/falhas de seleção dos traços distintivos que comporiam os fonemas, as sílabas e as palavras por ele pretendidas. Frente a tais

dificuldades SL recorre a pausas e prolongamentos (processos prosódicos possíveis na língua – por isso alternativos/criativos) e quando estes se mostram insuficientes para prosseguir sua fala, SL recorre a produções metonímicas e, assim, recupera a fluência verbal.

No entanto, há dados que revelam SL operando no eixo paradigmático. Muitas vezes, na falta ou na dificuldade de articular palavras, SL usa gestos, apontamentos, desenhos, a expressão escrita das palavras e, não raramente, o seu interlocutor é usado para fazer por ele a escolha que não pôde expressar. Portanto, este estudo revela SL fazendo traduções intersemióticas (uso de signos não-verbais no lugar da fala) ou traduções intralinguais (uso da escrita no lugar da fala; lembro aqui que SL, geralmente, usava as sílabas iniciais das palavras pretendidas, deixando para seu interlocutor o trabalho de concluí-las). Porém, além de recorrer à escrita, SL faz outras traduções intralinguais, apesar de nem sempre alcançar o seu intuito discursivo (refiro-me aqui especialmente aos Dados 6 e 7). Outras vezes, SL, sem dizer, mas com maestria, faz com que seu interlocutor revele para os outros suas escolhas (refiro-me, especialmente, ao Dado 5)

Convém destacar que, do meu ponto de vista, tais operações revelam a singularidade com que o poeta SL trabalha *com* e *sobre* a linguagem, ou seja, como ele se constitui sujeito da linguagem (extremamente *ligado* ao aspecto fônico da linguagem). A propósito, Jakobson (1965 – 1969/1999), explica que na linguagem poética existem dois fatores que atuam no agenciamento fônico: a escolha e a constelação dos fonemas e de seus constituintes (traços distintivos). Jakobson também afirma que tais fatores também ocorrem na linguagem ordinária (mesmo que de modo mais implícito).

SL, porque poeta, salienta tais fatores no cotidiano de sua recuperação e, assim, procura vencer as dificuldades verbais, mostrando-se em condições de



operar nos dois pólos da linguagem. Conforme dito amiúde, SL (frente às dificuldades de linguagem) opera preferencialmente no pólo metonímico (seus *processos alternativos/criativos de significação* são geralmente produzidos por combinação e contextura), no entanto, ele consegue driblar essa tendência quando (i) usa as pausas, (ii) a silabação, (iii) os prolongamentos, (iv) quando toma um dos sentidos de uma palavra para expressar o outro (por exemplo, no Dado 7), (v) quando aglutina palavras (Dado 11) *etc.* Em todos esses casos, a função poética rege seus processos alternativos/criativos de significação.

Pelos dados analisados neste estudo, pode-se dizer que às dificuldades metalingüísticas (características marcantes das afasias) podem ser trabalhadas por meio de outros usos e funções da linguagem. Sendo assim, os processos terapêuticos configuram-se como espaços para incentivar os sujeitos afásicos a lidarem com suas dificuldades lingüísticas.

Os processos terapêuticos podem buscar a regularidade do que ocorre fora das afasias, a saber: (i) uma palavra pode ser *convertida* em uma outra designação mais explícita, sempre que se quiser obter maior clareza dela; (ii) os signos verbais (símbolos) guardam relação com outros tipos de signos (ícones e índices) e (iii) na impossibilidade da tradução podem-se fazer transposições criativas (intra e interlinguais, bem com intersemióticas). Assim, no contexto terapêutico, a tendência de a linguagem funcionar mais em um pólo que em outro (funcionamento unipolar da linguagem) pode ser mexida e, gradativamente, superada. É no jogo da linguagem verbal e não-verbal (na atividade de significação) que o sentido pode ser alcançado, favorecendo-se as traduções/transposições criativas, próprias da linguagem não patológica e também da linguagem nas afasias.

Esta tese procurou destacar que, apesar da lesão cerebral e da instabilidade dos recursos lingüísticos (características comuns das afasias),

sempre há potencialidades (da linguagem e do sujeito) a serem exploradas nas situações cotidianas (convivência familiar, por exemplo) e, mais que isso, tais potencialidades devem ser incentivadas nos processos clínico-terapêuticos; devem ser tomadas como objetivos do processo fonoaudiológico e devidamente esclarecidas, pelo fonoaudiólogo, para o sujeito, seus familiares e profissionais que o atende.

Pelos motivos acima, é que se ressalta a importância de os profissionais envolvidos com os processos de avaliação e terapia de sujeitos afásicos (e também de outros sujeitos lesionados cerebrais [ou não] que apresentam alterações de linguagem) reconhecerem a dimensão criativa e constitutiva da linguagem verbal e não-verbal. Em outras palavras: é fundamental que os chamados profissionais da reabilitação reconheçam que a linguagem verbal é uma atividade que se constitui na interação social, que ela participa da regulação de todas as atividades cognitivas e, mais ainda, que quando há dificuldades de expressão e de interpretação verbal, vários elementos entram em jogo para produzir sentido, porém sempre orientados pelos princípios da linguagem verbal.

Enfim, afirmo, mais uma vez, que os sujeitos afásicos podem se manter mais (ou menos) sujeitos da linguagem a depender de como os profissionais que se ocupam da atenção desses sujeitos concebem a linguagem e os demais processos cognitivos/psíquicos. E, recorro, novamente, às palavras de SL para bem expressar a condição de subjetividade *da* e *na* linguagem. O poema que se segue mostra o modo pelo qual SL, mesmo vivenciando as instabilidades da linguagem e os seus usos duvidosos, reconhecia-se sujeito, possivelmente, como muitos outros afásicos se reconhecem, mas não podem dizer:

“Amigos:

O Poeta aposentado ????

E as rimas ????

As rosas ???

As musas reais ???

As musas virtuais ???

A sala dos poetas ???

Enfim !!!

O Poeta afásico.

E FIM !!!!

(D’EuAVC, sem data)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M; FIAD, R S; MAYRINK-SABINSON, M. L T. (org) **Cenas de aquisição da escrita – O sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas: Mercado de Letras, 1997. 204 p.

ABAURRE, M. B. M. e COUDRY, M. I. H Em torno de sujeitos e de olhares (no prelo).

ALBANO, E. C. **Da fala à linguagem tocando de ouvido**, São Paulo: Martins Fontes; 1990. 124 p.

ANDRADE, M. L. F. Linguagem e atenção: um estudo com sujeitos cérebro-lesados; Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP, 2007.

ANTUNES, J. L. Carta a um amigo novo. *In* Pires, J. C. - **De profundis, Valsa Lenta**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 05-20 1998.

AUTHIER-RÉVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 19, p. 25-42, 1990.

BALIEIRO JR, A.P. O sujeito que se estranha: manifestação de subjetividade na afasia, Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 2001.

BAKHTIN, M. M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia a Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.196 p.

BAKHTIN, M Os gêneros do discurso. *In* **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, pp. 277-289, 2000.

\_\_\_\_\_.O problema do autor. *In* **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992/2003, pp. 201-220, 2000.

BARBIZET, J. & DUIZABO, P. **Manual de Neuropsicologia**, Porto Alegre: Artes Médicas, São Paulo: Masson, 1985. 168 p.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 2ª ed, Campinas: Pontes, 1988. 387 p.

\_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral II**; Campinas: Pontes, 1989. 294p.

BLIKSTEIN, I. Prefácio. *In* JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 22ª edição, pp. 07-13, 1999.

BORDIN, S. M. S. Fale com ele: um estudo neurolinguístico do autismo; Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 2006.

CAMBIER, J., MASSON, M. e DEHEN, H. Funções superiores. *In* **Manual de Neurologia**, 2ª ed., São Paulo: Masson, pp 121-155, 1988.

CAMPETELA, C. O Banco de Dados em Neurolinguística na relação dado/teoria. *In*: **Estudos Lingüísticos XXXI**. São Paulo: USP (cd-rom), 2002.

CARVALHO, L. *Zur Auffassung der Aphasien*: a vigência de Freud para o estudo das afasias, Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 2001.

CHUN R.Y. S., FEDOSSE, E. e COUDRY, M.I.H. Comunicação suplementar e/ou alternativa: avaliação e acompanhamento fonoaudiológico de sujeitos não falantes [http://www.fcm.unicamp.br/diretrizes/site\\_diretrizes\\_normas\\_condutas\\_fcm/comun\\_suplem\\_alter/comun\\_suplem\\_alter\\_pag1.html](http://www.fcm.unicamp.br/diretrizes/site_diretrizes_normas_condutas_fcm/comun_suplem_alter/comun_suplem_alter_pag1.html), 2007.

COUDRY, M. I. H. e POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 5, p. 99-109, 1983.

COUDRY, M. I. H. e SCARPA, E. M. De como a avaliação de linguagem contribui para inaugurar ou sistematizar o déficit. *In* **Cadernos Distúrbios da Comunicação**, nº 2, pp. 117-136, 1985.

COUDRY, M. I. H. **Diário de narciso - Discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205p.

COUDRY, M. I. H. e MORATO, E. M. A ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre objetos lingüísticos. *In* **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 15, pp. 117-135, jul./dez, 1988.

COUDRY, M. I. H. e MORATO, E. Aspectos Discursivos da Afasia. *In* **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas: n 19, pp 127-145, jul./dez, 1990.

COUDRY, M. I. H. Fontes de postulados discursivos no estudo da afasia. *In* **Cadernos de estudos lingüísticos**, Campinas, nº 22, p. 167-171, 1992.

\_\_\_\_\_. Alterações neurolingüísticas e processos de significação: estudos de caso. *In* **Estudos lingüísticos**, Jaú, n. 22, p. 91-95, 1993.

COUDRY, M. I. H. Caminhos para o estudo discursivo da afasia. Palestra proferida na PUCSP – DERDIC, 1995.

\_\_\_\_\_. O que é dado em Neurolinguística? *In* CASTRO, M. F. P. (org.) **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp. pp. 179-194, 1996a.

\_\_\_\_\_. Questões enunciativas no contexto patológico *In* **Estudos Lingüísticos**, Taubaté: vol s/n, pp 322-328, 1996b.

\_\_\_\_\_. Língua, discurso e a lógica da linguagem patológica. *In* **Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências**, Marília: vol. 6, n. 2, pp. 131-148, 1997.

\_\_\_\_\_. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolingüística. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas: n. 42, pp. 99-129, 2002.

\_\_\_\_\_. Relatório do Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados. CNPq n. 521773/95-4, 2003.

\_\_\_\_\_. Processos de significação no estudo das afasias. *In* **Anais de resumos e trabalhos completos II Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa ISAAC BRASIL** (Cd), 2007.

DE LEMOS, C.T.G. Sobre a aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original *In* **Boletim da ABRALIN**, vol 3: 97-126, Recife, 1982.

DE LEMOS , C. T. G. Teorias da diferença e teorias do déficit: reflexões sobre programas de intervenção na pré-escola e alfabetização *In* **Anais do Seminário Multidisciplinar de Alfabetização**, pp. 133-145, Brasília, INEP, 1984

\_\_\_\_\_. Interacionismo e aquisição de linguagem. **Revista DELTA** *In* vol.2, nº 2: 231-248. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 1986.

\_\_\_\_\_. *Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio*. **Substratum**, nº1: 1121-135. Barcelona, 1992.

DIAS, C. Estudo de caso: idéias importantes e referências  
[www.geocities.com/claudiaad/case\\_study.pdf](http://www.geocities.com/claudiaad/case_study.pdf). Acesso em 19 jan. 2008.

DRONKERS, N. F, PINKER S. e DAMÁSIO, A. A Linguagem e as Afasias. *In* KANDEL, E. R., SCHWARTZ, J. H.e JESSEL, T. M - **Princípios da Neurociência**, Barueri: Editora Manole, 4ª ed, pp. 1169-1187, 2004.

FEDOSSE, E. Da relação linguagem e praxia: estudo neurolingüístico de um caso de afasia. Dissertação de mestrado: IEL/UNICAMP, 2000.

FEDOSSE, E., SANTANA A P. Gesto e fala: continuidade ou ruptura? *In* **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 13(2):243-255, jun., 2002.

FEDOSSE, E. Acompanhamento fonoaudiológico de um sujeito afásico não-fluente: foco na continuidade sensório-motora (no prelo).

FLOSI, L. C. L. A relação dinâmica da linguagem oral com a escrita e gestos na afasia. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 2003.

FLOSI, L. e FEDOSSE, E. Interfaces da Neurolingüística Discursiva com a Fonoaudiologia (no prelo).

FONSECA, S. C. Afasia: a fala em sofrimento. Dissertação de Mestrado, LAEL/PUCSP, 1995.

FONSECA, S. C. O afásico na clínica fonoaudiológica. Tese de Doutorado, LAEL/PUCSP, 2002.

FONSECA, S. C., VIEIRA, C. H. Afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas. *In* **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 16(1): 101-106, abril, 2004.

FOUCAULT, M. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1968. 99 p.

FRANCHI, C. Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem. Tese de Doutorado, IFCH/UNICAMP, 1976.

\_\_\_\_\_. Linguagem - Atividade Constitutiva. *In* **ALMANAQUE**, São Paulo: Brasiliense, n. 5: pp. 9-27, 1977.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a hipótese da modularidade da mente. *In* **ABRALIN**, nº 8: 17-35, 1986.

\_\_\_\_\_. Criatividade e gramática. *In* Sírio Possenti (org) **Mas o que é mesmo “GRAMÁTICA”?**, São Paulo: Parábola Editorial, pp. 34-101, 2006.

FREIRE, F. M. Agenda mágica: linguagem e memória. Tese Doutorado IEL/UNICAMP, 2005.

FREIRE, R. M. e RODRIGUES, A. C. O papel do fonoaudiólogo na terapia da afasia. In **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 6(2): 141-150, jun, 1994.

FREUD, S **La afasia** Tradução de Ramón Alcalde. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1973. 117 p.

\_\_\_\_\_. *Proyecto de psicología. In Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. Vol. 1. pp. 322-487; 1999.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 252 p.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**, São Paulo: Companhia das Letras, 1986a. 256 p.

\_\_\_\_\_. **Mitos emblemas sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986b. 288 p.

GOMES T. de M. Quatro estados de afasia e um sujeito da linguagem: um estudo neurolingüístico, Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 2007.

HOLENSTEIN, E. **Introdução ao pensamento de Roman Jakobson**. Rio de Janeiro: Zahae Editores, 1978. 204 p.

JAKOBSON, R A afasia como problema lingüístico. In: Coelho, M; Lemle, M; Leite, Y. (Orgs.) **Novas Perspectivas Lingüísticas**. Petrópolis: Vozes, pp 43-54, 1970.

JAKOBSON, R; SIMONIN-GRUMBACH, J; BARTHES, R.; KRISTEVA, J.; KURODA, S-Y e LEVI, C. **Língua, Discurso e Sociedade**, São Paulo: Ed. Global, 1983. 249 p.

JAKOBSON, R **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 22ª edição, 1999. 162 p.

JAKUBOVICZ, R. e MEINBERG, R. C. **Introdução à Afasia – Elementos Para o Diagnóstico e Terapia** Rio de Janeiro: Edições Antares/antares Universitária, 1981. 218 p.

LEBRUN, Y **Tratado de afasia - temas de cursos e congressos** (coord). Maria Alice Parente, São Paulo: Panamed editorial, 1983. 124 p.

LIER-DE VITTO, M. F. A. F. Aquisição da linguagem, distúrbios de linguagem e psiquismo: uma discussão de caso. In Lier-DeVitto (org.) **Fonoaudiologia: no sentido da linguagem**. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, pp. 137-144, 1994.



LIER-DE-VITTO, M. F. de A. F. Reformulação ou ressignificação? In **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 33, p. 51-60, 1998.

LURIA, A. R. **Fundamentos de Neuropsicologia** São Paulo: Cultrix, 1981.

\_\_\_\_\_ **Pensamento e linguagem - as últimas conferências de Luria**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 252 p.

MAINGUENEAU, D **Novas Tendências em Análise do Discurso** Campinas: Pontes, 1989. 198 p.

MACEDO, E. C.- O uso de sistemas alternativos e facilitadores de comunicação nas afasias. In **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 9 (2), jun, 1998.

BILTON, T. L.; MAGALHÃES, Luana . Avaliação de linguagem e de deglutição de pacientes hospitalizados após acidente vascular cerebral. In **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 65-81, 2004.

MANSUR, L. L.; RADANOVIC, M. **Neurolingüística: princípios para a prática clínica**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004. 344 p.

MASINI, M. L. H. - O diálogo e seus sentidos na clínica fonoaudiológica; Tese Doutorado, LAEL/PUCSP, 2004.

MÁRMORA, C. H. C. Linguagem, afasia, (a)praxia: uma perspectiva neurolingüística. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 2000.

\_\_\_\_\_ Uma hipótese funcional para a (A)praxia no curso da doença de Alzheimer. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP, 2005.

MARCOLINO, J., CATRINI, M. O jogo entre falar/escrever/ler na clínica de linguagem com afásicos. In **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 18(1): 103-109, abril, 2006.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 98 p.

MENDES, P. E., FELICE, A., ARQUATA, M. M. C., NADOLNY, M., ZANON, N. G., RIVAS, T. V. R. A história de um caso de afasia: uma direção semiótica para o pensar fonoaudiológico. In **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 7(1): 9-43, dez., 1994.

MERHY, E. E. Em Busca da qualidade dos serviços de saúde: os serviços de porta aberta para a saúde e o modelo tecno-assistencial em defesa da vida In: Luiz Carlos de Oliveira Cecílio (org.). **In Inventando a mudança na saúde**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, v. 1, p. 117-160, 1997.

\_\_\_\_\_. Cartografia do trabalho vivo em ato na saúde: a reestruturação produtiva do campo, Tese Livre Docência, Departamento de Saúde coletiva – FCM/UNICAMP, 2000.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 80 p.

MORATO, E. M. Significação e Neurolingüística. In: Damasceno, B P; Coudry, M. I H (Eds.) **Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística** (Série de Neuropsicologia) São Paulo: Tec Art, v. 4, pp. 26-31, 1995.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. São Paulo: Plexus, 1996. 144 p.

\_\_\_\_\_. Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um centro de convivência de afásicos **In Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 10(2):157-168, jun., 1999.

\_\_\_\_\_. Neurolingüística **In**: Mussalim, F.; Bentes, A. C. (orgs.) **Introdução à Lingüística** v. 2. São Paulo: Editora Cortez, pp. 143-170, 2001.

NOVAES-PINTO R. C. A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas. Tese Doutorado IEL, UNICAMP, Campinas, 1999.

Osakabe, H. **Argumentação e Discurso Político**. São Paulo: Kairós Livraria e Editora Ltda; 1979. 200 p.

PARENTE, M. A.M. P. Fatores relevantes na avaliação do afásico **In Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 1(2): 51-61, abr-jun., 1986.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas. Trad. J. de A. Romualdo. **In** GADET, F. & HAK, T. (orgs) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, pp 311-317, 1983.

PONZIO, J, LAFOND, D., DEGIOVANI, R, JOANETTE, Y. TUBERO, A.L. e HORI, C.N. **O Afásico – Convivendo com a lesão cerebral** São Paulo: Santos Livraria Editora/Maltese, 1995. 255 p.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**, São Paulo: Martins Fontes. 1988. 297 p.

\_\_\_\_\_. Gramática e discurso. *In* **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 22, p. 161-166, jan/jun. 1992.

\_\_\_\_\_. Línguas: sistema de sistemas. *In* Damasceno, B. P. & Coudry, M. I. H. (ed). **Temas em neuropsicologia e neurolingüística**. São Paulo: SBNp, v. 4, pp 20-25, 1995.

\_\_\_\_\_. O “eu” no discurso do “outro” ou a subjetividade mostrada. *In* **Alfa**, São Paulo, n. 39, p. 23-44, 1995.

\_\_\_\_\_. O sujeito e a distância de si e do discurso. **Estudos lingüísticos**, São Paulo, v. 28, p. 156-161, 1999.

SACKS, O. Sigmund Freud: A Outra Estrada. *In*: Guttman, G. & Scholz-Strasser, I. - **Freud and the Neurosciences: from brain research to the unconscious**, Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1998. Tradução de Ana Carolina P. Dantas de Mattos e Monah Winograd e revisão de Flávia Sollero disponível em [http://br.geocities.com/materia\\_pensante/oliversacks\\_freud.html](http://br.geocities.com/materia_pensante/oliversacks_freud.html). Acesso em 01 de mar. de 2008.

SAMPAIO, N. F. S. Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) em foco – Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP, 2006.

SANTANA, A. P. Discutindo a classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias a partir de uma perspectiva discursiva *In* **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 12(2): 223-227, jun., 2001.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral** São Paulo: Cultrix, 1991. 280 p.

SCARPA, E. M. Marcado vs não-marcado na aquisição e na afasia *In*. **Estudos Lingüísticos XXXIV**, pp. 839-844, 2005.

SCISCI, L Estudo da atribuição de sentido a processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 2004.

SILVA, M. A.; DEFFANTI, B. L. Banco de Dados em Neurolingüística: transcrição verbal e registro não-verbal. *In* **Estudos Lingüísticos**, v. XXXIII, pp. 507-512, Campinas, 2004.

SPRITZER, S. O estudo clínico dos sintomas neuropsicológicos. *In* **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 2(1/2), pp. 7-29, jan./jun, 1987.

VIEIRA, C. H. Avaliação do afásico. *In* **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 9 (1): 53-62, dez, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**, São Paulo: Martins Fontes, 1984. 192 p.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins, 1988. 194 p.

VIGOTSKI, L. S; LURIA, A R; LEONTIEV, A N. (orgs) **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Editora Ícone, 1988. 228 p.

## **ANEXO I**

### **BIOGRAFIA RESUMIDA de ROMAN OSIPOVIC JAKOBSON**

Roman Osipovic Jakobson nasceu em Moscou, em 1896, e morreu em Cambridge, Massachusetts, em 1982, aos 85 anos. Filho de industrial, Jakobson cresceu em meio à intelectualidade russa anterior à Revolução e, em 1914, ingressa no Departamento de Eslavística da Universidade de Moscou para estudar literatura (as manifestações da escrita, a poesia oral e o folclore), tendo Lingüística como uma das disciplinas básicas.

Participa da fundação do Círculo Lingüístico de Moscou (1915) e do polêmico movimento conhecido como Formalismo Russo (estudo científico da arte literária) e, mesmo tendo se afastado deste movimento em 1920, mantém-se próximo às manifestações artísticas de vanguarda (cubismo e futurismo russo). As preocupações de Jakobson incluem a literatura (inicia suas pesquisas buscando aspecto simbólico dos sons na poesia - nunca aceitou a dicotomia forma x conteúdo), a gramática, a tradução, os distúrbios de fala (as afasias) e aspectos antropológicos da linguagem.

De 1920 até aproximadamente 1940 viveu na Tchecoslováquia, ensinou na Universidade de Praga e na Universidade de Masaryk. Na Universidade de Praga inicia os trabalhos de sistematização dos elementos fônicos da língua por meio de um tratamento científico que considera a ligação recíproca entre o som e o sentido. Juntamente com Trubietzkói realiza pesquisas que marcam o nascimento da Fonologia. Em 1935, publica - Prosa de Pasternok - voltado para uma teoria da metáfora e da metonímia.

Em 1939, fugindo da perseguição nazista aos judeus, refugia-se na Escandinávia e participa do Círculo Lingüístico de Copenhague, onde continua insistindo na necessidade de tratar rigorosamente a substância fônica da língua como objeto privilegiado de estudo na teoria fonológica. Da Noruega foge para a Suécia e, em contato com médicos, Jakobson retoma a análise lingüística da afasia (estudo iniciado na década de 30); publica, em 1941, *Kinderprache, aphasie und Allgemeine Laugesetze*.

Jakobson transfere-se para Nova Iorque e passa a ensinar na Escola Livre de Altos Estudos, fundada por um grupo de cientistas franceses e belgas ali refugiados. De suas aulas, participam figuras de futuro promissor como, por exemplo, o antropólogo Claude Lévi-Strauss e o lingüista brasileiro J. Mattoso Câmara Jr.. Em 1949, transfere-se para Cambridge, Massachusetts, foi professor de Língua e Literatura Eslavas na Universidade de Harvard e também de Lingüística geral. Foi presidente da Sociedade Americana de Lingüistas (1956) e, um ano depois, o primeiro cientista nomeado simultaneamente, junto com sua cátedra em Harvard, Professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde organizou o Centro de Ciências da Comunicação, com um núcleo de pesquisadores atuando nas áreas de Lingüística e Matemática.

Nos anos 50, Jakobson descobre os trabalhos de Charles Sanders Peirce, cujas idéias (sobretudo as que se referem aos elementos icônicos da linguagem) põem definitivamente em xeque a arbitrariedade do signo lingüístico. Sua noção de interpretante firma a semiótica como um processo dinâmico em que a essência do signo é a interpretação, quer dizer, sua tradução em outro signo. Nesse período e com a mentalidade interdisciplinar (de sempre) Jakobson retoma sua antiga paixão - a Fonologia; volta-se para o estudo dos traços distintivos do sistema fônico à luz de seu efeito acústico e, juntamente com Morris Halle, desenvolve uma pesquisa em que os meios acústicos são usados para a análise da percepção e diferenciação das palavras. Após descrever o sistema de

percepção acústica em termos de variantes e invariantes, Jakobson afirma a multifuncionalidade do som da fala na língua.

No período de 1966 a 1969, vincula-se ao Salk Institute for Biological Studies e ao Center for Cognitive Studies at Harvard; inicia uma revisão da doutrina saussuriana, também, orientado pelas descobertas da Teoria da Informação e da Comunicação de C. Shannon (1916-2001) e W. Weaver (1894-1978): redefine a linguagem como meio de comunicação interpessoal e intersubjetiva que opera entre falantes e ouvintes, assegura que seu aprendizado e sua sobrevivência dependem do diálogo. Afirma, pois, que entre a língua e a fala existe uma interdependência mútua, não dicotômica, como acreditava Saussure. A língua existe para a construção de instâncias da fala e o funcionamento da fala depende da língua. Conhece a cibernética de Norbert Wiener (1894-1964) que lhe ajudou a estudar o mecanismo da finalidade na linguagem, arranque final para a classificação das funções da linguagem.

Pode-se dizer que o que há de mais original na obra de Jakobson refere-se ao aprofundamento dos conceitos de metáfora (substituição de paradigmas) e metonímia (associação de paradigmas para formar sintagmas) e à ampliação da noção de similaridade e contigüidade. Esse entendimento permite-lhe dizer, por exemplo, que, no processo de aquisição da linguagem, a criança compreende antes mesmo de falar (ela reconhece o significado/significante), mas usa-o (fala) ao dominar o mecanismo de substituição (tradução de signos) e que a criação poética configura-se como a condição de um falante – de uma dada língua natural – construir (rapidamente) sintagmas.

## ANEXO II

### RUA DO ORFANATO

Fazia muito frio na rua onde morava.  
O rir era frio,  
O chorar também.  
Fazia frio no canto que se cantava,  
Na oração que se orava,  
Nas lágrimas que caíam pelo colo inafagado.  
Fazia muito frio na rua onde morava.  
Nas peraltices infantis  
Havia um pouco de frio humano,  
Que gelava almas, corações,  
Pois fazia muito frio na rua onde morava.  
O Sol batia forte, mas fazia frio.  
O suor escorria pela fronte avermelhada,  
Mas fazia frio.  
Não o frio que se aquece em chamas,  
Não o frio que mata,  
Não o frio que com calor se sana.  
Era o frio da alma,  
Que se aquece em chamas,  
Que mata,  
Que com calor se sana.  
Mas que se aquece  
Com chamas de calor materno,  
Que mata no inverno  
Da solidão humana.  
Minha rua fazia frio de fato,  
Era a rua de um orfanato.

(D`Eu, sem data)

Publicada 15/04/2005